UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

IVAN ROCHA DA SILVA

Não-finitude em Karitiana:
subordinação versus nominalização

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

IVAN ROCHA DA SILVA

Não-Finitude em Karitiana:
subordinação versus nominalização

TESE APRESENTADA AO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL DO DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA DA FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO PARA A OBTENÇÃO DO TÍTULO DE DOUTOR EM LINGÜÍSTICA.

ORIENTADORA:
PROFA. DRA. LUCIANA RACCANELLO STORTO

VERSÃO CORRIGIDA
"De Acordo" do orientador:
Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto

Ass: _____

São Paulo
2016

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

IVAN ROCHA DA SILVA

Não-finitude em Karitiana:
subordinação versus nominalização

Banca Examinadora:

Presidente: Profa. Dra. Luciana Raccanello Storto
Instituição: USP

Titular: Profa. Dra. Patience Epps
Instituição: UTEXAS/US

Titular: Profa. Dra. Bruna Franchetto
Instituição: UFRJ/Museu Nacional

Titular: Profa. Dra. Ana Paula Scher
Instituição: USP

Titular: Profa. Dra. Esmeralda Vailati Negrão
Instituição: USP

São Paulo
2016

ESTA TESE FOI FINANCIADA PELA FAPESP
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO
BOLSA NO PAIS: PROCESSO 2012/02769-7

BOLSA ESTÁGIO DE PESQUISA NO EXTERIOR - BEPE/FAPESP
FUNDAÇÃO DE AMPARO À PESQUISA DO ESTADO DE SÃO PAULO
BOLSA NO EXTERIOR: PROCESSO 2014/14044-2

To my son, my little "Pumpkinho" [põp̃.ˈkĩ.nʊ] , the little cat,

Ivan Vinicius

Agradecimentos

Primeiramente, agradeço à minha orientadora Luciana Storto por esses 10 anos de orientação (e aproximadamente 11 que a conheço), pelas disciplinas que cursei com ela, e, principalmente, pela amizade e por tudo que aprendi nesses anos de orientação. Também devo agradecer-lhe por me incentivar e me inspirar no mundo da linguística e no mundo acadêmico de forma geral. Sua ética como pessoa e como pesquisadora é admirável. Lembro que quando iniciei meus estudos na linguística, a intenção era debruçar no mundo da Arqueologia, e logo me enchi de sonhos e vontade de estudar "a evidência linguística" como hipótese do povoamento da América, uma área de interface pouco ou quase nada explorada no campo da arqueologia, foi quando fui falar com o professor de Arqueologia, Eduardo Neves (com quem estava estudando "Introdução à Arqueologia" e a quem agradeço muito por ter me falado da Luciana), sobre a possibilidade de iniciar um projeto nessa área; ele disse que não podia me orientar e, por isso, me indicou a Luciana. Eu já a conhecera, pois estava terminando o curso de fonologia com ela, e lembro dela falando sobre alguns fenômenos fonológicos em Karitiana; eu achava aquilo bastante interessante, mas ainda não era exatamente o que eu pretendia fazer. Então, fui timidamente e "desorientado" falar com ela. Em nossa primeira reunião e ela me apresentou várias possibilidades de pesquisa... dentre estas o tema Estrutura Argumental, eu comentei que queria fazer uma "ponte" com a arqueologia... segundo ela eu poderia iniciar uma IC e então na pós eu desenvolveria um projeto na arqueologia... e a partir de lá fui me distanciando da arqueologia e me sentindo cada vez mais feliz com a linguística, onde estou até hoje graças à Luciana. E, desde aquele tempo, estou eu aqui trabalhando com verbos em Karitiana. Outro ponto muito importante da Luciana foi que ela sempre foi compreensiva com as minhas dificuldades e sempre esteve pronta para ajudar a saná-las. Para mim, é e será um imenso orgulho levar essa "marca", ter sido orientando dela em todas as fases de minha formação. É claro que muitas vezes falhei e peço desculpas por isso, assumindo qualquer responsabilidade que essas falhas tenham ou venham interferir no trabalho. A Luciana sempre teve uma preocupação em nos projetar no mundo acadêmico, apresentando-nos para outros pesquisadores, de modo que conheci outras tantas pessoas interessantes

com quem aprendi muito também ao longo de minha jornada na linguística. Essa rede de conhecimento proporcionada pela Luciana me fez estabelecer amizades com pessoas maravilhosas e grandes pesquisadores da nossa área. Enfim, muito obrigado, Luciana, por tudo!

Agradeço à FAPESP por ter financiado a pesquisa que originou essa tese, com uma bolsa de doutorado no país, processo 2012/02769-7. Agradeço também pela bolsa BEPE/FAPESP, processo 2014/14044-2, que possibilitou a minha ida ao exterior para o estágio de pesquisa na Universidade do Texas.

Agradeço também à professora Pattie Epps, minha supervisora no estágio de pesquisa no exterior na Universidade do Texas, pelo suporte, amizade e orientação acadêmica, pelas leituras atentas do meu trabalho, por dispensar o seu tempo para discutir a minha pesquisa, pelas valiosas sugestões dadas ao meu trabalho durante o meu estágio lá e por ter tornado o ambiente da universidade, no Texas, um lugar agradável e de muito aprendizado. Agradeço também por ter aceito o convite para participar de minha banca.

Agradeço à professora Ana Müller, que também tem acompanhado a minha pesquisa desde o mestrado e em alguns momentos na IC, pelo suporte e ajuda acadêmica, e, principalmente, pela amizade. Agradeço ainda mais pelas valiosas sugestões e uma leitura atenta do meu relatório de qualificação, o que me ajudou muito na elaboração da versão final da tese. Também agradeço muito pelo suporte às minhas pesquisas de campo.

Agradeço à professora Ana Scher pelas valiosas contribuições na minha banca de qualificação e pelas contribuições que foram dadas à minha pesquisa e por proporcionar um ambiente agradável e de muito aprendizado durante o período em que frequentei o GREMD. Agradeço também por ter aceito a participar da banca de doutorado.

Agradeço à professora Esmeralda Negrão pelas contribuições a esta tese por meio de suas disciplinas na pós graduação e por ter acompanhado também a minha pesquisa desde o mestrado. Agradeço por ter aceito a participar, mais uma vez, da banca de doutorado.

Agradeço à professora Evani Vioti por todo o apoio que ela deu para o crescimento da pesquisa em línguas indígenas desde o período em que ela foi coordenadora da pós-graduação. Agradeço também pelo interesse na pesquisa com línguas indígenas e por nos incentivar à pesquisa de campo.

Agradeço à professora Bruna Franchetto por ter aceito o convite para fazer parte da banca de doutorado.

Agradeço à Professora Dra. Ana Vilacy Galucio, Museu Emílio Goeldi, pelas contribuições na banca de doutorado, o que contribuiu e de alguma forma delineou meu projeto de doutorado. Agradeço também aos demais pesquisadores

do Museu Goeldi por sempre contribuir com as nossas pesquisas, são eles: Denny Moore, Hein van der voort, Sergio Meira e Joshua Birchall.

Agradeço aos professores e às professoras do Departamento de Linguística da USP, um ambiente acadêmico que sempre vou me orgulhar de ter sido parte dele em toda minha formação acadêmica até aqui. Agradecimentos especiais às professoras e aos professores Didier Demolin, Marcello Modesto, Marcelo Barra, Thomas Finbow, Marcos Lopes, Olga Coelho, Marcelo Ferreira, Ronald Beline, Paulo Chagas, Cristina Altman, Norma Discini, Elaine Grolla, Waldir Beividas, Margarida Petter. Agradeço também aos funcionários do departamento que tornam nossas vidas mais práticas no dia à dia acadêmico: Érica, Robson e Denise.

Agradeço também aos professores e às professoras do Departamento de Linguística da Universidade do Texas, especialmente aos professores Nora England, Anthony Woodbury e Danny Law por terem me recebido em suas disciplinas como "auditor". Agradeço ainda aos funcionários do Departamento de Linguística/Utexas, especialmente Ms. Leslie Crooks e Mr. Benjamin Rapstine.

Nessa mesma linha, não poderia deixar de agradecer à minha super amiga e companheira de pesquisa desde o mestrado, Fernanda Nogueira. Além de sua verdadeira amizade, a Fernanda também sempre fez grandes contribuições à minha pesquisa através de nossas ligações temáticas: "estrutura argumental" e então "orações não-finitas" (o dilema da nominalização, ser ou não ser subordinada, eis uma questão de finitude... ou melhor um infinito enigma). Também agradeço muito a ela pela leitura atenciosa de minha tese.

Agradeço às minhas amigas, colegas e companheiras de trabalho de campo Karitiana: Karin Vivanco e Luciana Sanchez. Agradeço pelas suas companhias na caminhada em busca de "açai da terra" e em busca do restaurante "mais em conta" para os nossos almoços com os colaboradores. Quero agradecer a essas duas amigas e pesquisadoras pelas contribuições que as pesquisas delas têm proporcionado à minha tese.

Agradeço muito também à Janayna Carvalho pelas contribuições, especialmente, nos Enapóis.

Agradeço também aos Karitiana, nossos colaboradores que se tornaram amigos ao longo desses anos, João, Inácio, Cláudio, Orlando, Elivar, Sarita, Luiz, Carlos Alberto, Cledson, Sandra, Maria de Fatima, Marilena, Edimilson, e Paulo. Principalmente, agradeço ao Cláudio, Luiz, Elivar e Orlando por nos ensinar um pouco das nuances do Karitiana, como "palavrões" e coisas que não se dizem em uma sessão de elicitação ou não se vêem nos textos.

Agradeço aos amigos e colegas da pós, membros do GREMD, por terem me recebido e contribuído com a minha pesquisa: Vitor, Janayna, João Paulo, os

professores Rafael Minussi, Julio Barbosa e Alessandro Medeiros; as professoras Indaiá Bassani, Paula Armelin, Aline Garcia, e principalmente à professora Ana Scher.

Agradeço aos amigos que me apoiaram e me receberam carinhosamente fazendo me sentir em casa quando fui a eventos ou a trabalhos de campo: em Rondônia, Célio, Helena, Luciana e Henrique; e em Natal, a dona Edilma, Luane e a Jane, pelos maravilhosos dias em Natal durante a ABRALIN.

Quero agradecer especialmente ao meu pequeno Ivan Vinicius pela alegria e uma nova concepção de vida que ele tem me proporcionado, principalmente por eu ter acompanhado alguns momentos de sua aquisição da linguagem, pois como linguista, a linguagem é o fenômeno que, particularmente, é o mais bonito e mais enigmático e surpreendente do ser humano. Agradeço muito a minha namorada Louisa West pelo carinho, compreensão, paciência e pelo companheirismo. E, mais do que tudo, agradecer a ela por ter me dado o melhor presente da vida, meu "little pumpkinho", e por ser a melhor mãe que nosso bebê poderia ter "ever". Agradeço também ao seu vovô, Donald West, por ser o melhor avô que nosso bebê pode ter, e também agradeço à "his uncle" Kent por sempre dar aquela força. Agradeço ainda à Louisa pelas contribuições ao meu trabalho, lendo meus textos em inglês e me ajudando a ganhar confiança para escrever usando essa língua.

Agradeço à minha família pelo apoio e paciência durante esse longo e árduo período da vida acadêmica, especialmente aos meus pais, Antonio, Cleusa e Carmosina; aos meus irmãos e "primo-irmãos" Carlos, Yara, Neide, Maria Aparecida, Tena, Adelson, Adeilton, Wilson, Siana, Baixo, Van, Chris, Mony, Ray, Elizete, Luizete, Valmor, Andrinho, Bartô, Ney, Val, Luiz... é grande a lista! Aos meus queridos sobrinhos, Luisa, Vitoria, Isabelle, Isabela.

Agradeço aos irmãos que ganhei no CRUSP, especialmente por compartilharmos muitos momentos especiais juntos, como aqueles famosos cafés da tarde e da madrugada:

Ao primeiro agrupamento, Paulo, Maraca, Fernanda Nogueira, Luciana Borges, e Gleidson, e Carol Alves e Leo, Lorena... ainda no famigerado 501, onde tivemos momentos incríveis de estudo e de lazer. Nossas festas e nossas "cabocagens".

Ao segundo agrupamento, Gleidson e Ademar, quando me mudei para o 506, parte 1... Sempre foi uma grande honra dividir um apartamento com vocês.

Ao agrupamento intermediário, Ademar e Paul Clivilan, 506 parte 2... "Doutoram-se" Gleidson e Ademar. Agradeço muito por sempre termos um ambiente muito agradável e de compartilhamento.

Ao terceiro agrupamento, aos meus atuais queridos amigos e irmãos Paul e Ignacio, 506 parte 3... Aproveito e agradeço muito ao Paul pelo companheirismo

e cafés "madrugadeiros", especialmente, nessa fase quase final. Outro especial agradecimento para o Ignacio e Jane por terem me dado um afilhado e sobrinho e pela companhia nessa fase super final da tese, o que fez do 506 nesse período um ambiente agradável e familiar, quebrando a solidão e o vazio desse apartamento no período de férias .

Aos agrupamentos Anexos, Diego Medeiros (aos nossos mijos customizados), Jodonai (o cara que estuda línguas mortas e não é linguista nem filólogo, embora os linguistas também tenham de "dissecar" as línguas), Jane Roberta (o espaço banal, miss maruim), Denise (outra companheira fiel do café, miss quilombo), Lucia (também companheira fiel do café, miss algodão colorido), Igor, Suzana (pelos cafés e conversas), Gustavo (o diabinho), Fran (cafés e cachimbos), Fábio, Juliana (a censuradora), Thiago (meu imaginário arqui-inimigo da virada etílica), Michel, Richard, Eudes. Agradeço a todos vocês por fazerem do quinto andar um lugar maravilhoso, e pela força, amizade, companheirismo, ajuda, compartilhamento e por tornarem nosso ambiente, um espaço "comunitário".

Agradeço também aos amigos e colegas dos grupos de Línguas Indígenas e de Semântica Formal: Karin, Carol, Fernanda, Thiago, Luiz, Lu-Sanchez, Lara, Lucas, Tarcisio, Juliana, Joana, Karolin, Jessica, Wallace.

Agradeço ainda à Angela Chagas, Marília Ferreira, Malu Freitas, Thiago Coutinho e muitos outros amigos que passaram por aqui ou que fizemos disciplinas, participamos de eventos juntos.

Agradeço aos amigos que fiz em Austin/TX pelos bons momentos lá, são eles Gunar e Tanisia, Clayton e Kristen, Ana Paula, Fabricio, Ajala, Desire, Carlos, Daniel, Jaime, Natalia.

Agradeço também aos amigos de desde a época da graduação por a nossa amizade, ainda que eu não tenha ido aos encontros, a amizade por vocês continua a mesma: Paty, Silvio, Tatiana, Karol, Mari, Paulo, Pericles, Jacqueline, Dan, Priscila, Renata, Deydi, Cassia, Jarbas, Vinicius.

Resumo

Rocha, Ivan. *Não-finitude em Karitiana: subordinação versus nominalização*. 219f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de São Paulo, 2016.

A meta da presente tese é analisar as orações não-finitas em Karitiana. Esta é uma língua Ameríndia falada atualmente por 400 pessoas que habitam a Terra Indígena Karitiana. A reserva Karitiana está localizada a 95 quilômetros ao sul da área urbana de Porto Velho, Rondônia, Brasil. A língua é a única representante do ramo Arikém, família Tupi. A presente pesquisa investiga as diferenças entre as orações subordinadas que funcionam como orações subordinadas adverbiais, relativas e completivas, bem como a nominalização oracional e as orações infinitivas marcadas pelos sufixos {-pa} e {-p}, respectivamente. Apesar de a língua não apresentar morfologia de tempo, modo ou concordância em subordinadas, ela possui várias outras características, tais como núcleos aspectuais, voz, variação na ordem de palavras (SOV ou OSV), morfologia de foco do objeto, o que sugere que se trata subordinação e não nominalização (Storto 1999, Storto 2012, Vivanco 2014). Mostramos ainda que as orações encaixadas Karitiana podem ser modificadas por advérbios, negação e evidenciais que estão associados a orações ou sintagmas verbais. Esta pesquisa levantou uma discussão que tem sido amplamente abordada na literatura sobre as orações subordinadas não-finitas em línguas Ameríndias. A literatura sobre essas orações não-finitas mostra que muitos autores que assumem que elas são nominalizações utilizam dois argumentos: (1) a falta de traços finitos e (2) o fato de algumas línguas exibirem marcas de caso. Os argumentos com base no item (2) supramencionado não parece muito convincentes para assumirmos uma análise de nominalização em Karitiana, visto que orações subordinadas finitas em várias línguas podem ser usadas como complemento verbal e receber marcas de caso. A nossa análise apresentada nesta tese assume que a falta de traços finitos não significa necessariamente que estas orações sejam nominalizadas porque elas exibem em suas estruturas várias características de orações ativas, tais como núcleos funcionais de voz, aspecto, advérbios, negação e evidenciais. Tipologicamente, esses núcleos funcionais estão associados a orações ou a sintagmas verbais. E, internamente à língua, eles estão também relacionados a orações ou a sintagmas verbais tanto em ambientes finitos quanto em ambientes não-finitas.

Palavras-chaves: Subordinação; Nominalização; Estrutura Argumental; Karitiana; Línguas Indígenas.

Abstract

Rocha, Ivan. *Non-finiteness in Karitiana: subordination versus nominalization*. 219pp. Dissertation (PhD in Linguistics) – Universidade de São Paulo, 2016.

The main aim of this dissertation is to analyze non-finite clauses in Karitiana. Karitiana is an endangered Amerindian language spoken today by approximately 400 people who live in a reservation located 59 miles south of the urban area of Porto Velho, the capital of the state of Rondônia, Brazil (Amazonian region). The language is the unique representative of the Arikém branch, one of the ten linguistic groupings identified inside the Tupian family. The current research investigates differences among embedded clauses that function as adverbial, relative, and complement clauses in Karitiana, as well as nominalization and infinitival embedding marked respectively by the suffixes {-pa} and {-p}. Even though subordinate clauses in Karitiana do not display any finite morphology of agreement, tense, or mood, it is true that the language shows many other functional heads such as morphemes of causativization, passivization, and object focus construction, as well as aspectual nuclei, and word order variation (SOV, OSV), suggesting that they are clauses and not nominalizations (Storto 1999; Vivanco 2014). Furthermore, we show that Karitiana embedded clauses can be modified by adverbs, negation and evidentials that are associated with clauses or verbal phrases. The literature on non-finite clauses in Amerindian languages shows that many specialists in these languages have claimed that these clauses are nominalized based on two arguments: (1) lack of finite traits and (2) the fact that some of these languages display case-marking. The argument that the presence of case-marking in subordination characterizes them as nominalizations seems to be unconvincing because finite subordinate clauses in several languages can be used as verbal complement and can be marked with case. In our analysis, the lack of finite features also does not necessarily mean that these clauses are nominalizations, since Karitiana subordinate clauses exhibit other properties of active clauses such as functional heads: voice, aspect, adverbs, negation, and evidentials. Typologically, these functional heads are associated with clauses and, internally to the language, they are also correlated with clauses and verbal phrases, functioning either in matrix clauses or in subordinate clauses.

Key-words: subordination, nominalization, argument structure, Karitiana, Tupian Languages.

Sumário

Agradecimentos	vi
Resumo	xi
Abstract	xii
Glosas	xix
Abreviaturas	xxi
1 Introdução	1
1.1 Apresentação	1
1.2 A língua e o povo	3
1.2.1 Karitiana dentro do grupo Tupi	6
1.3 A tese do trabalho	7
1.4 Objetivos	7
1.4.1 Objetivos específicos	8
1.5 Problematização e justificativa	8
1.5.1 Orações matrizes versus encaixadas	10
1.5.2 Orações matrizes:	11
1.5.3 Orações encaixadas	12
1.6 Metodologia	15
1.7 Considerações finais do capítulo e sumário	21
2 Background: um olhar translinguístico sobre finitude	23
2.1 Introdução ao capítulo	23
2.2 Finitude em algumas línguas asiáticas	23
2.2.1 Nominalização em Tibeto-Burmanês	23
2.2.2 Características tipológicas de chantyal e da família Tamangic	24
2.2.3 Versatilidade das nominalizações em japonês	30
2.2.4 Orações relativas de núcleos interno e externo do japonês	32

2.2.5	Orações RNIs e Adverbiais em japonês	33
2.2.6	Versatilidade das nominalizações em coreano	35
2.2.7	Nominalização e subordinação em algumas línguas chinesas	37
2.2.8	Desenvolvimento do nominalizador ZHE e SUO no chinês antigo e médio	37
2.2.9	Nominalização de orações relativas em mandarim e cantonês	40
2.3	(Não-)Finitude em algumas línguas amazônicas	43
2.3.1	Introdução à seção	43
2.3.2	Orações matrizes em Movima	43
2.3.3	Sintagmas referenciais	44
2.3.4	Verbos em frases referenciais	45
2.3.5	Nomes e verbos	46
2.3.6	Orações subordinadas em Movima	47
2.3.7	Orações encaixadas e nominalização em Mëbengokre . .	48
2.4	Breve discussão sobre finitude	53
2.5	Considerações finais e sumário do capítulo	56
3	Estrutura Argumental I: fundamentos teóricos	57
3.1	Introdução ao capítulo	57
3.2	A proposta de teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser .	57
3.2.1	Tipos de projeções argumentais	57
3.2.2	Os núcleos verbalizadores (V1) e (V2) e a raiz (R) . . .	64
3.2.3	O especificador interno	65
3.2.4	A operação de <i>conflation</i>	66
3.2.5	A estrutura diádica básica e os verbos <i>location</i> e <i>locatum</i>	69
3.2.6	Estruturas diádicas básicas: diferenças semânticas . . .	70
3.3	A proposta de núcleos aplicativos de Pylkkänen	71
3.3.1	Aplicativos altos e baixos	74
3.3.2	Interpretando aplicativos altos e baixos	75
3.3.3	Correlação entre Restrição de Transitividade e a Semântica do verbo	78
3.3.4	Diagnóstico com verbos inergativos e verbos estativos .	79
3.4	Considerações finais do capítulo	83
4	Estrutura Argumental II: descrição e análise dos verbos em Karitiana	84
4.1	Introdução ao capítulo	84

4.2	Testes morfofossintáticos para identificar classes verbais	85
4.2.1	O padrão de concordância	85
4.2.2	Alternância causativo-incoativa	87
4.2.3	Passivização impessoal com o morfema {a-}	88
4.2.4	Construções de cópula como um teste morfofossintático	90
4.3	As classes verbais Karitiana analisadas à luz da proposta teórica de Hale e Keyser (2002)	93
4.3.1	Verbos diádicos compostos em Karitiana: inacusativos	94
4.3.2	Verbos diádicos compostos com objeto oblíquo	96
4.3.3	Os verbos anticausativos e a estrutura diádica composta	100
4.3.4	Verbos transitivos: estrutura monádica	104
4.3.5	Verbos diádicos básicos: bitransitivos	106
4.4	Adicionando argumentos à estrutura básica do verbo em Karitiana	109
4.4.1	Construção aplicativa alta em Karitiana	110
4.4.2	Construções aplicativas baixas em Karitiana	113
4.4.3	Estrutura para os verbos do tipo <i>so'ooot</i>	116
4.5	Considerações finais do capítulo	117
5	Morfossintaxe e os núcleos funcionais em ambientes sintáticos subordinados	119
5.1	Introdução ao capítulo	119
5.2	Aumento e diminuição de valência em subordinadas	123
5.2.1	Aumento de valência em subordinadas	124
5.2.2	Diminuição de valência em subordinadas	126
5.3	Núcleos funcionais de aspecto em orações subordinadas	128
5.3.1	Aspecto imperfectivo	132
5.3.2	Aspecto perfectivo	139
5.3.3	O auxiliar aspectual <i>oko</i> como um operador aditivo (repetindo eventos)	141
5.4	O morfema adverbializador	143
5.5	Advérbios modificando orações subordinadas	149
5.5.1	Propriedades dos advérbios	149
5.5.2	Ordem dos advérbios em Karitiana: em orações matrizes	151
5.5.3	Modificação adverbial em Karitiana: em subordinadas	153
5.6	Negação modificando orações subordinadas	157
5.7	Evidenciais em orações subordinadas	161
5.7.1	Evidenciais modificando orações matrizes	162
5.7.2	Evidenciais em orações subordinadas	164
5.7.3	Evidenciais com cópulas	167

5.8	Considerações finais do capítulo	169
6	Orações subordinadas em Karitiana: funções e tipos	170
6.1	Introdução ao capítulo	170
6.2	Orações relativas	170
6.2.1	Tipos de relativas	175
6.2.2	Relativas de objeto direto	176
6.2.3	Relativas de objeto oblíquo	177
6.2.4	Relativas de sujeito de verbo intransitivo	177
6.3	Orações subordinadas completivas	178
6.3.1	Relativas versus completivas: diferenças e semelhanças .	179
6.4	Orações subordinadas adverbiais	181
6.4.1	Orações subordinadas adverbiais	182
6.4.2	Orações subordinadas adverbiais sem núcleos aspectuais	184
6.4.3	Uma reanálise do "complemento" da cópula como uma orção adverbial	185
6.5	Orações subordinadas de finalidade ("purposivas")	198
6.6	Nominalização em Karitiana	202
6.6.1	Nominalização de raízes verbais com {-pa}	204
6.7	Considerações finais do capítulo	205
7	Conclusão	207
	Referências	213

Lista de Tabelas

1.1	Padrão de concordância absoluta	11
1.2	da língua-objeto (L1) para a meta-língua (L2)	16
1.3	Da meta-língua (L2) para língua-objeto (L1)	16
1.4	Julgamento de gramaticalidade de sentenças na língua-objeto (L1)	17
1.5	Trabalho de Campo	19
1.6	Coletânea de texto Karitiana	20
1.7	Representação dos exemplos	21
2.1	Artigos em Movima	45
3.1	Predições para diagnósticos aplicativos	82
4.1	O verbo transitivo concorda com o objeto (modo declarativo)	85
4.2	O verbo transitivo concorda com o objeto (modo assertivo)	86
4.3	O verbo intransitivo concorda com o sujeito (modo declarativo)	86
4.4	O verbo intransitivo concorda com o sujeito (modo assertivo)	86
4.5	Resumo dos testes morfossintáticos	92
4.6	Verbos anticausativos	101
5.1	Núcleos funcionais de aspecto versus tipos de predicados verbais quanto à valência	131
5.2	Regra de lenição em Karitiana (Storto 1999)	146
6.1	Derivando novas palavras em Karitiana	205
7.1	Propriedades morfossintáticas e semânticas	209

Lista de Figuras

1.1	Mapa de Áreas Indígenas no Brasil	4
1.2	Mapa de Rondônia com detalhes para a TI Karitiana	5
1.3	Classificação interna da família Tupi.	6

Glosas

< V >	vogal epentética
1	primeira pessoa do singular
2	segunda pessoa do singular
3	terceira pessoa do singular
3ANAF	terceira pessoa anafórica
AB	absential
ABS	concordância absoluta
ACC	acusativo
ADJZR	adjetivizador
ADV	advérbio
ADVZR	adverbializador
ALL	allativo
ANT	anterior
ANTER	aspecto perfectivo de anterioridade
ART	artigo
ART.N	artigo neutro
ASP	aspecto
ASSERT	modo assertivo
ATT	atributivo
AUM	aumentativo
CAUS	causativo
CFO	construção de foco do objeto
CFOD	construção de foco do objeto em declarativa
CIT	modo citativo
CL	classificador
COP	cópula
DAT	dativo
DECL	modo declarativo
DEM	demonstrativo
DES	desiderativo
DIR	direto
DR	voz direta
DSC	descontínuo
DUR	durativo
ERG	ergativo
EVENT	evento
EVID	evidencial
F	feminina
FIN	traços de finitude no verbo

FUT	tempo futuro
GEN	genitivo
GER	gerúndio
HON	honorífico
IMPERF	aspecto imperfectivo
INDIR	indireto
INF	infinitivo
INTR	intransitivo
INV	voz inversa
LOC	locativo
LV	vogal de ligação
MD	média
MOD	modal
MOT	movimento
N	neutra(o)
NEG	negação
NFUT	tempo não-futuro
NMZR	nominalizador
NOM	caso nominativo
NPAST	tempo não passado
OBL	oblíquo
OP	operador
PART	nominalizador particípio
PAST	passado
PASV	passiva impessoal (intransitivizador)
PERF	aspecto perfectivo
PL	plural
POSP	posição
POST	posterior
PRES	tempo presente
PROG	progressivo
PRT	partícula
Q	perguntas Qu-
REL	relativizador
SFP	partícula de final de sentença
SG	singular
SITT	posição do corpo sentado
STAND	posição do corpo em pé
STD	em pé
SUB	aspecto perfectivo subsequente
SUP	supino/deitado
SUPP	suposicional
THEM	tema
TOP	tópico

Abreviaturas

A	núcleo adjetival
Adv	advérbios
Appl	aplicativo
Asp	núcleo aspectual
AspP	sintagma aspectual
bitrans.	verbo bitransitivo
C	complementizador
Caus	causativizador
Comp(l)	complemento
DP	sintagma determinante
I	núcleo flexional
inac.	verbo inacusativo
inerg.	verbo inergativo
intrans.	verbo intransitivo
IP	sintagma flexional
N	núcleo nominal
NP	sintagma nominal
O	objeto
P	núcleo preposicional ou posposicional
PP	sintagma preposicional
QU-	interrogativa
R	raiz
RNE	relativa de núcleo externo
RNI	relativa de núcleo interno
S	sujeito
SN	sintagma nominal
Spec	especificador
trans.	verbo transitivo
V	verbo
VP	sintagma verbal

Capítulo 1

Introdução

1.1 Apresentação

A dissertação de doutorado intitulada *Não-finitude em Karitiana: subordinação versus nominalização* descreve as estruturas das cláusulas dependentes que funcionam como uma oração subordinada. Os tipos de cláusulas em discussão nesse trabalho são: (i) as orações relativas, (ii) as orações que funcionam como complemento (completivas), (iii) as orações que funcionam como modificadores/adjuntos (adverbiais) e (iv) aquelas que são "complementos" de orações copulares. É possível ainda mencionar dois outros tipos que são as orações que funcionam como (v) demonstrativos e (vi) quantificadores universais. No entanto, esses dois últimos itens não estarão em foco nesse trabalho.

Translinguisticamente, finitude é um tema muito instigante e, especialmente dentre as línguas não-indoeuropeias, há muito a se investigar a fim de buscar uma melhor resposta ao desafio que essas línguas impõem para o campo da linguística, especialmente para aqueles que trabalham com o tema sobre finitude.

No que diz respeito às línguas nativas da Amazônia, muitos especialistas têm alegado que essas línguas apresentam simplesmente um sintagma nominalizado no lugar de uma oração subordinada plena. Mais especificamente, essas línguas

apresentam um VP sem a típica morfologia verbal como concordância, tempo e modo. Muitos linguistas alegam que se trata de uma forma nominalizada, seja pela presença de um morfema nominalizador ou simplesmente pela ausência de marcas finitas no verbo. Devido a esse padrão nessas línguas, alguns linguistas têm proposto tais características como um traço areal das línguas da Amazônia (cf. Campbell 2012: 259–330).

Por muitos séculos, gramáticos, filólogos e linguistas se empenharam no estudo em torno do tema finitude verbal. Assim, o sistema verbal era dividido em duas classes pelos estudiosos da gramática do latim: *verba finita*, que eram as formas definidas ou determinadas por pessoa e número; e *verba infinita*, que eram as formas indeterminadas ou indefinidas. As formas não-finitas de um verbo em latim incluíam infinitivos, participípios, gerúndios e supinos (cf. Nikolaeva 2007: cap. 1).

Inicialmente, a distinção finita/não-finita em latim foi motivada pela presença/ausência de concordância (pessoa e número), depois outras categorias verbais foram levadas em conta, como a marcação de tempo no verbo (Nikolaeva 2007: 1). Segundo Huddleston (1988: 44), a definição de um verbo é limitada pela presença das propriedades de pessoa, número e tempo. Em Hogg, Blake, Lass, Algeo, e Burchfield (1992: 541), o termo finito descreve um verbo que é marcado por tempo e número.

Translinguisticamente, as línguas têm mostrado que os principais traços relacionados à finitude como tempo e concordância não são categorias universais, uma vez que essas características estão ausentes em um número considerável de línguas (ver Nikolaeva 2007; Noonan 1992).

1.2 A língua e o povo

A língua Karitiana é falada como língua por aproximadamente 370 falantes nativos, que habitam a Terra Indígena Karitiana (TIKtn) localizada no estado de Rondônia (ver figuras 1.1 e 1.2) , a 95 quilômetros ao sul de Porto Velho. Atualmente, o povo Karitiana vive em cinco aldeias: a aldeia *Kyõwã* (central), Bom Samaritano, *Byjyty Osop Aky*, Joarí e Igarapé Preto. Ressalta-se que oficialmente só há uma terra demarcada e duas destas aldeias estão fora da área demarcada.

O povo Karitiana usa o Karitiana como sua língua materna e o português como segunda língua. Atualmente na TI Karitiana foram implementadas as escolas de ensino fundamental e médio, onde eles recebem uma educação bi-língue em Karitiana-português e em cultura Karitiana, além da grade curricular básica oferecida pelo sistema educacional brasileiro. Contudo, alguns Karitiana vão para a cidade estudar em escolas comuns da rede estadual e municipal de Rondônia, principalmente em Porto Velho, onde está localizada a Associação do Povo Indígena Karitiana – AKOT PYTIM’ ADNIPA, a fim de buscar melhores oportunidades de educação e inclusão.

Dentre alguns Karitiana que vão para a cidade estudar estão aqueles que buscam ensino técnico em escolas do SENAI e outras escolas técnicas da região, alguns outros buscam os cursos superiores de formação de professores e gestores de escolas. Um exemplo do último caso é o curso de licenciatura intercultural oferecido na Universidade Federal de Rondônia - UNIR, campus de Ji-Paraná.

Figura 1.2: Mapa de Rondônia com detalhes para a TI Karitiana

1.2.1 Karitiana dentro do grupo Tupi

Karitiana é a única língua representante do ramo Arikém, família Tupi (Storto 1999). A literatura sobre a família Tupi reporta outras duas línguas extintas dentro desse ramo, que são as línguas (†)Arikém e (†)Kabixiana (Rodrigues 1986). De acordo com Landin (1984), Curt Nimuendaju teria publicado uma lista de quinhentas palavras e frases em (†)Arikém, que de acordo com Everett (2006), essa lista sugeria uma alta percentagem de cognatos lexicais entre (†)Arikém e Karitiana. Storto e Baldi (1994) descreveram a reconstrução das vogais do Proto-Arikém.

Figura 1.3: Classificação interna da família Tupi.

(figura de Galucio e Nogueira 2011)

A língua Karitiana tem sido foco de interesse de diversos pesquisadores em linguística e antropologia. Segundo Storto e Demolin (2005), essa foi a primeira língua Tupi a ter o sistema de acento tonal completamente descrito. Segundo os autores, as línguas Tupi têm uma contribuição importante a fazer para um melhor entendimento da tipologia de tom e universais porque dentro do grupo Tupi há línguas tonais, línguas de acento tonal e línguas sem tom. Em sintaxe, a língua apresenta o efeito V-2¹, uma ampla variação na ordem de constituintes, verbos

¹Movimento do verbo, nas orações principais, para a segunda posição estrutural C (compl.).

nus nas subordinadas, relativas de núcleo interno, verbos finais em encaixadas (SOV e OSV), posposições, etc. (Storto 1999, 2012b; Vivanco 2014). Em termos semânticos, a língua apresenta SN nu, reduplicação e supleção de raízes para plural de eventos (Coutinho-Silva 2008; Müller e Doron 2012; Müller e Negrão 2012; Müller e Sanchez-Mendes 2008; Müller, Storto, e Coutinho-Silva 2006a, 2006b; Storto 2012a).

1.3 A tese do trabalho

Vamos defender a tese de que Karitiana exhibe orações subordinadas ao invés de nominalização de cláusulas. É fato que a língua não apresenta marcas de finitude como concordância, tempo e modo nas subordinadas. Contudo, argumentamos que existem outras propriedades em orações em ambientes encaixados que as caracterizam como orações subordinadas.

1.4 Objetivos

A presente dissertação de doutorado contempla o estudo da finitude em Karitiana em uma perspectiva descritivista. Esse trabalho analisa as orações encaixadas/dependentes em Karitiana, tais como as orações relativas, completivas, adverbiais, e "complemento" de cópulas como sendo orações subordinadas. Pretende-se, ainda, descrever a estrutura argumental, a nominalização clausal, a subordinação e os diferentes tipos de encaixamentos na língua, contextualizando os dados do Karitiana com dados de outras línguas sulamericanas e algumas línguas asiáticas.

1.4.1 Objetivos específicos

1. Descrever as estruturas das orações encaixadas: relativas, completivas, adverbiais, complemento de cópula e infinitivas;
2. Descrever a estrutura argumental em Karitiana, considerando que o padrão verbal em orações matrizes mantém-se nas orações encaixadas, sendo possível verificar processos tais como: causativização e passivização; argumentar que uma estrutura argumental bem definida em ambientes subordinados deve ser considerada como evidência de que essas construções não sejam apenas um NP;
3. Discutir a presença ou ausência do morfema nominalizador {-pa} como uma das evidências de que nem todas as orações encaixadas são nominalizações;
4. Descrever a mini-orção em construção de cópula como uma estrutura nominalizada e adverbializada;
5. Descrever os núcleos funcionais de aspecto e mostrar que eles podem funcionar como uma das evidências de que essas orações não são um NP, resultante de um verbo nominalizado;
6. Por fim, discutir as evidências que levariam a analisar as orações não-finitas do Karitiana como sendo subordinadas, ainda que falte em suas formações morfologia típica de orações finitas (como concordância e tempo).

1.5 Problematização e justificativa

Considerando que pesquisas sobre finitude em línguas amazônicas estão ainda incipientes, essa pesquisa pretende trazer novos fatos que visam dar contri-

buições para o conhecimento das línguas indígenas, em especial àquelas situadas na região amazônica, nos estudos relacionados à subordinação e à nominalização de cláusulas. Além disso, Karitiana mostra dados interessantes que podem trazer novos elementos aos estudos tipológicos, levantando uma discussão pertinente sobre a presença ou ausência de orações subordinadas em línguas da América do Sul.

Muitos especialistas em línguas amazônicas têm alegado que o uso de nominalização ao invés de subordinação constitua um traço areal nas línguas dessa região (Campbell 2012). Examinando algumas das línguas amazônicas, é possível observar uma grande variação no que diz respeito às orações encaixadas nessas línguas, podendo faltar um ou mais traços de finitude; algumas apresentam um morfema nominalizador aberto enquanto outras não. As orações não-finitas que não usam um morfema nominalizador aberto são nominalizadas por meio de uma estratégia chamada nominalização zero (*zero nominalization*).

Karitiana apresenta uma assimetria entre as orações matrizes e encaixadas. Karitiana marca modo, tempo e concordância nas orações matrizes enquanto nas encaixadas o verbo é nu, sem tempo ou concordância. Quanto à ordem de constituintes, a língua sempre exhibe a posição verbo-final em ambientes encaixados, já na matriz o uso tanto pode ocorrer na primeira quanto na segunda posição (ver Storto 1999, 2012b; Vivanco 2014).

Línguas como Mëbengokre apresentam o verbo completamente nu. A análise apresentada por Salanova (2011) é de que essa língua tem suas orações encaixadas nominalizadas, visto que a assimetria entre uma oração matriz e uma encaixada é bastante grande, não havendo nenhuma marcação de finitude no verbo encaixado. Por outro lado, Movima, uma língua boliviana isolada, marca pessoa, tempo, voz inversa, voz direta e apresenta subordinador na oração

encaixada. Além disso, existem em Movima subordinadores introduzindo a oração do ambiente encaixado (Haude 2011a, 2011b). A língua Movima é um caso bastante interessante e que deve ser considerado em nossa discussão pelo fato de a língua apresentar características de subordinação e de nominalização ao mesmo tempo: subordinadas podem ter marcas de tempo, pessoa, modo e subordinador. A autora analisa essas orações como orações referenciais e diz que se trata de nominalização, embora a autora ressalte que, na verdade, as orações encaixadas em Movima têm mais propriedades finitas do que as orações matrizes.

Comparando a língua Karitiana com outras línguas amazônicas, e considerando os traços morfossintáticos, vamos argumentar a favor de uma análise de que as orações encaixadas em Karitiana são instâncias de subordinação ao invés de nominalização. Contudo, a língua exibe também nominalização e quando isso acontece, a língua apresenta um morfema nominalizador {-pa} que nominaliza verbos e adjetivos lexicalmente bem como nominaliza sintagmas verbais (verbo-objeto). Se adotássemos uma análise contrária, como explicaríamos o porquê de a língua não fazer uso desse nominalizador em todas as orações encaixadas, mas apenas em alguns casos?

1.5.1 Orações matrizes versus encaixadas

A língua Karitiana apresenta uma estrutura argumental bem definida tanto na matriz quanto na subordinada. O verbo sempre ocorre no final e quando há mudança na ordem dos argumentos em relativas a língua apresenta uma marcação especial no verbo, como é o caso da marcação de foco do objeto {ti-} (ver Storto 1999, 2012b; Vivanco 2014).

A seguir apresentamos uma tabela com as marcas de concordância absoluta

(Storto 2002):

Tabela 1.1: Padrão de concordância absolutiva

Flexão	Declarativas	Não declarativas
Primeira pessoa singular	y-	y-
Segunda pessoa singular	a-	a-
Primeira pessoa inclusiva	yj-	yj-
Primeira pessoa exclusiva	yta-	yta-
Segunda Pessoa plural	aj-	aj-
Terceira pessoa singular/plural	ø-	i-

Os exemplos, apresentados a seguir, mostram mais detalhes relacionados ao tema desse trabalho. Estes dados são uma pequena amostra das estruturas discutidas em nossa tese. Observe os exemplos de (1) a (13), considerando o fato de que todas essas estruturas apresentam marcas de finitude como concordância e tempo nas orações matrizes (1-5) enquanto concordância e tempo estão ausentes nas orações encaixadas (6-13).

1.5.2 Orações matrizes:

Modo assertivo: (CONC-MODO-PASV-STEM-TEMPO)

- (1) ø-pyr-a-m-'ot-<y>n kinda'o
 3-ASSERT-PASS-CAUS-cair-NFUT fruta
 "Derrubaram a fruta."

Modo declarativo: (CONC-MODO-STEM-TEMPO)

- (2) yn aj-ta-ahoj-ø ajxa
 eu 2p-DECL-rir-NFUT vocês
 "Eu ri de vocês."

(Storto 2010)

- (3) yjxa ø-na-oky-t him
 nós 3-DECL-matar-NFUT caça
 "Nós matamos caça."

(Osiipo, Cizino Karitiana, gravada, transcrita e traduzida por Luciana Storto)

Modo declarativo: (CONC-MODO-PASV-CAUS-STEM-TEMPO)

- (4) ø-na-a-m-so'oot-ø Claudio boet-<e>ty
 3-DECL-PASV-ver-NFUT Claudio colar-OBL
 "Fizeram o Claudio ver o colar."

(Rocha 2011)

Modo declarativo com foco do objeto: (CONC-FOCO-MODO-STEM-TEMPO)

- (5) João ø-a-ta-ahoj-ø i
 João 3-CFOD-DECL-rir-NFUT ele
 "Ele riu do João."

(Storto 2010)

1.5.3 Orações encaixadas

O dado em (6) é ambíguo entre uma estrutura de relativa e uma estrutura de completiva, na qual o complemento do verbo da matriz *so'oot* 'ver' é a oração encaixada *tasō ãwã mi*. O complemento oracional é introduzido pela posposição {-ty}.

Ambiguidade entre uma oração Relativa e completiva SOV

- (6) yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [tasō ãwã mi]-ty
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-NFUT homem criança bater-OBL
 "Eu vi o homem que bateu na criança" (Relativa)

"Eu vi o homem bater na criança." (Complemento factivo)

(Storto 1999)

O exemplo (7) mostra a ocorrência da marca de foco e aspecto em uma estrutura relativa. A focalização do objeto na oração relativa aqui elimina a ambiguidade entre um complemento factivo e um indivíduo, pois a única leitura possível é de uma relativa.

Cláusula Relativa [[[OSV]ASP]ASP]

- (7) yn ø-na-otet-ø [[’ip òwã ti-’y] pasagngã
eu 3-DECL-cozinhar-NFUT peixe criança CFO-comer IMPERF.POST
tyka]
IMPERF.MOT
’Eu cozinhei o peixe que a criança vai comer.’

Uma oração adverbial em Karitiana ocorre em uma posição de adjunção. Esta oração pode ocorrer no início ou no fim, após a oração matriz, e é introduzida pelo morfema adverbializador {-t}, que também ocorre em advérbios e na mini-oração "complemento" da cópula (ver o exemplo (8)).

Oração adverbial

- (8) [Gok ãjonso amangã tyka]-t ø-na-oky-t
mandioca mulher plantar IMPERF.MOT-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT
him taso
caça homem
’Enquanto a mulher estava plantando mandioca, o homem matou a caça.’

O exemplo (9) mostra morfemas de informação de valência ocorrendo em orações encaixadas, como são os casos dos morfemas de passivização e causativização.

Informações de valência em orações encaixadas

- (9) [ãjonso a-m-hyryã] ø-na-aka-t i-se’a-t
mulher PASV-CAUS-cantar] 3-DECL-COP-NFUT PART-bonita-ADVZR

‘A mulher que fizeram cantar é bonita.’

Os exemplos de (10) a (13) mostram os diferentes tipos de estruturas nominalizadas em Karitiana. Em (10), temos a forma nominalizada com o morfema {-p}, formando uma estrutura com verbo de finalidade.

Orações nominalizadas: de finalidade, locativas e cópulas

- (10) Y-haja sooj, iri-’a-j Ora yjxa i-oky pom’ina y-haja sooj
 1-cunhada CIT-dizer-FUT Ora nós PART-matar nambú 1-cunhada
 syke pi[t]’yy-p iri-’a-j?
 mingau comer-INF.NMZR CIT-dizer-FUT
 ‘Minha cunhada, disse Orá, vamos matar nambú, minha cunhada, para
 comer com mingau? Ele disse! (texto: PB)

Em (11), trata-se de uma estrutura nominalizada locativa, utilizando o morfema nominalizador {-pa}. Neste caso, o morfema {-pa} parece nominalizar toda a oração com o verbo, sujeito e objeto ou nominalizar apenas o verbo.

- (11) y-pyr-amynt-<y>n [[cama taso kat]-<a>pa]-ty
 1-ASSERT-comprar-NFUT cama homem dormir-<v>NMZR-OBL
 ‘Eu comprei a [aquela] cama que o homem dormiu.’

(Rocha e Vivanco 2012)

Em (12), mostramos uma estrutura de cópula, cuja mini-oração, que funciona como "complemento" da cópula, está sendo nominalizada pelo particípio {i-}. A oração de cópula quando nominalizada pelo nominalizador {-pa} não deve receber o nominalizador particípio {-i}, comparam-se os exemplos em ((13) e (14)).

- (12) òwã ø-na-aka-t i-andyj-ø
 criança 3-DECL-COP-NFUT PART-sorrir-ADVZR
 ‘A criança sorriu/está sorrindo.’

(Rocha e Vivanco 2012)

- (13) ãwã ø-na-aka-t andyj-<i>pa-t
criança 3-DECL-COP-NFUT sorrir-<v>NMZR-ADVZR
'A criança é sorridente/ faz (todo mundo) sorrir.'
- (14) *ãwã ø-na-aka-t i-andyj-<i>pa-t
criança 3-DECL-COP-NFUT PART-sorrir-<v>NMZR-ADVZR

Esta seção teve como objetivo fazer uma breve descrição dos problemas de pesquisa estudados nessa tese, bem como apresentar sucintamente alguns dados sobre orações encaixadas e nominalizações em Karitiana.

1.6 Metodologia

A metodologia adotada nesta pesquisa é a elicitación controlada de paradigmas sentenciais com colaboradores indígenas Karitiana e o uso de textos a partir de dados naturais. Os nossos colaboradores têm o Karitiana como língua materna (L1) e o português como segunda língua (L2).

A elicitación teve como meta-língua o português, língua comum entre o pesquisador e os colaboradores indígenas. Duas técnicas de elicitación foram usadas: elicitación de tradução de sentenças elaboradas na meta-língua para a língua-objeto e vice versa, somado a julgamento de gramaticalidade². O objetivo da produção elicitada, seja a tradução de sentenças, seja o julgamento de gramaticalidade, visa a revelar a gramática de uma língua fazendo seus falantes produzir estruturas particulares. Com esse método é possível estudar qualquer fenômeno linguístico ou estrutura em uma dada língua (ver também Grolla 2009).

²Julgamento é o conhecimento (ou competência) da língua que o falante nativo tem e que o qualifica para determinar se uma sentença é gramatical ou agramatical em sua língua. O julgamento deve ser contrastado com comentários do falantes. Estes comentários são alguns detalhes além do julgamento que o falante possa querer dizer sobre a estrutura e o significado de determinada sequência de palavras (Matthewson 2004; Sanchez-Mendes 2014b).

Um fator importante na obtenção de dados por meio de elicitación é o contexto em que uma sentença está condicionada. Assim, as sentenças submetidas à tradução foram pensadas e elaboradas com base nas estruturas propostas nessa dissertação e algumas delas extraídas de textos. Os informantes as traduziram com o uso de contextos específicos para cada estrutura, de modo que se forneceu o contexto ao colaborador e, em seguida, solicitou-se a tradução da sentença S (Veja as tabelas (1.2) e (1.3)) (cf. Sanchez-Mendes 2014b).

Tabela 1.2: da língua-objeto (L1) para a meta-língua (L2)

Dado o contexto C ,
como eu falo em Karitiana a sentença S ?
obtem-se a tradução T em Karitiana...

Tabela 1.3: Da meta-língua (L2) para língua-objeto (L1)

Dado o contexto C ,
como eu falo em português a sentença S ?
obtem-se a tradução T em português...

Em julgamento de gramaticalidade, deve-se também considerar o contexto, visto que pode haver sentenças estruturalmente gramaticais, mas agramaticais em determinado contexto. Quando for o caso, tal sentença deve ser indicada pelo uso do símbolo # (hash mark). Já no caso de a sentença ser agramatical, usar-se-á o símbolo (*) asterisco (cf. Sanchez-Mendes 2014b). Veja a tabela (1.4) a seguir:

Tabela 1.4: Julgamento de gramaticalidade de sentenças na língua-objeto (L1)

Dado o contexto C,
Você diria a sentença S em Karitiana?
obtém-se o julgamento de S * ou # em Karitiana...
obtém-se a tradução em português se S for gramatical
obtém-se comentários quando houver

Segundo Matthewson (2004), podem ser consideradas duas questões quanto ao uso de contexto nas sessões de elicitación: (i) em qual ordem fornecer a informação ao colaborador e (ii) qual língua usar para descrever o contexto. De acordo com a autora, o melhor procedimento é fornecer o contexto primeiro, seguido pela sentença. Caso contrário, o colaborador pode imaginar uma leitura diferente daquela intencionada, que pode influenciar ou prejudicar o resultado. Para Matthewson, o contexto pode ser oferecido por qualquer uma das línguas, considerando que os colaboradores são fluentes na meta-língua (cf. Sanchez-Mendes 2014b).

Tanto metodologias de elicitación quanto o uso exclusivo de textos têm seus pontos positivos e negativos. De um lado, linguistas que fazem uso exclusivo de elicitación tecem suas críticas ao uso exclusivo de texto; de outro, aqueles que usam apenas textos alegam que o uso de elicitación pode ser fortemente tendenciosa e pode agravar o resultado da pesquisa (cf. Matthewson 2004; Sanchez-Mendes 2014b).

Diante dessa controvérsia, existe um meio termo, que pode trazer benefícios significativos para a qualidade dos resultados da pesquisa, além de uma melhor descrição e análise mais consistente dos dados para ambos os lados, que é o uso integrado das duas metodologias. Assim, elaborar o questionário/sentenças a

ser testadas a partir de estruturas retiradas dos textos traz a segurança de que qualquer estrutura testada realmente exista na língua. Além disso, o texto traz por si só contextos que podem ser muito mais naturais do que (apenas) aquele criado pelo pesquisador. Do mesmo modo, a elicitación contribui para uma melhor descrição do texto, como a possibilidade de uma explicação mais acurada de alguns morfemas ou estruturas difíceis de serem traduzidas ou analisadas apenas dentro do texto (cf. Matthewson 2004; Sanchez-Mendes 2014b).

O uso de texto para descrever e documentar uma língua é extremamente valioso e essencial. Contudo, o uso exclusivo de texto coletado da fala natural não é suficiente para descrever acuradamente um determinado fenômeno da gramática de uma língua. Conforme Matthewson (2004), a pobreza de evidências POSITIVAS³ encontradas em textos é a razão pela qual muitos pesquisadores buscam evidências NEGATIVAS⁴ usando o método de elicitación direta controlada.

Os dados que compõem esta pesquisa são de dois tipos: dados originais e não-originais (de terceiros). Os dados originais podem ser considerados (i) aqueles que foram elicitados especificamente para essa tese, como é o caso das elicitaciones de paradigmas com orações encaixadas, e (ii) os dados retirados de uma coletânea de textos rituais e de narrativas míticas Karitiana; os dados terciários são (iii) retirados da literatura de outras pesquisas referentes à língua Karitiana e (iv) dados de subordinação e nominalização provenientes de pesquisas relacionadas com outras línguas amazônicas e do mundo, publicadas em revistas, livros e teses no Brasil e no mundo.⁵

As elicitaciones dos dados apresentados nessa pesquisa foram feitas em quatro

³"Evidência positiva é a informação sobre a qual sequências de palavras são sentenças gramaticais no ambiente da língua; (Marcus 1993: 53);"

⁴"Evidência negativa é a informação sobre a qual sequências de palavras não são sentenças gramaticais no ambiente da língua (Marcus 1993: 53)."

⁵Os exemplos originais provenientes das elicitaciones não serão citados as fontes, exceto os dados de textos karitiana que terão as siglas referentes a cada título. Os dados de terceiros terão as suas fontes devidamente citadas.

etapas de campos, tal como descrito na tabela (1.5).

Tabela 1.5: Trabalho de Campo

Campo	Local	Data	Colaboradores	Descrição
I	São Paulo	junho–2012	3	Elicitação de orações subordinadas, aspecto e estrutura argumental.
II	Porto Velho	mar-abr–2013	3	Elicitação de orações relativas, adverbiais, completivas, copulares, múltiplo encaixamento, verbos de finalidade, nominalizações, estrutura argumental em orações encaixadas, foco e aspecto.
III	São Paulo	outubro–2013	6	Elicitação de estrutura argumental em orações encaixadas, teste de inacusatividade versus inergatividade, aspecto, teste de possível restrição entre informação de valência verbal e os núcleos aspectuais.
IV	Porto Velho	agosto–2014	7	Elicitação de orações subordinadas: relativas, completivas, adverbiais, diferenciação entre relativas e completivas com morfema de foco do objeto.

Os dados naturais são provenientes de uma coletânea de textos míticos e rituais que estão descritos na tabela 1.6. Esses textos foram gravados, transcritos e traduzidos pela coordenadora do presente projeto, a Professora Luciana Storto.

Tabela 1.6: Coletânea de texto Karitiana

Texto	Tipo	Narrador	Páginas	Abreviação
<i>Botyĵ Pynhadna</i>	narrativa mítica: "mito de origem"	Antonio Bigode	37	BP
<i>Osiipo</i>	narrativa de explanação de eventos rituais: "ritual de iniciação"	Cizino	23	OS
"Encontro entre os Capi-vari e os Karitiana"	narrativa histórica	Barabadá	26	CK
<i>'Ej Akypisiibmin</i>	narrativa de explanação de eventos rituais: ritual de sepultamento	??	18	EA
<i>Gokyp</i>	Sol	??	?	GO

O uso desse material se justifica por ser uma fonte de dados naturais para a presente pesquisa, já que se pode encontrar nos textos a ocorrência de classes verbais, morfemas de valência verbal e de foco, núcleos aspectuais e estrutura sintáticas relevantes: orações relativas, adverbiais, completivas, cláusulas nominalizadas, sentenças de cópulas, orações demonstrativas e de quantificação universal. Usar dados naturais provenientes de textos proporciona à nossa descrição e análise maior confiabilidade, uma vez que apenas o uso de dados elicitados pode trazer algumas dúvidas acerca dos fenômenos descritos. Assim, podemos apontar e examinar as estruturas identificadas por elicitación funcionando também nos textos orais transcritos. Além disso, os textos são, por si próprios, uma valiosa fonte de dados para a elaboração de novos testes linguísticos.

Os dados serão representados ao longo da dissertação como se segue na tabela 1.7.

Tabela 1.7: Representação dos exemplos

(número)	transcrição ortográfica com segmentação morfológica
	glosa morfema a morfema
	'tradução para meta-língua'
	(Contexto ou trad. literal quando necessário)

1.7 Considerações finais do capítulo e sumário

O presente capítulo fez uma introdução à tese, apresentando o tema estudado, e traz informações sobre a língua Karitiana, e ainda apresenta os objetivos e a metodologia de pesquisa.

O próximo capítulo faz uma discussão sobre o tema nominalização versus subordinação em algumas línguas asiáticas e em algumas línguas amazônicas, fazendo um breve sumário do que se tem publicado acerca desse tema, para nos capítulos seguintes, abarcarmos o tema sobre a questão da não-finitude em Karitiana.

Esta tese está estruturada da seguinte maneira: no capítulo 2, vamos trazer dados sobre nominalizações e orações não-finitas em diferentes línguas, bem como uma discussão acerca do que é nominalização e do que é subordinação; o capítulo 3 traz uma revisão da literatura teórica sobre estrutura argumental, pautada nas propostas teóricas de Hale e Keyser (2002) e Pylkkänen (2008); o capítulo 4 mostrar a análise de Rocha (2011) sobre os verbos da língua Karitiana, além de trazer uma reanálise dos verbos Karitiana frente à proposta teórica de núcleos aplicativos de Pylkkänen (2008); no capítulo 5, oferecemos evidências morfossintáticas que nos permitem analisar as orações não finitas em Karitiana como subordinadas plenas; e por fim, o capítulo 6 mostra os tipos de orações subordinadas na língua, além da estratégia de nominalização usada para

nominalizar orações em Karitiana.

Capítulo 2

Background: um olhar translinguístico sobre finitude

2.1 Introdução ao capítulo

Este capítulo discute subordinação e nominalização em algumas línguas asiáticas e amazônicas, com especial atenção para estas últimas. O conteúdo do capítulo está dividido em 4 partes: a primeira parte traz uma abordagem mais geral sobre aspectos de subordinação e nominalização em algumas línguas sino-tibeto-burmanesas, incluindo o japonês e o coreano (2.2); já a segunda faz uma incursão sobre o tema em algumas línguas amazônicas (2.3).

2.2 Finitude em algumas línguas asiáticas

2.2.1 Nominalização em Tibeto-Burmanês

As línguas tibeto-burmanesas (doravante TB) são apontadas na literatura como sendo línguas que apresentam um uso amplo de nominalizações. Nominalizações nessas línguas, frequentemente, têm funções atributivas, tomando o papel de orações relativas. O uso dessas expressões nominalizadas tem equivalência

aos verbos finitos em orações principais (Noonan 1997).

O trabalho de Noonan (1997) discorre sobre chantyal, uma das línguas Tamangic da linha Bodish do ramo Bodic da família tibeto-burmanesa. Outras línguas tamangic são gurung, mangba, na-phu, tamang e thakali. A distribuição das línguas desse grupo localiza-se no sudeste, leste e sul da ásia.

2.2.2 Características tipológicas de chantyal e da família Tamangic

Segundo Noonan (1997), a nominalização clausal em chantyal faz uso do morfema {-wa}, com cognatos em outras línguas TB. Por exemplo, o tibetano clássico faz uso de {-pa}, já em gurung usa-se {-ba}. Formas nominalizadas com {-wa} expressam uma variedade de funções, tais como nominalização de atividades e estados, de complemento verbal, de complemento de nome, orações de finalidade, orações relativas, atributivos não-relativizados, agentes e pacientes nominais, e atributivos nominais.

A seguir, listamos algumas propriedades das línguas TB e na seção seguinte discutiremos cada um dos casos supracitados de nominalização (Noonan 1997):

- línguas extremamente sufixais e aglutinantes;
- os nomes podem ser flexionados para número (singular e plural);
- uma ampla variedade de enclíticos de casos locais e gramaticais, podendo haver múltiplos clíticos de casos em uma mesma palavra;
- os verbos são flexionados para tempo, aspecto e modo; amplo número de construções TAM perifrásticas; os verbos não são flexionados para pessoa;
- a ordem de palavras é núcleo-final, exceto em Nar-Phu;
- apresentam marcas ergativas;

- apresenta marcas anti-dativas no objeto direto;
- subordinação não-finita, exceto para complementos do verbo equivalente a 'dizer'.
- coordenação de orações é um fenômeno raro; o padrão nativo envolve o uso de particípio conjuntivo;

Nominalizações em Chantyal

Nominalizações com {-wa} são usadas como formas de citação para verbos (15). Essas nominalizações são também usadas em discurso como nomes de estado (16) ou atividade (17). Como essas formas são nomes, na análise de Noonan (1997), elas podem receber marcas de caso.

Forma de citação

- (15) fiya-wa aŋgreji bfiasa-ri khawa bfii-m-ẽ.
 ir-NMZR inglês língua-LOC como dizer-NPAST-Q
 'Como dizer 'ir' em inglês?'

(Noonan 1997: ex. 3)

Nominalização funcionando como um nome estado

- (16) pəri-wa gãra-wa mu
 estudar-NMZR good-NMZR ser=NPAST
 'Estudar é bom.'

(Noonan 1997: ex. 4)

Nominalização funcionando como um nome de atividade

- (17) capa ca-wa-ye ligam
 refeição comer-NMZR-GEN atrás
 'depois de comer.'

(Noonan 1997: ex. 5)

Nominalização em posição de complemento de verbos e de nomes

O nominalizador {-wa} é também usado para formar complemento de verbo em chantyal.

- (18) nfi-i tñem-əŋ ali-ri mi phur-si-wa
 nós-GEN casa-LOC varanda-LOC fogo soprar-ANT-NMZR
 puttə dñwāl wurə-wa mñra-i
 fumaça subindo fumaça voar-NMZR ver-PERF
 'Nós vimos o fogo (se) iniciando e a fumaça subindo na varanda da
 nossa casa.'

(Noonan 1997: ex. 7)

Nominalizações com {-wa} funcionam também como complementos de nomes, como mostram os exemplos (19) e (20).

- (19) na-ra reysi thũ-wa mən kha-i
 1s-DAT reysi drink-NMZR DES vir-PERF
 "Eu quero beber reysi⁶."
- (20) na-sə reysi thũ-wa thaa yã-i
 eu-ERG reysi beber-NMZR conhecimento encontrar-PERF
 'Eu me recordei de beber reysi.' (lit. Eu encontrei o conhecimento de
 que eu bebia raksi.)

(Noonan 1997: ex. 9)

⁶Reysi é um tipo de bebida fermentada.

Com os exemplos supramencionados, Noonan (1997) tem a intenção de mostrar que as orações completivas em (18) e complementos de nomes simples (19) e (20), uma vez que ambos são nominalizados por {-wa}, têm a mesma distribuição.

Orações de finalidade

Segundo Noonan (1997), para formar orações de finalidade em chantyal, usa-se o nominalizador {-wa} com adição do sufixo de caso locativo {-ri}, como no exemplo (21).

- (21) khi ca-wa-ri kha-i
 ele comer-NMZR-LOC vir-PERF
 'Ele veio para comer.'
- (22) səŋlɒl-ma məə tara-wa-ri fɿya-i
 Sanglɒl-PL mel colher-NMZR-LOC ir-PERF
 'Sanglɒl e alguns outros foram para colher mel.'

(Noonan 1997: exs. 10 e 11)

Orações relativas

Em chantyal, Orações relativas são formadas com o uso do sufixo nominalizador {-wa}, sendo, portanto, orações nominalizadas. Nessas estruturas, pode-se também usar o sufixo {-si} anterior, que marca semanticamente tempo passado (relativo), conforme é mostrado no exemplo (23). O nominalizador {-wa} pode ser usado para relativizar qualquer argumento, sujeito (23) ou objeto (24), tanto animado quanto inanimado e pode ainda ser usado para relativizar qualquer oblíquo (Noonan 1997).

- (23) gay-ye sya ca-si-wa mənchi
 vaca-GEN carne comer-ANT-NMZR pessoa
 'A pessoa que comeu o bife.'

(Noonan 1997: ex. 13)

- (24) mənchi-sə ca-si-wa gay-ye sya
 pessoa-ERG comer-ANT-NMZR vaca-GEN carne
 'O bife que a pessoa comeu.'

(Noonan 1997: ex. 14)

Atributivo não-relativo

O sufixo {–wa} também está relacionado ao uso atributivo não-relativo. O sufixo pode ser afixado a advérbios (25), palavras relativas (26), nomes locativos (27) e nomes com marca de caso (28) quando são usados como modificadores de nomes (Noonan 1997: 377):

- (25) təyla-wa saka
 ontem-NMZR ancestrais
 'Os ancestrais de ontem.'

(Noonan 1997: ex. 19)

- (26) yəwta dyammər-ma citro-ma-ye fiə-sərə-wa
 algumas cornizo-PL barberry-PL-GEN que-modo-NMZR
 phəlphul-ma-ye reysi
 fruta-PL-GEN fermentado
 'Fermentado de algumas frutas como cornizo e 'barberry'.'

(Noonan 1997: ex. 21)

- (27) məŋgəle-ri-wa mənchi-ma
 Mangale-LOC-NMZR pessoa-PL
 "Pessoas de Mangale."

(28) nfa-ri-gəm-wa sya
dentro-LOC-ABL-NMZR bife
"vísceras"

Nominalizações de agente e de paciente

(29) ca-wa
comer-NMZR
"comida"ou "comedor"

Os nominais podem ser interpretados como agentes (30) ou podem ser pacientes (31).

(Noonan 1997: ex. 36)

(Noonan 1997: ex. 37)

Para sumarizar, os dados envolvendo o sufixo {-wa}, conforme Noonan (1997: 381), têm mostrado que essas nominalizações assumem as seguintes funções: orações completivas, relativas, de finalidade, além de nominalização de agente ou paciente, atributiva e não-atributiva.

2.2.3 Versatilidade das nominalizações em japonês

Ordem básica

O japonês é uma língua em que a ordem básica é verbo-final (32). A ordem dos argumentos é relativamente livre pois alguns recebem marcas de caso, desde que o verbo principal apareça no final da sentença ((32-a))–((32-d)). Embora em japonês escrito, a ordem seja quase exclusivamente SOV, elementos não-verbais podem aparecer depois do verbo principal na fala coloquial (Lehmann 1978).

- (32) a. John ga Mary ni Tom o syookaisita (S OI O V)
b. John ga Tom o Mary ni syookaisita (S O OI V)
c. Mary ni John ga Tom o syookaisita (OI S O V)
d. Tom o John ga Mary ni syookaisita (O S OI V)

“John apresentou Tom para Mary.”

(Lehmann 1978: ex. 1)

Observe os dados em (33), comparando o exemplo((33-a)), que apresenta a ordem SOV, com o exemplo ((33-b)), que mostra a ordem SVO, e por fim, com o exemplo ((33-c)), que tem a ordem VSO⁷.

- (33) a. kimi-(wa) kono hon-(o) yonda(↗)
você-THEM esse livro-ACC ler
“Você leu esse livro?”

⁷Prosódia marcada com (↗) e (↘).

- b. kimi-(wa) yonda(/) kono hon-(o)(\)
 você-THEM ler esse livro-ACC
 “Você leu esse livro?”
- c. yonda(/) kimi-(wa) kono hon-(o)(\)
 ler você-THEM esse livro-ACC
 “Você leu esse livro?”

(Lehmann 1978: ex. 3)

Ordens de constituintes não-canônicas podem aparecer em orações subordinadas do japonês, tal como mostram os exemplos em (34), podendo aparecer elementos pós-verbais *kono-aida* ‘outro dia’ e *ano resutoran de* ‘naquele restaurante’ em (34-b) e (34-c).

- (34) a. kimi (wa) [kono-aida ano resutoran de nani (o) tabeta
 você (THEM) outro-dia aquele restaurante em que (ACC) comeu
 ka] oboete iru(/)
 Q recordando está
 “Você está se recordando que nós comemos naquele restaurante
 outro dia?”
- b. kimi (wa) [nani (o) tabeta ka] oboete iru(/) kono-aida
 você (THEM) que (ACC) comeu Q recordando está outro-dia
 ano resutoran de(\)
 aquele restaurante em
 “Você está se recordando que nós comemos naquele restaurante
 outro dia?”
- c. [nani (o) tabeta ka] oboete iru(/) kimi kono-aida ano
 que (ACC) comeu Q recordando está você outro-dia aquele
 resutoran de(\)
 restaurante em
 “Você está se recordando que nós comemos naquele restaurante
 outro dia?”

(Lehmann 1978: ex. 4)

2.2.4 Orações relativas de núcleos interno e externo do japonês

Segundo Horie (2011: 1), o japonês apresenta dois tipos de orações relativas, a saber, as relativas de núcleo interno (doravante RNI) e as relativas de núcleo externo (doravante RNE). As RNIs em japonês são estruturas que envolvem nominalizações. Essas estruturas gramaticalizam⁸ o morfema {no-} na posição do núcleo (35), e diferenciam-se das RNEs uma vez que estas apresentam núcleos lexicais externos à estrutura.

Função de relativa - RNI

- (35) John-wa [doroboo-ga mise-kara dete kuru] no-o
 John-TOP assaltante-NOM loja-de sair fora NMZR-ACC
 tukamae-ta
 pegar-PAST
 "John pegou o assaltante que saiu (aconteceu de sair para fora) da loja." (interpretação de RNI)

(Horie 2011: ex. 1a)

Função de complemento

- (36) John-wa [doroboo-ga mise-kara dete kuru] no-o mi-ta
 John-TOP assaltante-NOM loja-de sair fora NMZR-ACC ver-PAST
 "John viu o assaltante saindo (para fora) da loja." (interpretação de complemento)

(Horie 2011: ex. 1a)

As RNIs estruturalmente não são distinguidas das completivas, apresentando ambiguidade entre um evento e uma entidade. Tal ambiguidade é exemplificada nos exemplos (35) e (36). Para melhor ilustrar essa ambiguidade, examinemos

⁸Gramaticalização é um processo, dentro do modelo funcionalista, pelo qual um item lexicais (livres como palavras, orações e construções) tornam-se itens gramaticais. Segundo Hopper e Traugott (1993), a gramaticalização é definida "como um processo pelo qual itens e construções gramaticais passam a desempenhar funções gramaticais e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais"

primeiramente a diferença entre uma oração complemento (36) e uma RNE (37)

.

- (37) John-wa [mise-kara dete kuru] doroboo-o tukamae-ta
 John-TOP loja-de sair fora assaltante-ACC pegar-PAST
 "John pegou o assaltante que estava saindo (para fora) da loja."

(Horie 2011: ex. 2a)

Nas orações RNE, em (37), o núcleo lexical *doroboo* aparece na mesma posição em que o nominalizador {-no} aparece na RNI, ou seja, adjacente à oração sempre à sua direita, como em (37).

Horie (2011); Yamaguchi (1992) mostram que no ambiente em que o japonês antigo fazia uso de marcas de tempo o japonês moderno usa um nominalizador. Assim, nominalização em RNI parece ser uma inovação do japonês moderno, uma vez que, no japonês antigo, existia a marca de tempo nesse ambiente enquanto no japonês moderno não. Considerando tal fato, é possível dizer que o nominalizador {no-} supriu a perda da marca de tempo ((38)). Assim sendo, o japonês teria sofrido uma mudança estrutural, pelo menos nesse tipo de sentença, perdendo o traço (+) finito para (-)finito.

- (38) [Kasiwagi-no ki-ga ari keru] (ø)-wo
 carvalho-GEN árvore-NOM existir PAST:ATT -ACC
 ori-ni tamaeri keri
 quebrar-HON-PAST:FIN
 "(uma pessoa honrada) quebrou (um galho de) carvalho que estava
 (acontecendo de estar) lá."

2.2.5 Orações RNIs e Adverbiais em japonês

Além de as RNIs serem interpretadas como orações relativas ou orações complementos, refletindo sua dualidade entre um evento e uma entidade, as

orações RNIs também podem compartilhar características com uma oração adverbial, descrevendo uma situação de coocorrência espaço-temporal, como em (39) (ver Horie 2011: 7).

- (39) John-wa [doroboo-ga mise-kara dete kuru] no-o
 John-TOP assaltante-NOM loja-de vir fora NMZR-ACC
 tukumaeta/mita
 pegar/ver
 "John pegou/viu o assaltante que saiu da loja."

"John pegou/viu o assaltante enquanto ele estava saindo da loja."

(Horie 2011: ex. 11)

Note que as RNIs só podem ser interpretadas como orações adverbiais quando as marcas de caso nominativo {–ga}, acusativo {–o}, dativo/locativo/alativo {–ni} ou instrumental/locativo {–de} coocorrerem com o nominalizador {no–} (cf. Cu 1983).

Segundo Horie (2011: 7), as partículas de caso quando combinadas com o nominalizador {no–} gramaticalizam-se como conjunções. A combinação pode ser semigramaticalizada como conjunções adversativas {no-ga, no-o}, e completamente gramaticalizada como conjunções concessiva/purposiva {noni} e causal {node}. No exemplo (40), mostra-se um caso de semigraticalização pela combinação de {no–} e o acusativo {–o}.

- (40) [kesseki sita hoo-ga ii] no-o, muri-o
 ausência fazer:PAST lado-NOM bom embora impossível_coisa-ACC
 site syusseki site i-ta no kamo sirenai
 fazer:GER comparecimento fazer:GER existir-PAST nmzr poder ser
 "Embora (ele) pudesse estar ausente, ele compareceu (à reunião) em
 uma situação adversa.⁹"

⁹"Though (he) should have been absent, (he) may have attended (the meeting) in spite of the adversative situation."

Exemplo de Cu (1983: 86) traduzido para o inglês por Horie (2011)

O exemplo 40 não funciona como complemento de uma oração matriz ou uma relativa, mas, contrariamente, serve como uma oração adverbial adversativa.

2.2.6 Versatilidade das nominalizações em coreano

Alguns aspectos estruturais do coreano

A ordem canônica de constituintes em coreano é SOV. O coreano é uma língua com ordem superficial, estritamente, núcleo-final. Contudo, a ordem fixa pode se tornar livre quando houver mais de uma marca, por exemplo, caso e concordância, associando elementos marcados em diferentes dimensões (Lee 2003: 617, 619-632). De acordo com Horie (2011: 1), o coreano apresenta relativas de núcleo interno e externo como no japonês.

Coreano apresenta o processo de SCRAMBLING¹⁰ ou "ordenamento livre" de constituintes, que, na proposta de Lee (2003: 617), é uma consequência de movimento desencadeado por caso/concordância.

Segundo Anagnostopoulou e Fox (2007), scrambling pode ser de longa distância ou de curta distância. Os autores apontam o coreano como tendo ambos.

Orações relativas RNIs, RNEs e completivas em coreano

Assim como no japonês, as relativas de núcleo interno em coreano apresentam o nominalizador {kes} na posição do núcleo, como em (42). As RNIs em coreano ((41)) contrastam com as relativas de núcleo externo, uma vez que estas têm núcleos lexicais como *totwukul* enquanto as RNIs não. Assim como

¹⁰Scrambling é um termo genérico para um processo que deriva ordens não-canônicas em línguas de "ordenamento livre" como alemão, japonês, russo, coreano e hindi, etc.. O termo scrambling foi originado de Ross (1967: 75-80)

no japonês, as RNIs em coreano também são estruturalmente ambíguas com as orações completivas (43) (ver Horie 2011: 1).

Relativa de núcleo externo

- (41) John-un [kakey-eyse nao-nun] totwuk-ul
John-TOP loja-de sair-ATT:PRES assaltante-ACC
cap-ass-ta
pegar-PAST-DECL
"John pegou o assaltante que estava saindo da loja."

(Horie 2011: ex. 2b)

Relativa de núcleo interno

- (42) John-un [totwuk-i kakey-eyse nao-num] kes-ul
John-TOP assaltante-NOM loja-de sair-ATT:PRES NMZR-ACC
cap-ass-ta
pegar-PAST-DECL
"John pegou o assaltante que estava saindo da loja."

(Horie 2011: ex. 1b)

Relativa de núcleo interno

- (43) John-un [totwuk-i kakey-eyse nao-nun] kes-ul
John-TOP assaltante-NOM loja-de sair-ATT:PRES NMZR-ACC
po-ass-ta
ver-PAST-DECL
"John viu o assaltante saindo da loja."

(Horie 2011: ex. 1b)

A estrutura em (43) pode ser interpretada como uma RNI ou como uma completiva. Segundo Horie (2011), o fato de as RNIs e as orações completivas serem identicamente codificadas é um indicativo de que essas construções nominalizadas apresentam diferentes funções. Nesse ponto, é válido mencionar

que Karitiana tem estruturas apresentando ambiguidade entre um evento e uma entidade (cf. discutida na seção 6.3 desta tese), que podem ser desambiguadas quando o objeto da oração relativa é focalizado.

2.2.7 Nominalização e subordinação em algumas línguas chinesas

Algumas informações tipológicas sobre o mandarim

Essa introdução sobre as línguas chinesas não tem a intenção de cobrir as características tipológicas de cada uma das variantes dessas línguas, mas oferecer-se-á dois importantes traços sobre o mandarim, que é a variante mais difundida dentre elas. O mandarim é uma língua analítica isolante (Aikhenvald 2007: 10), cuja ordem básica de constituintes é SVO (Haspelmath 2007; Yap e Wang 2011).

2.2.8 Desenvolvimento do nominalizador ZHE e SUO no chinês antigo e médio

Conforme Yap e Wang (2011: 61-78), o nome leve *zhe* no chinês antigo, médio e moderno desenvolveu a função de nominalizador agentivo e clausal. No chinês médio, *zhe* tornou-se *zhi*, funcionando como genitivo e relativizador. Posteriormente, *zhi* foi substituído por *di/de* no mandarim, *ge3* no cantonês e *kai* no chaozhou. Ainda, no chinês antigo, foram atestados usos de nominalizações com *zhe* funcionando como subordinadas, como nos exemplos (44) e (45).

- (44) fu zhi yu zhe wei shei
DEM controlar carruagem ZHE COP quem
"Quem é aquele controlando a carruagem?"

(Lun Yn, citado por Yap e Wang (2011: ex. 7))

O exemplo (44) mostra que a presença do demonstrativo *fu* contribui com a leitura de definitude da oração nominalizada por *zhe*.

- (45) Zhang Zi yue: pi Zheng Zhou zhi mue, fen bai mo
 Zhang Zi dizer: aquela Zheng Zhou GEN mulher pó branco tinta
 hey, li yu ju lu, [fei zhi er jian zhi] zhe,
 preto sentar perto autoestrada alameda [não saber e ver elas] ZHE
 yi wei shen
 pensar como bom
 "Zhang Zi disse: "Aqueles mulheres de Zheng e Zhou, pintando suas
 faces de branco e preto, e sentadas ao longo das autoestradas e das
 alamedas, aqueles não conhecedores desse costume e vendo elas, irão
 pensar que elas são boas.

(*Zhan Guo Ce*, citado por Yap e Wang (2011: ex. 8))

O exemplo (45) mostra o nome leve *zhe* funcionando como um núcleo lexical.

- (46) qi wei yum zhi zhe, jie shi xing ye
 aquelas chamada/suposta cair REL ZHE todo COP estrela SFP
 "Aqueles supostas coisas cadentes, de fato, são todas estrelas."

(*Lun Xing*, citado por Yap e Wang (2011: ex. 5))

O exemplo (46), referente ao chinês do período *Eastern Han*, que foi um período considerado como a transição entre o chinês antigo e o chinês médio, mostra *zhe* ocupando a posição de núcleo nominal com o relativizador *zhi* ligando *zhe* ao pre-nominal que está modificando a expressão *wei yum* (cf. Yap e Wang 2011: 63–64). Segundo os autores, esse tipo de nominalização foi bastante produtivo no chinês antigo e permanece até hoje no registro formal do chinês moderno.

A partícula *zhe* usada no final da sentença pode também ter uma função de modal, como se pode ver no exemplo (47), que foi retirado de Yap e Wang (2011:

76), referente ao chinês do período *Warring States*.

- (47) qie niam wei ying wushi er zhunzhun yan
 apesar idade não preencher cinquenta ainda longo-vento PRT
 ru bajiushi zhe
 como.se oitenta-noventa ZHE
 "Apesar de ele não ter ainda cinquenta anos, é como se ele estivesse em
 seus oitenta ou noventa anos (tradução nossa)."¹¹

(*Zuo Zhuan*, citado por Yap e Wang (2011: ex. 26))

De acordo com a estrutura vista no exemplo (47), é funcional e estruturalmente ambígua entre um nominalizador e uma partícula de modo. Como uma nominalização, *zhe* pode ser interpretado como um nome leve equivalente a *one* ou *someone* do inglês; como uma partícula de modo, *zhe* pode indicar uma surpresa por parte do falante.

O chinês também apresenta o 'nominalizador de paciente' *suo*, que aparece como um objeto na posição pre-verbal. A partícula *suo* se desenvolveu como um clítico pronominal capaz de nominalizar todo o predicado (tema ou paciente) como mostrado no exemplo (48), (ver Yap e Wang 2011: 79).

- (48) shi fei [er suo zhi] ye
 isso NEG você SUO saber PRT
 "Isso não é algo que vocês saibam."

(*Meng Zi*, citado por Yap e Wang (2011: ex. 29))

A partícula *suo* + *yi* é usada no chinês para formar um complementizador de oração de finalidade como *so that* do inglês. No exemplo (49), mostramos uma oração de finalidade que usa a referida combinação *suo* + *yi*.

¹¹"(He's) not yet fifty yet is so long-winded like one in his eighties or nineties."/ "(He's) not yet fifty yet is so long-winded as if he is in his eighties or nineties."

- (49) yi bao hu ren yi ye [suo yi bu yuan
dizer completo de benevolência justiça TOP SUO YI NEG saborear
ren zhi gao liang zhi wei] ye
outras.pessoas GEN carne arroz GEN provar SFP
"Ou seja, a alma (de alguém) está saturada de benevolência e justiça para
que não se saboreie o gosto da escolha da comida das outras pessoas
(tradução nossa)."¹²

(Meng Zi, citado por Yap e Wang (2011: ex. 55))

2.2.9 Nominalização de orações relativas em mandarim e cantonês

As chamadas estruturas-DE em mandarim ((50-55)) e estruturas-GE em cantonês ((56-58)) têm sido um dos tópicos mais estudados na literatura da linguística chinesa, tanto sincrônica quanto diacrônicamente. Em mandarim, a partícula *de* tem uma ampla distribuição (como marcador de possessivo, marcador de adjetivo, e marcador de nominalização), sendo uma delas a nominalização clausal, como é o caso das estruturas relativas apresentadas a seguir (cf. Lin 2010): ¹³:

- (50) yī ge fúzè yīngwén de mìshū jiān jiāo xiǎohái
algo/algum CL comandar inglês DE secretária e ensinar criança
de jiājiù
DE tutor
"A secretária que cuida do inglês e o tutor que ensina crianças."

(Lin 2010: ex. 13)

O exemplo (50) mostra a coordenação de duas orações nominalizadas pela partícula DE, como pode ser visto no exemplo acima. É interessante notar que, segundo Li (2001), a conjunção *jiān* em mandarim conecta dois NPs ao invés de

¹²"that is to say, one's soul is saturated with benevolence and righteousness so that one does not relish the taste of other people's choice food."

¹³A distribuição da partícula DE pode ser vista em (Lin 2010: 254-256, exs. 1-6)

dois DPs, como pode ser visto nos exemplos (52- 53).

- (51) [DP yī ge [NP [NP [CP fúzè yīngwén de] [NP mìnshūan]] jiān [NP [CP jiāo xiǎohāi de] [NP jiājiào]]]] (Mesma estrutura e tradução da sentença em 50)

- (52) yī ge [NP mìnshū] jiān [NP dǎzìyuán]
 algum CL [secretária] e [digitador]
 "A secretária e o digitador"

- (53) *[_{DP} yī ge mìnshū] jiān [_{DP} yī ge dǎzìyuán]
 [um/uma CL secretária] e [um/uma CL digitador]
 "A secretária e o digitador."

Em (54), Lin (2010) mostra que a presença de advérbios modificando o VP. Mesmo que morfemas finitos estejam ausentes, Lin sugere que se trata de uma oração ao invés de um nominal simples, uma vez que advérbios desse tipo não modificam nomes.

- (54) yī pǐ pǎo hǎo kuài de mǎ
 algum CL correr muito rápido DE cavalo
 "Um cavalo que corre muito rápido."

(Lin 2010: ex. 23)

Relativas em mandarim podem combinar a marca-DE com a marca de negação (55). De acordo com Lin (2010), uma vez que o mandarim tem advérbios altos e negação nesse tipo de estrutura, pode-se argumentar que não se trate de uma simples nominalização. A distribuição da negação em mandarim é apresentada em Lin (2010: exs. 26-31).

- (55) Zhào Yuánrèn méi yǒu de shū
 Zhào Yuánrèn NEG ter DE livro
 "O livro que Zhào Yuánrèn não tem."

(Lin 2010: 26c)

Cantonês é outra língua chinesa que apresenta suas orações encaixadas sem morfemas finitos, usando como estratégia de subordinação a nominalização com GE, como mostram os exemplos (56–58). Soong (2009) analisa o nominalizador GE em relativas como um relativizador. Para o autor, essas orações funcionam como modificadores do núcleo da relativa.

- (56) ngo5 sikl ge3 go2 baan1 jan4 lai4 zo2
eu saber REL aqueles CL pessoas vir- PERF
"As pessoas que eu conheço têm vindo."

(Soong 2009: 16)

- (57) ngo5 maai2 ge3 go2 di1 faa1 ng4 leng3
eu comprar REL que CL flor não bonita
"As flores que eu comprei não são bonitas."

(Soong 2009: 18)

- (58) daai3 ngaan5_geng2 ge3 go2 go3 naam4 jan2 gwo3 gan2 lai4
usar olhos REL que CL homem vir PROG
"O homem que usa olhos está vindo."

(Soong 2009: 19)

O morfema GE em cantonês, como foi mostrado acima, apresenta múltiplas funções sendo uma delas a nominalização clausal. Nos casos acima (56–58), segundo o autor, GE funciona como nominalizador ao mesmo tempo em que é um relativizador.

2.3 (Não-)Finitude em algumas línguas amazônicas

2.3.1 Introdução à seção

A presente seção discute finitude e não-finitude em algumas línguas amazônicas. É bastante comum essas línguas apresentarem estruturas não-finitas funcionando como subordinadas. Em muitos casos, essas orações não-finitas têm sido analisadas como nominalizações, uma vez que essas estruturas não apresentam tempo, concordância e/ou modo. Vamos apresentar aqui línguas que foram discutidas na literatura como empregando estratégias de nominalização no lugar de subordinação.

Dentre essas línguas, vamos iniciar discutindo a língua Movima seguida pela língua Mëbengokre. A primeira mostra traços indicadores de finitude nas orações adverbiais e complementos (cf. Haude 2011a: 142) enquanto a segunda não os possui (Salanova 2011: 45-78). Contudo, ambas estão sendo classificadas como línguas que apresentam nominalizações de orações em ambientes subordinados por parte dos autores.

2.3.2 Orações matrizes em Movima

Movima é uma língua não-classificada, localizada nas terras baixas da Bolívia, e estudada por Katharina Haude (Haude 2011a, 2011b).

Segundo Haude (2011a), orações em Movima são predicado-iniciais. A autora mostra que morfemas de pessoa e tempo não são obrigatórios em orações matrizes intransitivas.

O exemplo (59) mostra uma oração matriz intransitiva, que pode conter no máximo um argumento aberto; já o exemplo (60) é uma oração transitiva, que contém dois argumentos.

- (59) chi: chi is rulrul n-as towa:neɬ
MD sair ART.PL onça OBL-ART.N caminho
"As onças saem pelo caminho."

(Haude 2011a: ex. 1)

- (60) man<a>ye=is pako os rulrul
encontrar<DR>=ART.PL cachorro ART.N.PAST onça
"Os cachorros encontraram uma onça."

(Haude 2011a: ex.2)

O predicado é tipicamente um verbo como nos exemplos (59 e 60), mas pode também ser um nome como em (61), ou ser um demonstrativo como no exemplo (62).

- (61) tomar:re is e:ɬa=is ney wu'tu
tomore ART.PL nome=ART.PL aqui pote
"O nome daqueles potes era tomore."

(Haude 2011a: ex. 3)

- (62) koro' kos lavanderiya ney
DEM.N.AB ART.N.AB lavanderia aqui
"existe uma lavanderia aqui (na aldeia)."

(Haude 2011a: ex. 4)

2.3.3 Sintagmas referenciais

Conforme Haude (2011a: 146), sintagmas referenciais em Movima são definidos pelo fato de que eles contêm um determinante. Esse determinante pode ser um artigo ou um demonstrativo em sintagmas nominais ou verbais em orações matrizes, já em contexto de subordinada, ocorrem apenas artigos (como em (61) e (62)).

Tabela 2.1: Artigos em Movima

	presencial/genérico	ausente	passado (existência cessada)
masculino	us	kus	us
feminino	i'nes	kinos	isnos
neutro	as	kos	os
plural	is	kis	is

(Haude 2011a)

2.3.4 Verbos em frases referenciais

A palavra em uma frase referencial é tipicamente um nome, mas pode ser também um verbo como nos exemplos em (63 e 64). O referente de uma frase referencial contendo um verbo é atestado pelo fato de existir a morfologia de voz no verbo, como nos exemplos abaixo:

- (63) tatvo:se [is loj-na=is juyeni]
cair ART.PL lavar-DR=ART.PL pessoa
"As (coisas que) as pessoas têm lavado têm caído."(Haude 2011a: ex. 13)

- (64) nosdé jan-ne [kos rey suy-kay-a=sne]
lá qual-ser.pessoa ART.N.AB MOD roubar-INV-LV=3F.AB
"Alí alguém roubaria ela, você sabe."(Haude 2011a)

Quando o verbo é marcado com o morfema de voz direta (DR), o referente da frase referencial é o experienciador em um evento de dois participantes ((63)); já quando o verbo é marcado como voz inversa, o referente é o ator em um evento de dois participantes ((64))

2.3.5 Nomes e verbos

Haude (2011a: 148) mostra que verbos e nomes em Movima têm propriedades em comum. Ambos funcionam como predicados e podem ocorrer em frases referenciais. Nessa língua, verbos em frases referenciais não denotam eventos, mas participantes de eventos, cujo papel como atores ou experienciadores é especificado pela morfologia verbal.

No entanto, a autora menciona que nomes e verbos são distintos morfologicamente, ainda que essas distinções sejam bastante sutis, uma vez que nomes não são marcados para gênero, número e caso. Por outro lado, categorias tipicamente verbais como tempo, aspecto e modo são marcados por partículas e não por morfemas presos aos verbos (Haude 2011b).

A autora apresenta alguns testes que podem identificar distinções morfológicas entre nomes e verbos. Assim, existem morfemas na língua que podem ser presos a nomes e não a verbos como são os casos em (65):

- (65) -tik verbalizador
 -maj suffixo de locativo
 -ni verbalização de processo

Além disso, qualquer nome pode ser marcado como possuído por um elemento cliticizado internamente, enquanto verbos podem apenas pegar um elemento cliticizado internamente quando marcados como bivalentes por um marcador de voz inversa ou direta.

2.3.6 Orações subordinadas em Movima

Segundo a Haude (2011a), Movima apresenta orações adverbiais e complemento na forma de frases referenciais, uma vez que o predicado subordinado é marcado e precedido por um artigo, que pode carregar marcas de tempo.

Orações Complementos em Movima

- (66) tas-lo:maj [as kay-wa-sne n-as je:mes]
três-ser.vezes ART.N comer-EVENT=3F.AB OBL-ART.N dia
"São três vezes (que) ela come durante o dia."

(Haude 2011a: ex. 25)

O exemplo (66) mostra uma oração subordinada funcionando como complemento de um verbo intransitivo na oração matriz.

- (67) bo ja' ena' kem<a>ye=ø [os jayna
REAS simplesmente DUR.STD pensar-DR=2SG ART.N.PAST DSC
kayni-wa='ne]
morrer-EVENT=3F
"Porque você estava simplesmente pensando que ela já tivesse morta."

(Haude 2011a: 26)

Já a oração em (67) funciona como um obviativo de uma oração transitiva. A oração matriz neste exemplo apresenta a voz direta.

Orações adverbiais em Movima

- (68) jayna [n-os ena' ɬap-wa=ø], t
DSC OBL-ART.N.PAST DUR.STD banho-EVENT=1SG 1INTR
tokbaycho n-is motlo:to
lembrar OBL-ART.PL brinco

"Então, como eu estava tomando banho, eu lembrei dos brincos."(Haude 2011a: 30)

Orações subordinadas adverbiais em (68) funcionam como adjuntos e são marcadas pelo oblíquo {n-} afixado no artigo.

Os dados linguísticos de Movima mostraram que a língua exibe aspectos bastantes interessantes sobre finitude, uma vez que as orações encaixadas apresentam marcas de tempo e subordinadores. Vimos, ainda, que tempo em Movima é marcado em um elemento que a autora analisa como artigo. Essa língua exibe uma assimetria entre orações matrizes e encaixadas quanto à marca de tempo, posto que este é obrigatório na encaixada, mas não na matriz.

2.3.7 Orações encaixadas e nominalização em Mëbengokre

Para essa discussão vamos considerar as orações nominalizadas da língua Mëbengokre (língua Jê falada pelos Xikrin e Kayapó, nos estados do Pará e Mato Grosso), para tanto selecionamos os trabalhos de Salanova (2008, 2011).

Verbos

Segundo Salanova (2011), Mëbengokre exibe duas formas verbais: uma plenamente verbal e outra nominal, apresentando uma assimetria entre orações matrizes e orações encaixadas. Os verbos na matriz apresentam formas finitas enquanto os verbos na encaixada não exibem traços de finitude, o que constitui, assim, um caso de nominalização (também chamada de nominalização zero porque não exibe uma morfologia funcional específica que nominalize o verbo). Neste tipo de análise, a nominalização é assumida pelo fato de o verbo não apresentar marcas de tempo, concordância, modo ou aspecto¹⁴. Além disso, é

¹⁴Vale ressaltar que Karitiana apresenta marcas de aspecto, além de outras propriedades relacionadas a orações plenas (esse tema será discutido nos capítulos 5 e 6 desta tese).

tratada como nominalização pelo fato de um verbo se distribuir em ambientes nominais, recebendo marcação de caso e outras marcas relacionadas a nomes.

Nomes

Segundo Salanova (2008), a função arquetípica dos nomes é a de ser núcleos de sintagmas nominais. Assim, em Mëbengokre verbos finitos não podem nuclear expressões referenciais. Há os substantivos relacionais (69a-b) na língua, que requerem sempre a expressão de um argumento com marcas de caso absoluto ou genitivo, e os substantivos deverbais, que exibem o argumento equivalente ao único argumento de verbos intransitivos (70a) ou do objeto de verbos transitivos (70b).

(69) Substantivos relacionais

- a. i-pa
1-braço
"Meu braço"
- b. i-prõ
1-esposa
"Minha esposa"

(70) Substantivos deverbais

- a. i-tëm
1-ir.N
"Minha ida"
- b. i-pumũŋ
1-ver.N
"me verem"

dados de Salanova (2008)

Formas nominais do verbo em Mëbengokre

De acordo com Salanova (2008, 2011), Mëbengokre exhibe pelo menos 3 tipos de expressões nominais deverbais: (i) as nominalizações lexicais, (ii) as orações relativas de núcleo interno e (iii) as nominalizações de eventos.

Nominalização lexical

Nominalizações léxicas são formadas a partir de verbos, criando novos itens lexicais na língua. Morfologicamente, esses neologismos são formados por uma raiz verbal e um dos seguintes enclíticos {=dʒʌ} ou {=dʒwɣj} para nominalizações de lugar ((72)), tempo ((73)), instrumento ((71)) e agente ((74)). Nominalizações de tema não recebem sufixo nominalizador ((75)).

- (71) kare=dʒʌ
 carpinar=Dʒʌ
 'enxada'
- (72) katɔr=dʒʌ
 sair=Dʒʌ
 'lugar de nascimento'
- (73) tēm=dʒʌ
 ir=Dʒʌ
 'data de partida'
- (74) pipok jakɾ=dʒwɣj
 escrita indicar=Dʒwɣj
 'Professor'

- (75) dzu-jarẽɲ
ANTIPASV-dizer
'relato'

Salanova (2008) não considera $\{=dz\Lambda\}$ e $\{=dzw\gamma j\}$ como morfemas derivacionais, pois segundo ele, essas formas são versões semanticamente vazias dos substantivos 'recipiente' e 'dono', respectivamente. Segundo o autor, eles não devem ser considerados nominalizadores pelo fato de eles se associarem a uma base nominal.

Segundo o autor, não seria estranho que as formas $\{=d\zeta\Lambda\}$ e $\{=d\zeta w\gamma j\}$ sejam formas lexicalmente esvaziadas e que se tornaram morfemas nominalizadores.

Relativas de núcleo interno

As relativas em Mẽbengokre são analisadas como relativas de núcleo interno e como nominalizações porque não apresentam nenhuma morfologia relacionada à finitude (Salanova 2008, 2011)

Relativa de sujeito

- (76) [kubẽ kutɛ ʌktikɛ krõr] nẽ jã
bárbaro 3ERG Gavião amansar.N NFUT este
"Este é o homem branco que fez paz com os Gavião."

(Salanova 2008)

Relativa de objeto

- (77) i-mã [ajɛ amũ=jã=pã kubẽkʌ jadʌr]=jã ɲã
1-DAT 2ERG ontem roupa por.PL.N=DET dar.V
"Me dê as roupas que você tinha ontem."

(Salanova 2008)

Observe que as orações encaixadas entre colchetes não exibem concordância, tempo ou modo. Segundo o autor, (76) e (77) potencialmente exibem ambiguidade, posto que não há qualquer marcação que aponte qual é o nome que encabeça a construção. (76) pode ser também interpretada como "este é o Gavião com o qual fizeram a paz os brancos."

Nominalização de evento

Segundo Salanova, Mëbengokre nominaliza evento. Nominalizações eventivas se referem ao evento em si.

- (78) ba [kutɛ tɛp krɛ̃n] pumũ
 1NOM 3ERG peixe comer.N ver.V
 "Vi ele comendo peixe."

(Salanova 2008)

- (79) ba [kutɛ tɛp krɛ̃n] mɣɣɣri kum i-kabɛ̃n
 1NOM 3ERG peixe comer.N sobre DAT 1-falar.V
 "Falei com ele enquanto ele comia peixe."

(Salanova 2008)

As orações nominalizadas em (78) e (79) não apresentam ambiguidades e podem ser interpretadas, no caso de (78), como "vi o evento de ele comer peixe." Segundo Salanova (2008), o sentido eventivo nessas estruturas é mais evidente quando estas nominalizações são complementos de verbos de percepção.

Estrutura e sentido das nominalizações

As características comuns às nominalizações de evento e às orações relativas de núcleo interno, estas últimas são também consideradas como nominalizações de participantes, são depreendidas do fato de elas serem (i) nucleadas por uma

forma nominal, exibindo alinhamento ergativo; (ii) apresentarem características passivas, visíveis tanto na opcionalidade de sujeito de verbos transitivos quanto na possibilidade de afixação do prefixo anticausativo; e (iii) necessitarem de certas posições que existem na periferia esquerda das orações principais (Salanova 2008).

Segundo o autor, o ponto importante para as estruturas nominalizadas é que elas não podem denotar proposições completas. Salanova (2008, 2011) propõe derivar todas as construções ergativas em Mëbengokre de nominalizações, e mostrar como esta análise é consistente com os fatos independentes sobre a sintaxe da língua, tais como a interpretação de orações sem verbos.

2.4 Breve discussão sobre finitude

Em Mëbengokre, o critério utilizado para definir uma nominalização é a relação de assimetria existente entre as formas verbais em orações matrizes e encaixadas. Os traços finitos encontrados em orações principais nessa língua como tempo, modo, foco e alinhamento sintático estão ausentes nas orações encaixadas (Salanova 2008, 2011).

Segundo Kalinina e Sumbatova (2007), a noção de finitude é um daqueles conceitos que é amplamente usado, porém vagamente definido. Finitude tem sido entendido em termos de categorias morfológicas, isto é, a habilidade de uma forma verbal ser marcada por certas categorias morfológicas como flexão de pessoa, número ou tempo.

No modelo gerativista, a nominalização está associada, ainda que indiretamente, com a morfologia verbal (Kalinina e Sumbatova (2007) citando Radford (1988) e Rizzi (1997)). Em teorias formalistas, a diferença entre orações finitas e não-finitas se reflete na possibilidade de o verbo atribuir caso ou não.

Em termos de funções sintáticas, formas finitas e não finitas são definidas via posição sintática, ou seja, formas finitas prototipicamente funcionam como o único predicado de uma oração independente. Assim, verbos na forma de particípio funcionam como atributivo nominal, infinitivas como argumentos sentenciais e nomes verbais como argumentos (Nedjalkov 1995). Do ponto de vista da teoria funcionalista, Givón (1990) sugere que finitude seja uma propriedade gradual de uma oração, propondo uma abordagem de traços finitos. Nesta proposta, orações podem ser mais ou menos finitas.

Campbell (2012) argumenta que muitas línguas com padrão ergativo-absolutivo usam algum tipo de construção baseada em nominalização (forma não-finita do verbo) no lugar de subordinação (forma finita do verbo). Segundo a autora, o uso de nominalização no lugar de subordinadas constitui um traço areal na região Amazônica. Outro autor que assume uma proposta deste tipo é Derbyshire (1986) que, segundo ele, é comum o uso de nominalização no lugar de orações relativas.

Em Cristofaro (2005), subordinação é definida tradicionalmente através de critérios morfossintáticos. Por esse viés, muitas línguas ficam de fora, ou seja, elas não apresentam orações subordinadas, de modo que as línguas que não apresentarem uma estrutura morfossintática finita seriam descartadas do grupo de línguas com subordinadas, e seriam analisadas como sendo nominalizadas, ora por um morfema nominalizador, ora simplesmente pela redução morfológica.

Critério tradicional para definir subordinação

Segundo Cristofaro (2005), subordinação é definida por um número de critérios, tais como:

- dependência: impossibilidade de uma oração subordinada ocorrer isolada-

mente, indicada pelo uso de subordinadores, tais como "que" e "porque" ou pela redução morfossintática, não exibindo tempo, aspecto, modo ou concordância.;

- encaixamento: subordinadas são encaixadas dentro da oração principal como um constituinte, e as duas são lincadas por uma relação parte-todo (Haspelmath 1995, 2007)

A visão de subordinação mencionada acima é essencialmente morfossintática, e desenvolvida, principalmente, com base em línguas indo-européias (Cristofaro 2005; Haspelmath 1995; Roberts 1988).

A noção de encaixamento foi originalmente desenvolvida na teoria gerativa, que tem sido usada como um dos principais critérios para definir subordinação em muitos trabalhos tanto em teoria gerativa quanto não-gerativa (Foley e Van Valin Jr 1984; Haspelmath 1995; Roberts 1988). Nessa visão, orações encaixadas funciona como constituintes de outra oração.

Os critérios definidores para uma análise de subordinação ou nominalização estão sendo caracterizados pela presença ou ausência de um conjunto de traços morfossintáticos como tempo, aspecto, modo e concordância, de modo que havendo a redução desses traços em uma dada língua é comum que em, dependendo da abordagem teórica do linguista, essas orações sejam desconsideradas como subordinadas. Se uma língua sofre redução morfossintática no verbo da oração dependente ou encaixada, recorre-se a alternativa de uma análise onde haveria uma camada nominalizadora na oração. Nominalização, para muitos autores, parece estar relacionadas aos seguintes critérios:

- i redução morfossintática, ou seja, ausência de marcas de finitude no verbo;
- ii marca de caso;

iii presença de pre-/posposição;

iv realização de um morfema nominalizador.

A nossa abordagem, para as orações não-finitas Karitiana, é aquela baseada na noção de encaixamento mencionada acima. Nesta proposta vamos assumir que o verbo da oração encaixada está ativamente atribuindo caso estrutural aos seus argumentos e com a grade argumental bem definida, predicando e disponível para modificações adverbiais, negação e outros elementos que são associados tipicamente a orações.

2.5 Considerações finais e sumário do capítulo

Neste capítulo, apresentamos dados de outras línguas amazônicas e asiáticas acerca do tema finitude. A ausência de uma ou mais marcas finitas no verbo é um elemento comum entre as línguas discutidas no capítulo. Os estudiosos dizem que a estratégia usada nessas línguas é a nominalização no lugar de subordinação. A origem desse tipo de análise surgiu a partir dos estudos das línguas tibeto-burmanesas, uma vez que essas línguas utilizam um morfema nominalizador para nominalizar orações não-finitas. Línguas como o japonês mostram que o morfema nominalizador supriu a perda da marca finita de tempo no verbo da oração encaixada.

Capítulo 3

Estrutura Argumental I: fundamentos teóricos

3.1 Introdução ao capítulo

Neste capítulo vamos apresentar as duas principais propostas teóricas adotadas para descrever e analisar a estrutura argumental dos verbos em Karitiana, a saber, a proposta de teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002) e Pylkkänen (2008). A primeira se enquadra dentro de uma abordagem lexicalista do modelo gerativista enquanto a segunda tem um viés não-lexicalista dentro do mesmo modelo teórico da primeira.

3.2 A proposta de teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser

3.2.1 Tipos de projeções argumentais

Hale e Keyser (2002) argumentam que a possibilidade ou impossibilidade de ocorrência do processo de alternância deve-se ao fato de uma raiz verbal ser ou não ser predicativa - em outras palavras - se essa raiz exige ou não um

argumento interno. Desta forma, o comportamento de um verbo no que diz respeito à transitivização é definido pelas propriedades dos elementos, com os quais a estrutura do verbo é composta. As raízes (R) predicativas projetam um argumento interno à estrutura, cuja posição dá-se no especificador de V2 em estruturas de verbos do tipo inacusativos.

Demonstrando as posições estruturais de um verbo:

Na proposta acima mencionada, o complemento do núcleo é a própria raiz (R), o núcleo é um verbalizador (V) e o especificador do núcleo V será rotulado de Spec. Estrutura como (80) será demonstrada a partir daqui como se segue:

A proposta de Hale e Keyser prever quatro tipos de projeções que descrevem os verbos de uma dada língua: a monádica, a diádica composta, a diádica básica e uma atômica. Vamos discutir aqui apenas as três primeiras, que são aquelas que descrevem os verbos em Karitiana. Nesse momento, vamos apresentar apenas os tipos de estrutura e mais adiante ofereceremos os tipos de estruturas contendo exemplos em português.

Monádica: nesse tipo de estrutura, o núcleo V projeta apenas o complemento, de modo que não há projeção do especificador. E descreve tanto os verbos

transitivos quanto os verbos inergativos¹⁵.

Estrutura monádica: verbos transitivos

Estrutura monádica: verbos inergativos

A estrutura (82) descreve verbos transitivos enquanto a estrutura (83) descreve verbos inergativos.

Diádica composta: nesse tipo de estrutura, há dois núcleos Vs: um mais alto e outro mais baixo. O núcleo mais baixo (V2) é responsável pela derivação da versão intransitiva de um verbo alternante enquanto o núcleo mais alto (V1) deriva a versão transitiva desse mesmo verbo.

Em (84), a raiz (R) presente em verbos alternantes é um predicator que força o núcleo V mais baixo a projetar um especificador na estrutura. A estrutura diádica composta descreve verbos inacusativos alternantes.

¹⁵Verbos inergativos não apresentam argumentos internos, e uma vez que eles não projetam argumentos internos não há atribuição de caso nominativo ao argumento externo (Burzio 1986). Na proposta de Hale e Keyser (2002), esses verbos não têm um especificador interno em suas estruturas, dado isso, eles não apresentam alternância causativo-incoativa, pois para ocorrer alternância causativa é necessário que haja especificador interno, que funcionará como sujeito em uma versão intransitiva de um verbo inacusativo e como objeto na versão transitiva dos inacusativos.

Diádica básica: o núcleo P projeta um complemento e um especificador. P é tomado como complemento de uma projeção monádica para torna-se uma estrutura verbal.

As representações estruturais, em ((82) – (85)), dizem respeito às relações entre núcleos, especificadores e complementos, que estão definidas formalmente em (86). São essas relações que permitem compor certas estruturas lexicais (Hale e Keyser 2002: 12).

(86) As relações fundamentais de estrutura argumental

- i Relação Núcleo-Complemento: se X é o complemento de um núcleo H, então X é o único irmão de H (X e H c-comandam um ao outro);
- ii Relação Especificador-Núcleo: se X é o especificador de um núcleo H, e P1 é a primeira projeção de H (i.e., H' necessariamente não é vácuo), então X é o único irmão de P1 (Hale e Keyser 2002: 12).

Em ((82) e (83)), o núcleo toma um complemento, mas não projeta um especificador em sua estrutura, ou seja, trata-se de uma estrutura monádica na qual o núcleo (Head) é um verbo, cujo complemento (Compl) pode ser outro núcleo apenas ou um sintagma nominal. Esta última possibilidade está representada em (82), onde o complemento tem um núcleo e outro complemento, ou seja, um sintagma nominal livre, como em “construir uma casa”. Quando o complemento é um núcleo, ele pode ser, por exemplo, um nome que vai, juntamente com

o verbo leve, formar um único núcleo complexo. Verbos inergativos ((83)), em inglês, como “dançar” e “espirrar”, caberiam dentro desta categoria. Os verbos “to dance” (dançar) e “to sneeze” (espirrar) seriam, na visão de Hale e Keyser, verbalizações (via morfologia zero) dos nomes “dance” e “sneeze”. Os autores entendem que verbos do tipo inergativo têm suas raízes como seus complementos. Neste caso, a raiz (R), que é também o complemento do núcleo, funde-se ao núcleo verbal V via operação de *conflation*, formando, portanto, o verbo conforme mostrado em (87):

(87) Estrutura monádica (verbos inergativos)

Tal como representado em ((87-a) e (87-b)), verbos do tipo inergativo são compostos, na presente abordagem teórica, por dois elementos: a raiz e o núcleo verbal. Em (87-a), vemos a raiz *dance* ocupando a posição de complemento de um núcleo V monádico; em (87-b), a raiz funde-se via *conflation* no núcleo V para derivar o verbo inergativo *to dance* (Hale e Keyser 2002).

(88) Estrutura monádica (verbos transitivos)

Considerando a estrutura em (88), a projeção de verbos monádicos como *make* ‘fazer’, cuja valência é transitiva, compartilha de certas características estruturais com verbos do tipo em (87), ou seja, eles pegam como seu complemento (o objeto DP em (88)) e a estrutura na qual são projetados não inclui um especificador

(Hale e Keyser 2002).

(89) Derivação de um verbo inacusativo (contraparte intransitiva)

Em (89), estabelece-se a relação de um núcleo que projeta um especificador e um complemento, formando uma estrutura complexa, na qual o especificador é projetado por exigência semântica do complemento, pois, neste caso, a raiz (R), que forma verbos pertencentes à esta estrutura, é uma raiz predicativa ((89-a)). Esse núcleo pode ser gerado apenas por composição, resultando em um composto que é viabilizado por uma operação chamada *conflation*, ou fusão entre núcleos sintáticos ou, ainda, fusão entre um núcleo e seu complemento.

(90) Contraparte transitiva

Exemplos dados por Hale e Keyser (2002) para esta categoria de verbos incluem, portanto, os verbos inacusativos que alternam com uma versão transitiva, a saber: “clear” e “break”. As paráfrases destas estruturas são “X clareou” e “X quebrou” ((89-b)), respectivamente, tendo como contraparte transitiva “Y clareou X” e “Y quebrou X” ((90)). Como veremos adiante, o argumento representado por X vai tornar-se o objeto da versão transitiva do verbo.

(91) Derivação de um verbo diádico básico

(92) Derivação de um verbo diádico básico

Em (91), temos a estrutura diádica básica na qual um núcleo projeta uma estrutura com especificador (Spec) e complemento. Na teoria de Hale e Keyser (2002), o núcleo que, por si só, projeta, tipicamente, um especificador e um complemento é a preposição (P), de modo que os verbos que têm estas estruturas argumentais são considerados depreposicionais. Exemplos de verbos com estrutura diádica básica em inglês são "to shelf" e "to saddle" que podem ser traduzidos como "emprateleirar" ((91-b)) e "selar" ((92-b)), respectivamente. Paráfrases possíveis destas estruturas seriam "colocar o livro em prateleira" ((91-a)), "fazer o cavalo ficar com sela" ((92-a)).

Segundo (Hale e Keyser 2002), em inglês, as realizações predominantes relacionadas com as estruturas apresentadas são: monádica com um verbo V ((82)), diádica composta com um adjetivo A ((84)) e diádica básica com uma preposição P ((85)). Assim, eles querem dizer que itens lexicais com a categoria

V(erbo) tendem a se realizar como núcleos em estruturas monádicas, já itens com a categoria A(djetivo) tendem a ser núcleos de estruturas diádicas compostas, núcleos P(reposicionais) como complementos de núcleos verbais em estruturas diádicas básicas. Todavia, não há na abordagem teórica de Hale e Keyser (2002, contrário a Hale e Keyser (1993)) uma relação necessária entre as estruturas e as categorias gramaticais acima mencionadas.

3.2.2 Os núcleos verbalizadores (V1) e (V2) e a raiz (R)

Na presente abordagem teórica, um verbo é formado a partir de uma raiz (R) e de um ou mais núcleos verbais (V1 e V2). A raiz carrega os traços semânticos e fonológicos do verbo. São as propriedades de uma raiz, associadas às propriedades dos núcleos verbais V1 e V2, que vão projetar as estruturas de um verbo alternante. São essas propriedades que irão determinar se um verbo realizará alternância de transitividade ou não – contra Hale e Keyser (1993) – que afirmava que a propriedade de um verbo alternar ou não tinha a ver com a categoria das raízes a partir das quais as estruturas eram formadas). Estes núcleos verbais e as estruturas nas quais eles ocorrem estão diretamente relacionados à valência dos verbos e, conseqüentemente, ao seu comportamento sintático (Hale e Keyser 2002).

(93) As propriedades de uma estrutura diádica composta

Em (93), uma estrutura diádica composta consiste de três elementos estruturais: a raiz (R) e dois núcleos verbais (V2) e (V1), sendo que o componente verbal mais baixo (V2) pega um complemento, que é realizado como a raiz (R). Quando as propriedades da raiz (R) são associadas ao núcleo V2, tem-se um verbo que denota mudança de estado, resultando em uma estrutura do tipo inacusativa (*the pot broke*). Quando as propriedades dessa raiz (R) são associadas ao núcleo V2 e V1, tem-se uma estrutura transitiva na qual um agente ou causa inicia uma mudança de estado no elemento que está na posição de especificador interno (*Someone or something broke the pot*).

Verbos inergativos e transitivos compartilham o mesmo tipo de estrutura (monádica) para Hale e Keyser (2002), exceto pela diferença de que os primeiros têm um verbo leve e uma raiz frequentemente nominal (dar um espirro) enquanto os transitivos têm um verbo pleno e um sintagma como complemento (construir uma casa). O principal argumento que corrobora esta hipótese é o fato de os verbos inergativos não realizarem alternâncias de valência, uma vez que eles não projetam um especificador interno na estrutura.

3.2.3 O especificador interno

A noção de especificador interno na estrutura diádica composta é muito importante para a corrente proposta teórica, uma vez que esse especificador é um elemento pivô na alternância causativo-incoativa.

Versão transitiva	pivô	Versão intransitiva
<i>Someone/something broke</i>	the pot.	
	The pot	<i>broke.</i>

A estrutura em (93) mostra o DP *the pot* como o especificador interno, que está em Spec de V2 ou complemento de V1. Assim, quando temos a versão

intransitiva de um verbo alternante o DP *the pot* assume a função de sujeito na sintaxe, já quando o núcleo V2 funde-se com V1 formando a versão transitiva o DP *the pot* passa a ocupar a função de objeto na sintaxe.

3.2.4 A operação de *conflation*

Conflation é um processo proposto por Hale e Keyser (2002), semelhante ao processo de incorporação em Baker (1988). A operação de *conflation* pode ser resumida como um processo de fusão entre dois núcleos em c-comando mútuo ou entre um núcleo e seu complemento. O núcleo no qual o complemento se funde deve ser vazio ou fonologicamente defectivo (afixal). Este processo é utilizado tanto para a derivação de um verbo a partir de uma raiz (R) quanto para o processo de aumento de valência de um verbo.

"*Conflation* é o processo conforme o qual a matriz fonológica do núcleo de um complemento C é introduzida na matriz fonológica vazia do núcleo que seleciona (e é consequentemente irmão de) C (Hale e Keyser (2002: 12) - tradução nossa) ¹⁶."

"*Conflation* consiste no processo de copiar a assinatura fonológica do complemento na assinatura fonológica do núcleo; o núcleo deve ser defectivo (Hale e Keyser (2002: 63) - tradução nossa) ¹⁷."

Segundo Hale e Keyser (2002: 63), há dois casos em que a assinatura fonológica é "defectiva". o primeira caso é quando a assinatura fonológica do núcleo está completamente vazio, em que não há nenhum traço fonológico; o segundo caso é aquele em que o núcleo é um afixo.

¹⁶Conflation is restricted to the process according to which the phonological matrix of a head of a complement C is introduced into the empty phonological matrix of a head that selects (and is accordingly sister to) C (Hale e Keyser 2002: 12).

¹⁷Conflation consists in the process of copying the p-signature of the complement into the p-signature of the head, where the latter is defective.

Para Hale e Keyser (2002), *conflation* é uma operação que consiste em um processo de fusão do tipo “merge” entre dois núcleos lexicais ou entre um núcleo e seu complemento (Hale e Keyser 2002: 21; 47; 60; e 63). Deve-se deixar claro que, para estes autores, *conflation* não é movimento e, portanto, não deixa vestígio (*trace*). Esses autores dizem que *conflation* é uma fusão de núcleos sintáticos semelhante à incorporação, mas com propriedades próprias, assim definidas: a matriz fonológica do núcleo de um complemento é inserida no núcleo, vazio ou afixal, que o governa, dando origem a uma única palavra.

As estruturas (94a-b) descrevem a formação de um verbo inergativo em inglês, derivado a partir de um nome (Hale e Keyser 2002: 47):

(94) Formação de um verbo inergativo a partir de um nome

O material fonológico da raiz *laugh* em (94-b) é inserida via *conflation* no núcleo V para derivar o verbo *to laugh*. Nesse processo derivacional, a operação de *conflation* foi aplicada apenas uma vez.

Em (95), há a formação de um verbo inacusativo em inglês. Pode-se ver a operação de *conflation* ocorrendo duas vezes: na primeira operação a raiz *red* (adjetivo) em (95-a) é inserida no núcleo de V2 para formar a versão intransitiva do verbo *the sky redden*;

(95) As propriedades de uma estrutura diádica composta

Hale e Keyser (2002) argumentam que verbos deadjetivais do inglês podem conter uma morfologia verbal sufixal {-en} como em (95).

Em (95), os autores mostram a formação do verbo *red* a partir de um núcleo A por meio de uma operação de *conflation*, formando, portanto, um verbo inacusativo. Assim, o núcleo A *red*, complemento de V, funde-se ao V, formando, deste modo, uma única palavra, o verbo *red*.

(96) Versão transitiva do verbo inacusativo

Em (96), a estrutura representa a aplicação da segunda operação de *conflation* para formar a versão transitiva de *red* (*the sunset reddened the sky*). Sumarizando, na primeira operação de *conflation* o núcleo A funde-se ao V mais baixo, formando um único núcleo. Na segunda operação, o núcleo primário funde-se ao V mais alto via *conflation*, formando, portanto, outro núcleo verbal V, cujas propriedades são as de um verbo transitivo.

3.2.5 A estrutura diádica básica e os verbos *location* e *locatum*

Os verbos do tipo *location* e *locatum* são também formados por composição, visto que envolvem *conflation* de um N com P, e do resultado disso com o núcleo V, pois para tornar-se verbo é necessário ser tomado como complemento de um núcleo verbal. Esses verbos projetam a estrutura do tipo diádica básica.

Os verbos *location* estão relacionados com uma semântica locativa, onde verbos desse tipo projetam núcleos preposicionais (ou posposicionais) locativos (por exemplo, em inglês, *at*, *in*, *on*), enquanto verbos *locatum* estão associados a verbos com semântica de posse e, por isso, o uso de preposições relacionadas a posse (por exemplo, em inglês, *with*), conforme Hale e Keyser (2002: 19).

(97) Fase inicial - antes da primeira operação de *conflation*

(98) Fase final - após a segunda operação de *conflation*

Verbo *location* (cf. estruturas (97-a) e (98-a))

(99) I shelved the books
 eu emprateleirar.PAST o livro.PL
 "Eu emprateleirei os livros."

Verbo *locatum* (cf. estruturas (97-b) e (98-b))

- (100) She saddled the horse
 ela selar.PAST o cavalo
 "Ela selou o cavalo."

As estruturas em (98) mostram a derivação de verbos *location* em (98-a) e *locatum* em (98-b), usando duas operações de *conflation* onde há a fusão do complemento N e P em (97) e depois N+P funde-se com V em (98) para formar os verbos *to shelve* e *to saddle*, respectivamente, como nos exemplos ((99) e (100)).

3.2.6 Estruturas diádicas básicas: diferenças semânticas

Hale e Keyser (2002: 160-168) discutem a configuração para a estrutura diádica básica, subdividindo-a tipologicamente em 3 tipos semânticos, a saber, aqueles que os autores chamam de construção de objeto duplo (101), e ‘with-construction’ em (103) e as estruturas que eles chamam de ‘to-dative’ em (50).

- (101) Construção de duplo objeto

- (102) I gave him a ball
 eu dar.PAST ele uma bola
 "Eu dei uma bola para ele."

- (103) Construção *with-construction*

(104) Eu presenteei o bebê com uma bola

(105) Construção *to-dative*

(106) I gave a ball to him
eu dar.PAST uma bola para ele
"Eu dei uma bola para ele."

Conforme os autores, os fatos observados nas línguas são: (i) as línguas com as estruturas em (101) e (103) apresentam o alvo (goal) mais alto do que o tema (theme), enquanto (ii) línguas que têm a estrutura (105) têm o tema acima do alvo.

3.3 A proposta de núcleos aplicativos de Pykkänen

Conforme Pykkänen (2008), a maioria das línguas apresenta uma estratégia para adicionar um objeto indireto à estrutura básica de um verbo. Esta

possibilidade foi amplamente atestada nas línguas bantas. Na literatura sobre as línguas bantas, argumentos adicionais são chamados de argumentos aplicados e as construções resultantes, construções aplicativos.

De acordo com a autora, o inglês ((107)) e o chaga ((108)) apresentam uma construção de duplo objeto com um argumento benefactivo aplicado, mas somente em chaga é possível adicionar um participante benefactivo a um verbo inergativo, como nos exemplos a seguir:

(107) Argumentos aplicados em inglês

- a. I baked a cake
eu assar.PAST um bolo
"Eu assei um bolo."
- b. I baked him a cake
eu assar.PAST ele um bolo
"Eu assei um bolo para ele."
- c. I ran
eu corre.PAST
"Eu corri."
- d. *I ran him
eu corre.PAST ele

(Pylkkänen 2008)

(108) Verbos inergativos com argumentos aplicados em chaga

- a. N-ä-ĩ-lì-í-à m-kà k-élyá
FOC-1SG-PRES-comer-APPL-FV 1-esposa 7-comida
"Ele está comendo comida por sua esposa."
- b. N-ä-i-zrìc-í-à m-bùyà
FOC-1SG-PRES-correr-APPL-FV 9-amigo
"Ele está correndo por sua esposa."

((Bresnan e Moshi 1990: 49-50), citado por Pylkkänen (2008))

Existe apenas uma aparente similaridade semântica entre os benefactivos das

línguas chaga e inglês, visto que em chaga, o núcleo aplicativo relaciona um indivíduo ao evento descrito pelo VP, já em inglês o núcleo aplicativo relaciona um indivíduo ao objeto direto.

Com base nisso, a autora argumenta que, translinguisticamente, as construções aplicativos dividem-se em dois tipos, como visto pela assimetria em (107) e (108). Núcleos introdutores de argumentos (não-nucleares) na estrutura argumental do verbo são:

- **Núcleo Voice:** introduz o argumento externo acima do VP;
- **Núcleo Aplicativo alto:** introduz um argumento aplicado acima do VP, denotando uma relação entre um evento e um indivíduo;
- **Núcleo Aplicativo baixo:** introduz um argumento aplicado abaixo do VP, denotando uma relação entre dois indivíduos.

Na presente proposta teórica, núcleos sintáticos combinam com seus complementos e especificadores composicionalmente através das regras de Aplicação Funcional e Modificação de Predicado apresentadas a seguir:

(109) Estrutura aplicativo alta

(110)

O argumento aplicado ‘wife’ em (109) está em uma relação de benefactivo em relação ao evento de comer, mas não compartilha nenhuma relação com o objeto de comer. O mesmo raciocínio vale para os aplicativos instrumentais de Chichewa em (111), onde ‘faca’ tem uma relação instrumental com o evento de moldar, mas nenhuma relação com ‘cântaro’.

Aplicativo Instrumental em chichewa

- (111) Mavuto a-na-umb-ir-a mpeni mtsuko
 Mavuto SP-PAST-moldar-APPL-ASP faca cântaro
 "Mavuto moldou o cântaro com uma faca."

((Baker 1988: 354), citado por Pylkkänen (2008))

Em inglês, no entanto, é impossível uma interpretação na qual o argumento aplicado não tenha uma relação com o objeto direto em construções de duplo objeto (veja os exemplos (112 e 113)).

- (112) *He ate the wife food
 ele comer.PAST a esposa comida

- (113) *John held Mary the bag
 John segurar.PAST Mary a bolsa

3.3.1 Aplicativos altos e baixos

Aplicativos do inglês ((114)) e chaga ((115)) ilustram uma tipologia geral de construções aplicativos. A autora propõe que os núcleos aplicativos sejam de dois tipos: um baixo e outro alto.

- (114) Aplicativo baixo (inglês)

(115) Aplicativo alto (chaga)

Nas duas estruturas, segundo Pykkänen (2008), o argumento aplicado c-comanda assimetricamente o objeto direto. Essa assimetria de c-comando é uma das propriedades definidoras de construções de duplo objeto/aplicativo, translinguisticamente (cf. Barss e Lasnik 1986; Marantz 1993). Núcleos aplicativos altos são muito mais parecidos com o núcleo introdutor de argumento externo (Voice): simplesmente adicionam outro participante ao evento. Contudo, núcleos aplicativos baixos não têm nenhuma relação semântica com o verbo, fazendo, portanto, uma relação de transferência de posse com o objeto direto.

3.3.2 Interpretando aplicativos altos e baixos

A composicionalidade semântica dos núcleos aplicativos é direta. Estes núcleos combinam com o VP por Identificação de Eventos. O inventário universal de núcleos funcionais inclui vários tipos diferentes de núcleos aplicativos altos (Instrumental, Benefactivo, Malefactivo, etc.). Assim, saber quais núcleos ocorrem em uma dada língua é uma questão de seleção.

(116) Aplicativo alto

$\lambda x.\lambda e. \text{Appl}(e, x)$

(Appl_{Ben} , $\text{Appl}_{\text{Instr}}$, Appl_{Loc} , etc)

A definição de uma entrada lexical para aplicativos baixos deve parecer um pouco mais complicada, já que as propriedades de c-comando de aplicativos baixos determinam que o objeto indireto deve c-comandar o objeto direto, como em (117). A interpretação em (114 e 115) sugere uma estrutura como aquela em (118), onde o núcleo aplicativo e o objeto indireto combinam com o N do objeto direto. Em (118), o argumento aplicado acaba tendo uma relação unicamente com o objeto direto, de modo que o verbo pode tomar o objeto direto como seu argumento usual (nuclear) (Pylkkänen 2008).

(117) Propriedades de c-comando

(118) Relação semântica

Segundo Pylkkänen, a estrutura em (117) pode ser mantida por tratar o Appl baixo como um predicado de ordem mais alta, de modo que ApplP pegue o verbo como seu argumento. Isso pode parecer contraintuitivo, mas é de fato o modo como a Teoria de Quantificadores Generalizados associam QP com seus verbos ((Barwise e Cooper 1981)), citado por Pylkkänen (2008)).

A autora irá assumir que o Appl baixo toma três argumentos: os 2 primeiros são os objetos direto e indireto, respectivamente; já o seu terceiro argumento é o

verbo.

(119) Appl-baixo_{to} (Recipiente)

$\lambda x. \lambda y. \lambda f_{\langle e, \langle s, t \rangle \rangle}. \lambda e. f(e, x) \& \text{theme}(e, x) \& \text{to-the-possession}(x, y)$

(120) Appl-baixo_{from} (Origem)

$\lambda x. \lambda y. \lambda f_{\langle e, \langle s, t \rangle \rangle}. \lambda e. f(e, x) \& \text{theme}(e, x) \& \text{from-the-possession}(x, y)$

(121) Aplicativo baixo

a. Mary bought John the book

Conforme a presente proposta teórica, aplicativos baixos relacionam um argumento de papel temático Alvo ou Origem a um indivíduo que é o argumento interno de um verbo; por outro lado, aplicativo altos relacionam um indivíduo a um evento. Dessa maneira, as predições feitas por esta proposta são dadas pelos seguintes diagnósticos (Pylkkänen 2008: 18):

(122) Diagnóstico 1: restrições de transitividade

- Os núcleos aplicativos altos podem combinar com verbos inergativos, uma vez que inergativos são verbos que projetam apenas o argumento externo.
- Aplicativos baixos relacionam o argumento interno e o objeto indireto, de modo que não podem aparecer em uma estrutura que falta um argumento interno. Assim, é esperado que verbos inacusativos e transitivos permitam o uso de aplicativos baixos.

(123) Diagnóstico 2: a semântica do verbo

- Aplicativos baixos implicam uma transferência de posse – e, por isso, não combinam com verbos completamente estáticos: um evento de segurar uma bolsa não resulta na bolsa terminando na posse de alguém. Por esta razão, aplicativos altos não devem ter nenhum problema para combinar com verbos como ‘hold’.

3.3.3 Correlação entre Restrição de Transitividade e a Semântica do verbo

Nesta seção, serão discutidas as construções de objeto duplo em seis línguas: inglês, japonês, coreano, luganda, venda e albanês. De acordo com os diagnósticos sintáticos (de transitividade) e semânticos, o inglês, japonês, e coreano apresentam construções de objetos duplos como Aplicativos baixos ((124)–(126)) – enquanto luganda, venda e albanês têm Aplicativos altos ((127)–(129)).

Aplicativos baixos

Inglês

- (124) I baked him a cake
eu assar.PAST ele um bolo
"Eu assei um bolo para ele."

Japonês

- (125) Taroo-ga Hanako-ni tegami-o kaita
Taro-NOM Hanako-DAT carta-ACC escrever.PAST
"Taro escreveu uma carta para Hanako."

Coreano

- (126) John-i Mary-hanthey pyunci-lul sse-ess-ta
John-NOM Mary-DAT carta-ACC escrever-PAST-PLAIN
"Eu escrevi uma carta para Mary."

Aplicativos altos

Luganda

- (127) Mukasa ya-som-e-dde Katonga ekitabo
Mukasa 3SG.PAST-read-APPL-PAST Katonga book
"Mukasa leu um livro para Katonga."

Venda

- (128) Ndo-tandulela tshimu ya mukegulu
1SG-PAST-examinar velho.mulher o campo
"Eu examinei o campo para a anciã."

Albanês

- (129) Drita i poqi Agimit kek
Drita.NOM CL assar Agim.DAT cake
"Drita assou um bolo para Agim."

3.3.4 Diagnóstico com verbos inergativos e verbos estativos

Nos exemplos ((130)–(141)), serão apresentados testes de núcleos aplicativos altos e baixos com verbos inergativos e verbos estativos em diferentes línguas como inglês, japonês, coreano, luganda, venda e albanês, os dados representados

abaixo são extraídos de Pylkkänen (2008).

Aplicativo Baixo:

Inglês (Verbos inergativos)

- (130) *I ran him
eu correr.PAST ele

Verbo estativo

- (131) *I held him the bag
Eu segurar.PAST ele.ACC a bolsa

Japonês

Verbo inergativo

- (132) *Taroo-ga Hanako-ni hasitta.
Taroo-NOM Hanako-DAT correr-PAST
"Taro correu por Hanako."

Verbo estativo

- (133) *Taroo-ga Hanako-ni kanojo-no kaban-o motta
Taro-NOM Hanako-DAT she-GEN bag-ACC segurar.PAST
"Taro segurou a mochila dela para Hanako."

Coreano

Verbo inergativo

- (134) *Mary-ka John-hanthey talli-essta
Mary-NOM John-DAT correr-PAST
"Mary correu para/de John."

Verbo estativo

- (135) *John-i Mary-hanthey kabang-ul cap-ass-ta
John-NOM Mary-DAT bag-ACC segurar-PAST-PLAIN
"John segurou a bolsa dela para Mary."

Conforme a agramaticalidade em ((130 e (131))), o inglês não permite construção applicativa baixa com verbos inergativos e verbos estativos, bem como o japonês em ((132) e (133)) e o coreano em ((134 e (135)) não permitem tal construção pelo fato de o aplicativo baixo não se aplicar a verbos que não tenha o argumento interno, o que é o caso dos inergativos.

Aplicativo alto:

Luganda Verbo inergativo

- (136) Mukasa ya-tambu-le-dde Katonga
Mukasa PAST-andar-APPL-PAST Katonga
"Mukasa andou por Katonga."

Verbo estativo

- (137) Katonga ya-kwaant-i-dde Mukasa ensawo
Katonga PAST-segurar-APPL-PAST Mukasa mochila
"Katonga segurou a mochila por Mukasa."

Venda Verbo inergativo

- (138) Ndi-do-shum-el-a musadzi
1SG-FUT-trabalhar-APPL-FV mulher
"Eu vou trabalhar pela mulher."

Verbo estativo

- (139) Nd-o-far-el-a Mukasa khali
1SG-PAST-segurar-APPL-FV Mukasa vaso
"Eu segurei o vaso por Mukasa."

Albanês

Verbo inergativo

- (140) I vrapova
 ele.DAT-CL correr.1 SG.PAST
 "Eu corri por ele."

Verbo estativo

- (141) Agimi i mban Drites çanten time
 Agimi.NOM CL segurar Drita.DAT bolsa.ACC meu
 "Agim segura minha bolsa por Drita."

As línguas luganda, venda e albanês permitem construções aplicativos altas com verbos inergativos e estativos, conforme visto nos exemplos ((136)–(141)). Os exemplos ((136)–(141)) podem ser contrastados com aqueles apresentados em ((130)–(135)), de modo a verificar dois padrões tipológicos nessas línguas. Assim, inglês, japonês e coreano são tidos para ter núcleos aplicativos baixos enquanto luganda, venda e albanês são tidos para terem núcleos aplicativos altos, permitindo, desta maneira, a ocorrência de construções aplicativos com verbos inergativos e estativos.

A tabela 3.1 sumariza as predições para diagnosticar construções aplicativos altas e baixas (tabela de Pylkkänen (2008)).

Tabela 3.1: Predições para diagnosticas aplicativos

N.	Teste	Appl alto	Appl baixo
1.	Inergativos podem ser aplicativizados?	sim	não
2.	Verbos estativos podem ser aplicativizados?	sim	não
3.	Se a língua tiver predicado secundário depictivo com a distribuição do inglês, o argumento aplicado estará disponível para modificação depictiva?	sim	não

3.4 Considerações finais do capítulo

Para sumarizar o presente capítulo, foram apresentados os dois modelos teóricos de estrutura argumental que serão utilizados, no capítulo seguinte, na análise e discussão teórica sobre os verbos Karitiana. A proposta teórica de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002) discute e aponta as estruturas básicas de um verbo: verbos inacusativos alternantes apresentam a estrutura diádica composta, verbos transitivos e inergativos são descritos através da estrutura monádica enquanto os verbos bitransitivos ou de duplo objeto apresentam a estrutura diádica básica. A proposta teórica de Pylkkänen (2008) discute a estratégia que as línguas usam para adicionar argumentos à estrutura básica de um verbo através de núcleos aplicativos.

Capítulo 4

Estrutura Argumental II: descrição e análise dos verbos em Karitiana

4.1 Introdução ao capítulo

No presente capítulo, o objetivo é mostrar primeiramente a descrição e análise teórica da estrutura argumental dos verbos em Karitiana, a fim de situar o leitor na discussão acerca da morfossintaxe verbal e as informações de valência verbal. Pretendemos também retomar a discussão acerca dos verbos *eem* "sujar", *'obm* "furar" e *atat* "quebrar", que apresentam uma versão causativa e outra intransitiva sem nenhuma marcação morfológica especial. Vamos mostrar que esses podem ser analisados como verbos inacusativos, uma vez que são alternantes. Estes verbos foram descritos primeiramente por Storto (2001), cujo trabalho foi retomado por Rocha (2011) que tentou explicá-los como sendo um caso de homofonia na língua. Vamos, ainda, mostrar que em nossa presente pesquisa descrevemos outros 6 verbos que seguem o mesmo padrão verbal daqueles três verbos descritos por Storto (2001). Na seção (4.3.3), ofereceremos uma discussão mais aprofundada sobre esses verbos alternantes sem o morfema causativo {m–} baseando-nos no trabalho de Alexiadou, Anagnostopoulou, e

Schäfer (2006).

4.2 Testes morfossintáticos para identificar classes verbais

Na presente seção, vamos mostrar os testes morfossintáticos para identificar valência verbal em Karitiana. Os testes que podem identificar classes verbais são: (i) o padrão de concordância, (i) o padrão de alternância causativo-incoativa e (iii) a propriedade de poder ocorrer no núcleo da mini-orção de cópulas:

4.2.1 O padrão de concordância

Karitiana é uma língua ergativa-absolutiva em que o padrão de concordância no verbo se dá com o argumento absoluto, ou seja, o verbo concorda com o objeto em sentenças transitivas ou com o sujeito em intransitivas (cf. Landin 1984; Storto 1999, 2002, 2005, 2010).

Tabela 4.1: O verbo transitivo concorda com o objeto (modo declarativo)

Num	Sujeito	Verbo	Objeto	Tradução
1	yn	y-ta-ahoj- $\emptyset$	yn	"Eu ri de mim."
	eu	1-DECL-ri- $\emptyset$	eu	
2	yn	a-ta-ahoj- $\emptyset$	an	"Eu ri de você."
	eu	2-DECL-ri- $\emptyset$	você	
3	yn	$\emptyset$ -na-ahoj- $\emptyset$	i	"Eu ri dele."
	eu	3-DECL-ri- $\emptyset$	ele	

Tabela 4.2: O verbo transitivo concorda com o objeto (modo assertivo)

Num	Verbo	Objeto	Sujeito	Tradução
1	y -pyr-ahoj- $\emptyset$ 1-ASSERT-rir-NFUT	(yn) (eu)	õwã criança	"A criança riu de mim."
2	a -pyr-ahoj- $\emptyset$ 2-ASSERT-rir-NFUT	(an) (você)	õwã criança	"A criança riu de você."
3	$\emptyset$ -pyr-ahoj- $\emptyset$ 3-ASSERT-rir-NFUT	(i) (ele/a)	õwã criança	"A criança riu dele"

Tabela 4.3: O verbo intransitivo concorda com o sujeito (modo declarativo)

Num	Verbo	Sujeito	Tradução
1	y -ta-ahy-t 1-DECL-beber-NFUT	yn eu	"Eu bebi."
2	a -ta-ahy-t 2-DECL-beber-NFUT	an você	"Você bebeu."
3	$\emptyset$ -na-ahy-t 3-DECL-beber-NFUT	i ele	"Ele bebeu."

Tabela 4.4: O verbo intransitivo concorda com o sujeito (modo assertivo)

Num	Verbo	Sujeito	Tradução
1	y -pyr-ahy-t 1-ASSERT-beber-NFUT	yn eu	"Eu bebi."
2	a -pyr-ahy-t 2-ASSERT-beber-NFUT	an você	"Você bebeu."
3	$\emptyset$ -pyr-ahy-t 3-ASSERT-beber-NFUT	$\emptyset$ ele	"Ele bebeu."

O teste visto nas tabelas ((4.1)–(4.4)) mostrou que o padrão de concordância constitui um teste para identificar classes verbais, uma vez que a marca de concordância é sensível à valência do verbo: verbos transitivos ou bitransitivos

concordam com seus objetos enquanto verbos intransitivos fazem concordância com seus únicos argumentos, os sujeitos (Rocha 2011; Storto 2001; Storto e Rocha 2015).

4.2.2 Alternância causativo-incoativa

O morfema causativo {m-} é usado em Karitiana para transitivizar um verbo intransitivo. O fato desse morfema poder ser afixado apenas a raízes intransitivas constitui um teste morfossintático para identificar verbos intransitivos e ou transitivos, uma vez que ao adicioná-lo a uma raiz transitiva ou bitransitiva têm-se como resultado uma construção agramatical. Existe em Karitiana um conjunto de verbos intransitivos que se transitiviza através de um morfema causativo {-ø}, este conjunto de verbo será analisado nesse trabalho como verbos anticausativos.

(142) Causativização de um verbo intransitivo (modo assertivo)

- a. ø-pyry-som-<y>n asyryty
3-ASSERT-amadurecer-NFUT banana
"A banana amadureceu."
- b. ø-pyry-m-som-<y>n asyryty taso
3-ASSERT-CAUS-amadurecer-NFUT banana homem
"O homem amadureceu a banana."

(143) Causativização de um verbo intransitivo (modo assertivo)

- a. y-pyry-tarak-<a>dn yn
1-ASSERT-andar-NFUT eu
"Eu andei."
- b. y-pyry-m-tarak-<a>n yn taso
1-ASSERT-CAUS-andar-NFUT eu homem
"O homem me fez andar."
- c. ø-pyry-m-tarak-<a>n taso yn
3-ASSERT-CAUS-andar-NFUT homem eu
"Eu fiz o homem andar."

(144) Causativização de um verbo intransitivo com objeto oblíquo (modo assertivo)

- a. y-py-so'oot-<y>n yn pikom-ty
1-ASSERT-ver-NFUT eu macaco-OBL
"Eu vi o macaco."
- b. y-py-m-so'oot-<y>n yn ãwã pikom-ty
1-ASSERT-CAUS-ver-NFUT eu criança macaco-OBL
"A criança me fez ver o macaco."

(145) Agramaticalidade de um verbo transitivo com {m-} (modo assertivo)

- a. ø-pyr-oky-dn boroja taso
3-ASSERT-matar-NFUT cobra homem
"O homem matou a cobra."
- b. *ø-py-m-oky-dn boroja taso
3-ASSERT-CAUS-matar-NFUT cobra homem
"O homem matou a cobra."

(146) Agramaticalidade de um verbo bitransitivo com {m-} (modo assertivo)

- a. y-pyry-hit-<y>n boet-<e>ty taso
3-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
"O homem me deu o colar."
- b. *y-pyry-m-hit-<y>n boet-<e>ty taso
1-ASSERT-CAUS-dar-NFUT colar-OBL homem

4.2.3 Passivização impessoal com o morfema {a-}

A passivização impessoal {a-} é a terceira evidência morfossintática para identificar classes verbais. O morfema de passiva impessoal é usado apenas com verbos sintaticamente transitivos. Verbos intransitivos ficam agramaticais ao serem afixados pelo morfema {a-} (Rocha 2011; Storto 2001; Storto e Rocha 2015).

(147) Passivização de verbos transitivos

- a. $\emptyset$ -pyr-oky-dn boroja taso
 3-ASSERT-matar-NFUT cobra homem
 "O homem matou a cobra."
- b. $\emptyset$ -pyr-a-oky-dn boroja
 3-ASSERT-PASV-matar-NFUT cobra
 "A cobra foi morta."
- (148) Gramaticalidade de um verbo bitransitivo com {a-} (modo assertivo)
- a. y-pyry-hit-<y>n boet-<e>ty taso
 3-ASSERT-dar-NFUT colar-OBL homem
 "O homem me deu o colar."
- b. y-pyr-a-hit-<y>n boet-<e>ty
 1-ASSERT-PASV-dar-NFUT colar-OBL
 "Me deram o colar."
- (149) Gramaticalidade de um verbo intransitivo passivizado
- a. $\emptyset$ -pyry-som-<y>n asyryty
 3-ASSERT-amadurecer-NFUT banana
 "A banana amadureceu."
- b. * $\emptyset$ -pyry-a-som-<y>n asyryty
 3-ASSERT-PASV-amadurecer-NFUT banana
- (150) Gramaticalidade de um verbo intransitivo passivizado
- a. y-pyry-tarak-<a>dn yn
 1-ASSERT-andar-NFUT eu
 "Eu andei."
- b. *y-pyry-a-tarak-<a>dn yn
 1-ASSERT-PASV-andar-NFUT eu
- (151) Gramaticalidade de um verbo intransitivo com objeto oblíquo passivizado
- a. y-py-so'oot-<y>n yn pikom-ty
 1-ASSERT-ver-NFUT eu macaco-OBL
 "Eu vi o macaco."

- b. *y-pyr-a-so'oot-<y>n yn pikom-ty
1-ASSERT-PASV-ver-NFUT eu macaco-OBL

Os exemplos contendo um verbo transitivo em ((147-b)) ou um verbo bitransitivo em ((148-b)) podem ser passivizados com o morfema {a-}. Por outro lado, verbos intransitivos não podem receber diretamente o morfema de passiva {a-} como se pode ver através dos exemplos agramaticais em ((149-b), (150-b) e (151-b)).

Passivas de verbos intransitivos causativizados

Os exemplos agramaticais em ((149-b), (150-b) e (151-b)) podem receber o morfema de passiva se antes eles forem causativizados por {m-} como em ((152)–(154)) (veja-se também os exemplos ((142-b), (143-b) e (144-b))).

- (152) ø-pyry-a-m-som-<y>n asyryty
 3-ASSERT-PASV-CAUS-amadurecer-NFUT banana
 "Fizeram a banana amadurecer."
- (153) y-pyry-a-m-tarak-<a>n yn
 1-ASSERT-PASV-CAUS-andar-NFUT eu
 "Me fizeram andar"
- (154) y-pyr-a-m-so'oot-<y>n yn pikom-ty
 1-ASSERT-PASV-CAUS-ver-NFUT eu macaco-OBL
 "Me fizeram ver o macaco."

4.2.4 Construções de cópula como um teste morfossintático

Storto (2010) demonstrou que o núcleo da mini-orção em construções de cópula é sensível à valência verbal, uma vez que sentenças copulares são agramaticais se a mini-orção for nucleada por um verbo sintaticamente transitivo. Testes com construções de cópula constituem o nosso quarto teste morfossintático para identificar classes verbais(cf. Rocha 2011; Storto 2001; Storto e

Rocha 2015).

(155) Verbos intransitivos nucleando a mini-orção de cópulas

- a. Yn $\emptyset$ -na-aka-t i-tarak-<a>t
eu 3-DECL-COP-NFUT PART-andar-ADVZR
"Eu andei."
- b. Yn $\emptyset$ -na-aka-t i-otam- $\emptyset$
eu 3-DECL-COP-NFUT PART-chegar-ADVZR
"Eu cheguei."
- c. Yn $\emptyset$ -na-aka-t i-so'oot- $\emptyset$ pikom-ty
eu 3-DECL-COP-NFUT PART-chegar-ADVZR macaco-OBL
"Eu vi o macaco."

(156) Verbos transitivos nucleando a mini-orção de cópulas

- a. *Yn $\emptyset$ -na-aka-t i-oky-t (boroja)
eu 3-DECL-COP-NFUT PART-matar-ADVZR cobra
- b. *Yn $\emptyset$ -na-aka-t i-'y-t (asyryty)
eu 3-DECL-COP-NFUT PART-comer-ADVZR banana
- c. *Yn $\emptyset$ -na-aka-t i-hit- $\emptyset$ (asyryty)
eu 3-DECL-COP-NFUT PART-dar-ADVZR banana
(pikom-ty)
macaco-OBL

(157) Verbos transitivos nucleando a mini-orção de cópulas

- a. boroja $\emptyset$ -na-aka-t i-a-oky-t
cobra 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-matar-ADVZR
"A cobra foi morta."
- b. asyryty $\emptyset$ -na-aka-t i-a-'y- $\emptyset$
banana 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-comer-ADVZR
"A banana foi comida."
- c. asyryty $\emptyset$ -na-aka-t i-a-hit- $\emptyset$
banana 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-dar-ADVZR
(pikom-ty)
macaco-OBL
"A banana foi dada para o macaco."

O grupo de exemplos em (155) mostra a ocorrência de verbos intransitivos no núcleo da mini-orção. A agramaticalidade das sentenças no grupo de exemplos em (156), em que verbos transitivos estão nucleando a mini-orção, atesta que somente verbos intransitivos podem ocupar este ambiente sintático. Verbos transitivos não podem ocorrer em construções de cópulas ((156)) a menos que eles sejam antes passivizados, tornando-se sintaticamente intransitivos como os exemplos em (157a-c).

Tabela 4.5: Resumo dos testes morfossintáticos

	Teste 1	Teste 2	Teste 3	Teste 4
Tipo de verbo	Concordância	{m-}	{a-}	Ambiente de cópula
Transitivo	objeto	não	sim	não
Bitransitivo	objeto direto	não	sim	não
Intransitivo	sujeito	sim	não	sim
Intransitivo com objeto oblique	sujeito	sim	não	sim

A tabela acima mostra o tipo de verbo na primeira coluna; na segunda coluna, apresenta-se o teste 1, ou seja, se o verbo faz concordância com o objeto ou com o sujeito; na terceira coluna, o teste 2 que mostra se o tipo de verbo da coluna 1 aceita ou não a causativização pelo morfema {m-}¹⁸; na quarta coluna, o teste 3 mostra se o verbo aceita ou não a passivização impessoal com o morfema {a-}; e por fim, na quinta coluna, apresenta-se o teste 4 em que se mostra qual tipo de verbo pode ocorrer em uma mini-orção em ambiente de cópula.

¹⁸Existe um grupo de verbo intransitivo alternante, cuja versão transitiva não apresenta a realização do morfema causativo {m-}. Para este grupo de verbos, vamos assumir que a versão básica deles é de um verbo intransitivo do tipo inacusativo. A nossa proposta é que este verbo alterna com o uso de um morfema causativo zero {∅-} (cf. seção (4.3.3)).

4.3 As classes verbais Karitiana analisadas à luz da proposta teórica de Hale e Keyser (2002)

Conforme o padrão morfossintático, os verbos da língua Karitiana foram descritos em 3 classes: (i) a classe dos verbos intransitivos; (ii) a classe dos verbos transitivos; e (iii) a classe dos verbos bitransitivos (Rocha 2011; Storto 2001; Storto e Rocha 2015). Os verbos intransitivos da língua Karitiana não apresentam a distinção inergativo-inacusativa, posto que os testes morfossintáticos para diferenciar inacusativos de inergativos mostram que os verbos intransitivos dessa língua apresentam o mesmo padrão sintático. Constatamos também que todos os verbos intransitivos em Karitiana apresentam o mesmo padrão morfossintático: são causativizados pelo morfema causativo {m-}, não podem receber diretamente o morfema de passiva impessoal para intransitivizar-se, apresentando ainda a mesma marcação de concordância absoluta.

A título de exemplo, apresentaremos dados da língua Juruna estudada por Fargetti (2001: 186-190) e Lima (2008: 124). Como atestado, essa língua faz a distinção inergativo-inacusativa, uma vez que ela apresenta dois morfemas causativos {ma-} e {ũ-} diferentes para causativizar verbos inacusativos em (158) e inergativos em (160), respectivamente.

(158) aniiyu
3SG.dormir
"Ele dormiu."

(159) Sewaki i-ma-iyu he anu
Sewaki 3SG-CAUS-dormir 3SG ASP
"Sewaki o fez dormir (Sewaki o dormiu)"

(160) tahu apĩ
correr cachorro

"Cachorro correu."

- (161) una apĩ y-ũ-tahu anu
 eu cachorro 3sg-CAUS-correr ASP
 "Eu fiz cachorro correr."

(Fargetti 2001; Lima 2008: 124)

Os exemplos acima mostram evidências de que Juruna exibe a distinção inacusativo-inergativa.

4.3.1 Verbos diádicos compostos em Karitiana: inacusativos

Vamos mostrar que todos os verbos intransitivos em Karitiana apresentam o padrão sintático dos verbos inacusativos, não apresentando a distinção inacusativo-inergativa que línguas como Juruna fazem.

Os verbos intransitivos em Karitiana são descrito por meio da estrutura diádica composta (Hale e Keyser 2002). Em (164), mostramos a projeção argumental de um verbo inacusativo alternante em que uma raiz prediativa R como *otam* 'chegar' e *terekterek* 'dançar' requer um especificador (interno), que é projetado pelo núcleo de V2. O especificador é realizado aqui pelo NP *taso* (Rocha 2011; Storto e Rocha 2015).

Formação da versão intransitiva dos verbos *otam* e *terekterek* via a estrutura diádica composta:

- (162) ø-na-otam-ø tasu
 3-DECL-chegar-NFUT homem
 "O homem chegou."

- (163) ø-na-terekteregng-ø tasu
 3-DECL-dançar-NFUT homem
 "O homem dançou."

Pré-conflation

(164) Formação de verbos como *otam* e *terekterek*

Em (60), de acordo com o modelo teórico adotado, ocorre a primeira operação de conflation, fundindo a raiz R com o núcleo verbalizador V2, para formar a versão intransitiva, gerando, deste modo, os verbos *otam* em (162) e *terekterek* em (163).

Primeira operação de conflation

(165) Formação de verbos como *otam* e *terekterek*

Em (168), ocorre a segunda operação de conflation para formar a versão transitiva dos verbos *otam* e *terekterek* através da fusão dos núcleos verbalizadores V1 e V2. Nesse terceira etapa do processo, introduz-se o morfema causativo {m-}, que é usado para transitivizar verbos intransitivos da língua (cf. seção (4.2.2)).

Formação da versão transitiva dos verbos *otam* e *terekterek*

- (166) Maria $\emptyset$ -na-mb-otam- $\emptyset$ João
 Maria 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT João
 "Maria fez o João chegar"

- (167) Yn $\emptyset$ -na-m-terekteregng- $\emptyset$ taso
 eu 3-DECL-CAUS-dançar-NFUT homem
 "Eu fiz o homem dança."

Segunda operação *conflation*

- (168) Formação de verbos como *otam* e *terekterek*

A operação da fusão dos núcleos V1 com V2 forma a versão causativa de verbos inacusativos como em ((166) e (167)).

4.3.2 Verbos diádicos compostos com objeto oblíquo

Dentre os verbos inacusativos alternantes em Karitiana, há uma subclasse que pode projetar um objeto indireto opcional. Morfossintaticamente, essa subclasse de intransitivos passa pelos mesmos testes aplicados aos verbos *otam* e *terekterek*. Os verbos analisados nessa subclasse até o momento são: *a'ak* 'gostar sexualmente', 'fazer amor', 'desejar sexualmente'; *hōrojĩ* 'mentir'; *kārã* 'ter ciúme'; *koro'op pasap* 'ter saudade'; *opihok* 'escutar'; *opiso* 'ouvir'; *paket* 'ter nojo'; *pasadn* 'amar'; *pi* 'temer (ter medo de)'; *pypyyt* 'saber (ter a habilidade de fazer algo, por exemplo, saber inglês, matemática, música, etc.)'; *pyso* 'tocar com a mão/ tatear'; *pytim okokit* 'enjoar'; *pyting* 'querer, desejar algo'; *so'oot* 'ver'; *so'oot hārajĩ* 'gostar', 'amar' (literalmente: ver bem); *so'oot sara'it* 'odiar

(literalmente: ver mal)'; *sondyp* 'saber (de algo)'; e *tirira* 'tremar (de frio, de febre, de medo)' (Rocha, 2011). Vamos adotar o verbo *so'oot* como sendo um verbo prototípico dessa subclasse, e ao longo do texto podemos mencioná-lo como verbo tipo-*so'oot*.

O objetivo do paradigma a seguir é trazer evidências de que o padrão morfossintático dessa subclasse é de um verbo inacusativo.

Em (169), apresentamos o paradigma do verbo do tipo-textitso'oot em uma sentença assertiva, cuja ordem de constituintes é sempre verbo-inicial VS (com a possibilidade de adicionar um objeto oblíquo). Além disso, é possível a ordem V(Objeto oblíquo) S, já no caso de uma sentença transitiva as ordens são VOS e VSO. As propriedades sintático-semânticas desse tipo de verbo que são distinguidas daqueles do tipo *otam* e *terekterek* são: (i) apresentam um objeto oblíquo e (ii) apresentam sujeito com papel temático experienciador. Os exemplos apresentados de (169) a (173) são retirados de Rocha (2011).

- (169) Ø-py-so'oot-yn (pikom-ty) ãwã
3-ASSERT-ver-NFUT macaco-OBL criança
"A criança viu o macaco."

- (170) *Ø-pyr-a-so'oot-yn ãwã (boet-<e>ty)
3-ASSERT-PASV-ver-<v>NFUT criança (colar-OBL)

Como atestado em (170), os verbos do tipo-*so'oot* não permitem a formação de passiva impessoal pelo morfema de passiva {a-}, obedecendo o mesmo padrão dos verbos *otam* e *terekterek*.

- (171) y-py-m-so'oot-<y>n ãwã (pikom-ty)
1-ASSERT-CAUS-ver-NFUT criança macaco-OBL
"A criança me fez ver o macaco."

O exemplo (171) mostra o verbo *so'oot* sendo causativizado pelo morfema {m-} como um verbo inacusativo. Além disso, a marca de concordância absoluta

{y-} é realizada com o pronome *yn*, que está funcionando como objeto.

- (172) y-pyr-a-m-so'oot-<y>n (boet-<e>ty)
 1-ASSERT-PASV-CAUS-ver-NFUT colar-OBL
 "Me fizeram ver o colar."

Compare (170), (171) e (172), observando que um verbo intransitivo em Karitiana não pode ser passivizado diretamente pelo morfema {a-} em (170). No entanto, a construção seria gramatical se antes ele tivesse sido causativizado por {m-} em (172), introduzindo um argumento externo causa ou agente para licenciar o uso da passiva. O processo dá-se da seguinte forma: adiciona o agente/causa através de {m-}, obtendo-se como resultado uma construção bi-argumental, de modo que o morfema {a-} seleciona diretamente o radical {m-}+Raiz[intransitiva], de maneira similar ao que acontece com uma raiz transitiva. Este processo demove o argumento introduzido por {m-} ((171)), intransitivizando o verbo causativizado.

- (173) òwã Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø (pikom-ty)
 criança 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR macaco-OBL
 "A criança viu o macaco."

O exemplo (173) serve para mostrar que um verbo do tipo *so'oot* pode ser o núcleo da mini-orção, ambiente de um verbo intransitivo.

Adotar uma estrutura para descrever os fatos observados em verbos do tipo *so'oot* em ((169)-(169)) foi uma questão relativamente difícil, visto que a abordagem teórica adotada apresenta as quatro estruturas verbais básicas expostas no capítulo anterior: diádica composta, diádica básica e monádica. O verbo do tipo *so'oot* apresenta a mesma estrutura de um verbo diádico composto, visto que o tipo de alternância e o ambiente sintático em que ele ocorre é o mesmo em que ocorre *otam* e *terekterek*. Contudo, a estrutura diádica composta

não descreve o fato de ter um complemento oblíquo que mesmo sendo opcional, ocorre frequentemente. Por outro lado, poderíamos considerar a estrutura diádica básica, que descreve o fato de haver um complemento oblíquo, mas não é sensível à propriedade alternante desse tipo de verbo, já que a estrutura diádica básica é uma estrutura monádica que pega um P como seu complemento. Tendo isso em vista, Rocha (2011) adotou uma estrutura derivada de uma diádica composta, que é prevista em Hale e Keyser (2002), que, nesse caso, ao invés de termos uma raiz (R) como complemento do núcleo verbal mais baixo (V2), temos um P-complemento. Assim, descrevemos a alternância do verbo em questão, pois ao mesmo tempo em que a estrutura permite a alternância entre um verbo transitivo e intransitivo permite a projeção do objeto oblíquo ((174)).

- (174) Estrutura diádica composta com um P-complemento (versão intransitiva)¹⁹

- (175) Estrutura diádica composta com um P-complemento (versão transitiva)²⁰

¹⁹Pyso'ootyn pikomty õwã

"A criança viu o macaco"

²⁰Pymso'ootyn õwã yn pikomty

"Eu fiz a criança ver o macaco."

A estrutura diádica básica com um P-complemente deve descrever a alternância que verbos do tipo-*so'oot* faz ao mesmo tempo em que capta o objeto oblíquo.

4.3.3 Os verbos anticausativos e a estrutura diádica composta

Descrevemos que a língua Karitiana, pelo menos na maioria dos casos, mostra um padrão verbal bastante regular, apresentando basicamente dois processos de mudança de valência: (i) a causativização através do morfema {m-} e (ii) a intransitivização usando o morfema de passiva impessoal {a-}. Com o intuito de problematizar acerca de um conjunto de verbos que apresenta uma contraparte intransitiva e outra transitiva sem uso de morfologia específica, vamos apontar para outro processo de mudança de valência que não aqueles vistos nos testes 1 e 2 (cf. seções (4.2.2), (4.2.3) e a tabela (4.5)). Diante dos fatos a serem discutidos, não estamos certos se os verbos em questão são transitivos que sofrem uma intransitivização sem o uso de uma morfologia intransitivizadora ou se são verbos intransitivos que se transitivizam sem o uso de um morfema transitivizador específico, como é o caso dos verbos inacusativos que podem ter sua valência aumentada pelo morfema {m-} e a adição de um argumento causa ou agente.

Tabela 4.6: Verbos anticausativos

	Verbo	Tradução
1	<i>kynon</i>	fechar
2	<i>kot</i>	quebrar
3	<i>okop</i>	quebrar
4	<i>ohok</i>	descascar
5	<i>oky</i>	machucar-se
6	<i>kydop</i>	abrir
7	<i>'obm</i>	furar
8	<i>atat</i>	arrebentar/quebrar
9	<i>eem</i>	sujar

A seguir, apresentamos um paradigma verbal no qual descrevemos o verbo *kynon* ‘fechar’, ocorrendo em (176) como transitivo, ou seja, apresenta dois argumentos bem definidos, não mostrando nenhuma morfologia transitivizadora, bem como em (177) onde a sua contraparte intransitiva também não explicita nenhuma morfologia intransitivizadora. Em (178), verifica-se a ocorrência da raiz *kynon* no núcleo da mini-orção que é usada como complemento da cópula, um ambiente restrito a verbos intransitivos ou intransitivizados, adjetivos ou nomes. O dado em (179) constitui um exemplo muito interessante para a questão exposta aqui, pois é um fato que traz uma questão para uma proposta de análise, posto que o morfema de passiva seleciona apenas verbos transitivos (ou bitransitivos), nunca um verbo intransitivo. Desse modo, podemos ter duas possíveis abordagens: (i) poderíamos dizer que a forma básica desse tipo de verbo é a versão transitiva ou (ii) assumir que essa é uma estrutura basicamente intransitiva, transitivizada por um morfema { $\emptyset$ -}, de modo que após a causativização via zero pode ser passivizado como os demais inacusativos.

O exemplo agramatical em (180) mostra que esse tipo de verbo não pode ser causativizado pelo morfema {m-}.

Paradigma verbal 1 com o verbo *kynon* ‘fechar’

- (176) $\emptyset$ -pyr<y>-kynon<y>n ambi karamã yn
 3-ASSERT-fechar-NFUT casa porta eu
 "Eu fechei a porta da casa."
- (177) $\emptyset$ -pyr<y>-kynon<y>n ambi karamã
 3-ASSERT-fechar-NFUT casa porta
 "A porta da casa fechou."(sem agente atuando volitivamente/ evento espontâneo)
- (178) ambi karamã $\emptyset$ -na-aka-t i-kynon-t
 casa porta 3-DECL-COP-NFUT PART-fechar-ADVZR
 "A porta da casa fechou."
- (179) $\emptyset$ -pyr-a-kynon-<y>n ambi karamã
 3-ASSERT-PASV-fechar-NFUT casa porta
 "A porta foi fechada."
- (180) * $\emptyset$ -pyr<y>-m-kynon-<y>n ambi karamã yn
 3-ASSERT-CAUS-fechar-NFUT casa porta eu

Paradigma verbal 2 com o verbo *oky* ‘machucar-se’

A seguir apresentamos o paradigma com o verbo *oky*²¹

- (181) a-pyr-oky-dn an yn
 2-ASSERT-machucar-NFUT você eu
 "Eu machuquei você."
- (182) a-pyr-oky-dn an
 2-ASSERT-machucar-se-NFUT você

²¹ Ressaltamos que a raiz *oky* com o significado ‘matar’ é um verbo transitivo e não apresenta uma contraparte intransitiva, o qual foi checado por Rocha (2011). Contudo, existe uma raiz homófona *oky* com significado ‘machucar-se’ (intransitivo) ou ‘machucar alguém’ (transitivo) que entra nessa subclasse de verbos anticausativos.

"Você se machucou."

- (183) an Ø-na-aka-t i-oky-t
 você 3-DECL-COP-NFUT PART-machucar-se-ADVZR
 "Você se machucou."

- (184) a-pyr-a-oky-dn an
 2-ASSERT-PASV-machucar-NFUT você
 "Você foi machucado."

- (185) *a-pyr<y>-m(b)-oky-dn an yn
 2-ASSERT-CAUS-matar-NFUT você eu

Os exemplos (176) e (181) mostram que verbos do tipo apresentados nos paradigmas 1 e 2 podem ocorrer com dois argumentos: o argumento externo e o interno. Os exemplos ((178) e (183)) atestam que podemos ter uma construção intransitiva com apenas um argumento interno funcionando como sujeito enquanto o exemplo (182) exhibe o verbo *oky* 'machucar-se' em sua versão transitiva sem o uso do morfema causativo {m-}. Ambos os verbos em (179) e (184) podem ser usados numa estrutura de passiva impessoal. Tanto os verbos do tipo *kynon* em (180) como os verbos do tipo *oky* em (185) não podem ser causativizados pelo morfema {m-}. Embora o comportamento dos verbos apresentados nos paradigmas acima possam ter algumas propriedades de transitivos (que são (i) projetar dois argumentos e (ii) poder ser passivizados por {a-}), eles ocorrem na mini-orção de construções de cópulas, que é um ambiente onde apenas verbos intransitivos podem ocorrer. Deste modo, isso constitui um fato que nos permite analisá-los como intransitivos.

Storto (2001) mostrou que os verbos *eem* 'sujar', *obm* 'furar' e *atat* 'arrebentar', bem como todos os verbos apresentados na tabela (4.6), são, semanticamente e sintaticamente, consistentes com as exigências de alternância transitivo-incoativa, visto que em todos os casos o sujeito transitivo corresponde ao objeto

Com base no comportamento dos verbos acima, chamados de anticausativos, vamos assumir que eles são intransitivos alternantes e compartilham da mesma estrutura que descreve os verbos inacusativos do tipo *otam* 'chegar' e *terekterek* 'dançar'. No entanto, esses verbos anticausativos se causativizam com morfologia zero.

a.

```
graph TD
    V1[V1] --- V[V]
    V1 --- V2[V2]
    V2 --- NP[NP]
    V2 --- V2b[V2]
    NP --- ambi[ambi]
    NP --- karamã[karamã]
    V2b --- V[V]
    V2b --- R[R]
    V --- kynon[kynon]
```

b.

```
graph TD
    V1[V1] --- V[V]
    V1 --- V2[V2]
    V --- Caus[Caus]
    V --- Vb[V]
    Caus --- ø[ø-]
    Vb --- kynon[kynon]
    V2 --- NP[NP]
    V2 --- V2b[V2]
    NP --- ambi[ambi]
    NP --- karamã[karamã]
    V2b --- V[V]
    V2b --- R[R]
    V --- kynon[kynon]
```

4.3.4 Verbos transitivos: estrutura monádica

104

Verbo transitivo no modo assertivo (VSO)

- (187) Ø-pyry-'y-dn taso asyryty
3-ASSERT-comer-NFUT homem banana
"O homem comeu a banana."

Verbo transitivo sendo passivizado via {a-} no modo assertivo (VS)

- (188) Ø-pyr-a-'y-dn asyryty
3-ASSERT-PASV-comer-NFUT banana
"A banana foi comida."

Verbo transitivo com o morfema {m-} no modo assertivo

- (189) *Ø-pyry-m-'y-dn asyryty taso
3-ASSERT-CAUS-comer-NFUT banana homem

Abaixo temos um exemplo de verbo transitivo com a coocorrência dos morfemas {m-} e {a-} de causativa e passiva, respectivamente. Verbos transitivos não podem ser causativizados via {m-} como atestado em (189). O dado em (190) é agramatical pelo fato de ocorrer o morfema {m-} e não pela passivização com {a-}

- (190) *Ø-pyr-a-m-'y-dn asyryty
3-ASSERT-PASV-CAUS-comer-NFUT banana

Construção de cópula com verbo transitivo no núcleo da mini-orção

- (191) *asyryty Ø-na-aka-t i-'y-t
banana 3-DECL-COP-NFUT PART-comer-ADVZR

- (192) Estrutura monádica – verbo transitivo

A estrutura ((192)) descreve os verbos transitivos. Esses verbos, em termos de estrutura argumental, projetam um complemento, o NP *asyryty* 'banana' e não projetam um especificador como é previsto na teoria adotada (cf. Hale e Keyser 2002). Ressalta-se que nessa proposta teórica, o argumento externo de um verbo é adicionado na sintaxe, ou seja, ele está fora da estrutura argumental.

4.3.5 Verbos diádicos básicos: bitransitivos

Os verbos bitransitivos em Karitiana apresentam o mesmo comportamento morfossintático que os verbos transitivos. Os verbos bitransitivos são: *hit* 'dar', *hit'it* 'emprestar' e *oigng* 'presentear'. Todos eles apresentam o mesmo padrão morfossintático como pode ser visto em ((193)-(197)). Observe que a concordância dá-se com o argumento interno não posicionado em (193). O argumento com papel semântico TEMA recebe a marca de oblíquo (boet-<e>ty). Assim como os verbos transitivos, os verbos bitransitivos podem ser passivizados diretamente pelo morfema de passiva {a-} em (194); não aceitam a causativização com {m-} em (195), nem mesmo após terem sido passivizados em (196). Ainda nessa linha comparativa aos transitivos, os verbos bitransitivos não podem ocorrer como núcleo da mini-orção em ambiente de cópula (197). Os dados apresentados, bem como a descrição exposta aqui, são retirados de Rocha (2011).

Verbo bitransitivo *oigng* 'presentear' no modo assertivo (VOSOobl)

- (193) y-pyr-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 1-ASSERT-presentear-NFUT criança colar-OBL
 "A criança me presenteou com um colar."

Verbo bitransitivo no modo assertivo passivizado via {a-} (VO Oobl)

- (194) Ø-pyr-a-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 3-ASSERT-PASV-presentear-NFUT criança colar-OBL
 "Presentearam a criança com um colar."

Verbo bitransitivo no modo assertivo com o morfema causativo {m-} (VSO Oobl)

- (195) *y-py-m-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 1-ASSERT-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

Verbo bitransitivo no modo assertivo com os morfemas {a-} e {m-}

- (196) *Ø-pyr-a-m-oigng-<a>n òwã boet-<e>ty
 3-ASSERT-PASV-CAUS-presentear-NFUT criança colar-OBL

Um verbo bitransitivo não pode ocorrer no núcleo da mini-orção em construções de cópula complemento:

- (197) *taso Ø-na-aka-t i-oigng-<a>t boet-<e>ty
 homem 3-DECL-COP-NFUT PART-presentear-ADVZR colar-OBL

Os verbos bitransitivos, além de eles apresentarem um padrão morfossintático comparável aos transitivos, compartilham de características sintáticas e semânticas dos verbos intransitivos com objetos oblíquos, que é, nesse caso, o argumento oblíquo opcional com papel semântico tema. Assim, de maneira análoga aos verbos intransitivos com objeto oblíquo que são sintaticamente intransitivos e semanticamente transitivos, os verbos bitransitivos são sintaticamente transitivos e semanticamente bitransitivos (cf. Rocha 2011; Storto e Rocha 2015).

Conforme os fatos vistos nos exemplos ((193)-(197)), os verbos bitransitivos

têm o argumento ALVO mais alto na estrutura e o TEMA mais baixo, este último recebe a marca de {-ty} e podendo ainda ser apagado sintaticamente. Diante dos fatos, a estrutura que melhor descreve o comportamento desses verbos é a estrutura diádica básica em (198) (Rocha 2011).

(198) Derivação de verbos diádicos básicos: bitransitivos

A estrutura (198) pode ser decomposta da seguinte maneira: uma estrutura monádica toma como complemento um núcleo P que projeta o argumento ALVO no seu especificador e um argumento TEMA na sua posição de complemento ((198-b)) (cf. Hale e Keyser, 2002). Assim, a estrutura (198) descreve a transitividade do verbo, além de representar e descrever os fatos dos verbos bitransitivos mostrarem o argumento tema mais baixo na estrutura, tal como verbos de duplo objeto do inglês, só que nesse caso, de maneira diferente, o argumento com papel semântico tema é introduzido por uma posposição.

Na seção (4.4), discutiremos uma proposta de análise alternativa para os verbos bitransitivos e intransitivos com objeto oblíquo (Rocha 2011).

4.4 Adicionando argumentos à estrutura básica do verbo em Karitiana

Na presente seção, reanalisamos os verbos intransitivos com objeto oblíquo, bitransitivos e a causativização analítica em Karitiana frente à proposta teórica de núcleos aplicativos em Pylkkänen (2008). Conforme mencionamos na seção (3.3), a autora assume que verbos têm uma estrutura básica e um núcleo funcional que permite a introdução de um argumento adicional a essa estrutura básica; a autora trata esse núcleo funcional como núcleo aplicativo, já ao argumento adicionado a autora chamada de argumento aplicado. Nessa proposta, não há necessariamente a realização de um morfema aplicativo no verbo.

Segundo a proposta de Pylkkänen (2008), os núcleos Voice e Aplicativos alto e baixo introduzem um argumento não-nuclear²² à estrutura sintática básica do verbo. Assim, o núcleo Voice introduz um argumento externo ao VP, o aplicativo alto adiciona um argumento extra acima do VP, relacionando o argumento externo ao evento descrito pelo VP, já o aplicativo baixo adiciona um argumento internamente ao VP relacionando os dois argumentos internos do verbo.

Baseando-se na proposta teórica de núcleos aplicativos de Pylkkänen (2008), Karitiana apresenta apenas duas classes de verbos: uma transitiva e outra intransitiva. Deste modo, os argumentos adicionais são introduzidos via núcleos aplicativos altos e baixos ou o núcleo voice. Assim, tanto verbos como *oky* 'matar' quanto *hit* 'dar' apresentam a mesma estrutura argumental básica, sendo que ao verbo *hit* pode-se adicionar um argumento aplicado a essa estrutura básica. Consequentemente, os verbos intransitivos como *otam* 'chegar' e *so'oot* 'ver' compartilham a mesma estrutura básica entre si; nesse caso, o argumento oblíquo

²²Entende-se por argumento nuclear um argumento que é exigido e introduzido diretamente pelo verbo sem o auxílio de um núcleo funcional, por exemplo, o objeto direto de um verbo transitivo.

de *so'oot* é adicionado por um núcleo aplicativo baixo.

As construções analisadas como causativização analítica (Rocha 2011, 2014) ou perifrástica (Everett 2006) são reanalisadas aqui como construções aplicativos altas.

Assim, os núcleos introdutores de argumentos são:

- i **Voice:** introduz o argumento externo aos verbos intransitivos inacusativos via morfema causativo {m-}, transitivizando-os;
- ii **Aplicativo alto:** introduz um argumento com semântica instrumental aos verbos transitivos ou transitivizados via *typoong*;
- iii **Aplicativo baixo:** introduz um argumento aplicado aos verbos intransitivos como *so'oot* ou *hit* via { $\emptyset$ }.

4.4.1 Construção aplicativo alta em Karitiana

Karitiana apresenta uma construção com um núcleo funcional realizado por *typoong* em que há uma leitura instrumental ((200)). Essas construções têm sido analisadas como construções causativas analíticas Everett (2006); Rocha (2011, 2014).

A seguir oferecemos exemplos que demonstram a adição de um argumento aplicado a uma construção transitiva:

(199) ãwã $\emptyset$ -na-okop- $\emptyset$ ot'ep
 criança 3-DECL-quebrar-NFUT arco
 "A criança quebrou o arco."

(200) taso $\emptyset$ -na-okop- $\emptyset$ typoong ot'ep ãwã-ty
 homem 3-DECL-quebrar-NFUT APPL.A arco criança-OBL
 "O homem quebrou o arco através da criança."²³

²³Literalmente: a criança é o instrumento de quebrar o arco.

Compara-se o exemplo (199) com (200) e veja-se que, no primeiro exemplo mencionado, o sujeito *õwã* causa uma ação sobre o objeto *ot'ep* diretamente. No segundo exemplo, *õwã* ainda é o participante que faz a ação de "quebrar o arco", mas ele funciona apenas como um instrumento de *taso* (o sujeito sintático da oração) para "quebrar o arco".

- (201) *taso ø-na-okop-ø ot'ep typoong õwã-ty
 homem 3-DECL-quebrar-NFUT arco APPL.A criança-OBL
 "O homem quebrou o arco através da criança."

A agramaticalidade do exemplo (201) mostra que *typoong* forma uma unidade sintática com o verbo, posto que não se pode colocar o objeto entre o verbo e *typoong*.

- (202) yn a-taka-mĩ-t typoong an i-ty
 eu 2-DECL-bater-NFUT APPL.A você ele-OBL
 "Eu bati em você através de/com/usando ele."

(Everett 2006: 442)

O exemplo (202) é usado para atestar que o argumento que aparece após *typoong* é o objeto, já que a concordância no verbo {a-} se dá com o argumento absolutivo, neste caso, *an*.

- (203) atykiri ø-na-otam-ø João
 então 3-DECL-chegar-NFUT João
 "Então o João chegou."

- (204) *atykiri (João) ø-na-otam-ø (João) typoong (João)
 então (João) 3-DECL-chegar-NFUT (João) APPL.A (João)
 taso-ty
 homem-OBL

- (205) Renato ø-na-mb-otam-ø õwã
 Renato 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT criança

"Renato fez a criança chegar."

- (206) Renato $\emptyset$ -na-mb-otam- $\emptyset$ typoonng òwã João-ty
 Renato 3-DECL-CAUS-chegar-NFUT APPL.A criança João-OBL
 "Renato fez a criança chegar através do João."

O exemplo (203) é uma estrutura com um verbo intransitivo que ao adicionarmos (*typoonng*) à estrutura, como em (204), tem-se como resultado uma construção agramatical. A fim de garantir que a agramaticalidade não tenha sido causada devido à posição sintática do sujeito, realizamos o teste com o sujeito ocupando diferentes posições. Contudo, se a estrutura (203) for antes causativizada via {m-}, adicionando um argumento externo, a construção aplicativa é permitida como se pode ver em (206). Isso é evidência de que *typoonng* seleciona uma construção bi-argumental, mais especificamente, contendo um argumento externo.

Apresentamos a estrutura sintática de um núcleo aplicativo alto que descreve as construções apresentadas em ((200), (202) e (206)). Para a estrutura (207), considera-se o exemplo (202).

- (207) Estrutura aplicativa alta

A estrutura (207) (Pylkkänen 2008) capta o fato de o argumento aplicado ter semântica instrumental. É fato que o argumento com função de sujeito *yn*

não afeta diretamente o objeto *an*, mas pelo contrário, o evento de "bater em você" é realizado pelo participante que, aqui, estamos analisando como argumento aplicado *i-ty* 'ele-oblíquo'.

4.4.2 Construções aplicativas baixas em Karitiana

Nesta seção, vamos mostrar uma análise de núcleos aplicativos baixos para os verbos do tipo *hit* e *so'oot*, 'dar' e 'ver', respectivamente. Embora estejamos tratando os dois tipos de verbos como envolvendo construções aplicativas baixas, é válido mencionar que estes verbos em ((208)-(210)) apresentam estruturas básicas transitivas enquanto (212) a estrutura básica intransitiva.

(208) *taso* $\emptyset$ -*naka-hit-* $\emptyset$ *õwã* *boet-<e>ty*
 homem 3-DECL-dar-NFUT criança colar-OBL
 "O homem deu o colar para a criança."

(209) *taso* $\emptyset$ -*naka-hit-* $\emptyset$ *boet-<e>ty*
 homem 3-DECL-dar-NFUT colar-OBL
 "O homem deu o colar."

(210) *taso* $\emptyset$ -*naka-hit-* $\emptyset$ *õwã*
 homem 3-DECL-dar-NFUT criança
 "O homem deu (algo) para a criança."

(211) *y-py-so'oot-<y>n* *yn pikom-ty*
 1-ASSERT-ver-NFUT eu macaco-OBL.
 "Eu vi o macaco."

(212) *y-py-m-so'oot-<y>n* *õwã* *pikom-ty*
 1-ASSERT-CAUS-ver-NFUT criança macaco-OBL
 "A criança me fez ver o macaco."

Mencionamos que não vamos projetar tempo, modo, concordância ou aspecto para as estruturas de núcleos aplicativos, posto que a intenção é apenas representar as projeções argumentais.

Estrutura para o verbo *hit*

Antes de apresentarmos a estrutura que descreve o verbo *hit* em Karitiana ((208)) vamos fazer uma relação desse tipo de verbo com os verbos em construções de duplo objeto do inglês (213), verificando que ambos apresentam estruturas similares, de modo que o argumento com papel semântico ALVO c-comanda o TEMA, mais precisamente o TEMA está mais baixo na estrutura, conforme a representação arbórea em (214). Diferentemente do inglês, nota-se que o argumento TEMA recebe uma marcação oblíqua em Karitiana, que aparece realizado pelo sufixo oblíquo {-ty}. Em nossa análise, esse argumento que aparece com {-ty} é o argumento aplicado introduzido pelo núcleo aplicativo.

(213) I gave Mary a book (Construção de duplo objeto em inglês)

(214) O ALVO mais alto que o TEMA

A seguir apresentamos a estrutura de um aplicativo baixo descrevendo verbos do tipo *hit* em Karitiana. Para a representação arbórea (215), considera-se o exemplo apresentado em (208):

(215) Estrutura applicativa baixa para verbos do tipo *hit* em Karitiana

Na estrutura acima, o núcleo aplicativo seleciona três argumentos (i) o NP *õwã*, (ii) e o NP *boet* com a posposição *-ty* e (iii) o terceiro argumento é o verbo *hit*.

Na seção (3.2.6), reportamos a discussão em que Hale e Keyser (2002) fazem algumas observações acerca da estrutura de construção de duplo objeto em (101). Nesta estrutura, os autores descrevem as construções de duplo objeto como tendo a estrutura diádica básica, que em termo de posição dos argumentos a construção de duplo objeto tem a configuração das estruturas *with-construction* em (103). Assim, em termos configuracional as estruturas *with-construction* e duplo objeto são semelhantes entre si, sendo que a primeira apresenta um núcleo P realizado enquanto a segunda não. Essas duas estruturas diferem da estrutura *to-dative* em que o ALVO se posiciona abaixo do TEMA.

Ressalta-se que na análise frente à proposta teórica em Hale e Keyser (2002), que é uma abordagem lexicalista, verbos como *hit* em Karitiana e *give* em inglês são depreposicionais enquanto que em uma análise com base na proposta de núcleos aplicativos de Pylkkänen (2008), que é uma abordagem não-lexicalista, essas construções são geradas por meio de um núcleo funcional associado ao verbo para projetar o argumento adicional na estrutura.

4.4.3 Estrutura para os verbos do tipo *so'oot*

Como mostramos na seção (4.3.2), Karitiana apresenta um tipo de verbo intransitivo com a projeção de um objeto oblíquo, analisado por Rocha (2011) como verbos diádicos composto com um P-complemento no lugar da raiz (R) como complemento de V2 (cf. Hale e Keyser 2002). Na presente seção, vamos reanalisá-los como construções aplicativas baixas usando a proposta teórica de núcleos aplicativos de Pylkkänen (2008). Além do argumento oblíquo, verbos desse tipo apresentam um sujeito com papel semântico experienciador.

A proposta de Pylkkänen (2008) para núcleos aplicativos prevê que o núcleo aplicativo baixo pegue 3 argumentos: os objetos direto e o verbo. Assim, pareceria contra-intuitivo dizer que um verbo do tipo *so'oot* 'ver' tenha dois argumentos internos; não é contra-intuitivo pelo seguinte fato: esses verbos são do tipo inacusativo em que o sujeito intransitivo é gerado como argumento interno do verbo. Além disso, podemos ver que o sujeito da versão intransitiva corresponde ao objeto da versão transitiva (compare o par de exemplos ((211) e (212)).

Reescrevemos o exemplo (212) como (216) abaixo. Considera-se esse exemplo na representação arbórea em (217).

- (216) y-py-m-so'oot-<y>n õwã pikom-ty
 1-ASSERT-CAUS-ver-NFUT criança macaco-OBL.
 "A criança me fez ver o macaco."

- (217) Estrutura de núcleo aplicativo baixo para os verbos do tipo *so'oot*

Pelo fato de o verbo *so'oot* poder alternar-se entre uma versão transitiva e intransitiva, a estrutura que descreve esse tipo de verbo deve ter um slot para tal alternância. A teoria adotada prevê que argumentos externos são introduzidos por um núcleo Voice, o que nos motivou a projetar o núcleo Voice na estrutura para descrever a causativização {m-} em Karitiana.

4.5 Considerações finais do capítulo

O presente capítulo ofereceu um estudo da estrutura argumental da língua Karitiana em que mostramos os testes aplicados para identificar classes verbais (4.2), apresentamos a análise descritiva e teórica dada por Rocha (2011) sobre a estrutura argumental com base na proposta de teoria de estrutura argumental de Hale e Keyser (2002), onde foram descritas 3 classes verbais: (i) transitiva (monádica), (ii) bitransitiva (diádica básica) e (iii) intransitivas subdividida em 2 subclasses os (a) inacusativos 'comuns' (diádica composta) e (b) os verbos inacusativos que apresentam um objeto oblíquo (diádica composta com objeto

oblíquo). Na seção (4.4), mostramos uma reanálise dos verbos em Karitiana, utilizando a proposta teórica de Pylkkänen (2008) em que argumentos adicionais são introduzidos via núcleos aplicativos altos e baixos. Na atual proposta, Karitiana apresenta apenas duas classes verbais: uma transitiva e outra intransitiva, e argumentos oblíquos desses verbos são introduzidos via núcleos funcionais: objetos com {-ty} dos verbos *hit* 'dar' e *so'oot* 'ver' são adicionados via núcleo aplicativo baixo, já os argumento adicionais como em estruturas com *typoong* são permitido através do núcleo aplicativo alto.

Capítulo 5

Morfossintaxe e os núcleos funcionais em ambientes sintáticos subordinados

5.1 Introdução ao capítulo

Storto (1999) argumenta que Karitiana é uma língua verbo-final com movimento obrigatório para C em orações matrizes. A evidência para o movimento do verbo para aquela posição, segundo a autora, vem de (i) a ordem do verbo em relação a seus argumentos nos diversos tipos sentenciais; (ii) a presença ou ausência de concordância e tempo; e (iii) adjunção adverbial. A autora mostrou que há na língua uma distribuição complementar entre orações subordinadas e matrizes em relação à posição do verbo e seus argumentos:

Cláusulas matrizes são:

- verbo inicial – VOS ou VSO,
- verbo na segunda posição – SVO ou OVS (efeito V-2)

Cláusulas encaixadas são:

- invariavelmente verbo-final - OSV ou SOV

A explicação por parte da autora é que o movimento do verbo para a esquerda da matriz está associado à flexão de concordância e tempo, que estão ausentes em orações subordinadas (Storto 1999: p. 121-125).

Karitiana é uma língua tipologicamente marcada como sendo de núcleo final em subordinadas. Este padrão é visível através da posição dos núcleos P(ositionais), V(erbais) e Asp(ectuais) que selecionam seus complementos à esquerda. É possível observar que a língua mostra esse padrão sintático explicitamente em PPs que são realizados como posposições ((218)); quanto à ordem de constituintes do verbo da oração encaixada em relação aos seus argumentos, o padrão é sempre verbo-final, tal como mostra o contraste entre o exemplo (219) e (220). Isto não é diferente com o núcleo aspectual que seleciona um VP como complemento (221). Storto (1999, 2012b) argumenta que o verbo se move para adjungir-se ao aspecto formando uma unidade sintática, gerando as seguintes ordens: SOV Asp ou OSV Asp.

A hipótese de Storto (1999) de que a ordem básica de Karitiana seja verbo-final faz sentido sincrônica e diacronicamente. A evidência sincrônica diz respeito ao fato de a língua ter a propriedade de núcleo-final:

PPs são posicionados à direita tomando seu complemento à esquerda:

- (218) ambyyk a-taka-karama-j ahe kyn Casa do Índio
 então 2-DECL-virar-FUT direita em.direção Casa do Índio
 pi-p
 lugar-para/em
 "Então você irá virar à direita para (ir para) a Casa do Índio."

(Storto 1999: 124)

Ordem verbo-final obrigatória em subordinadas

- (219) [yn opiso] a-taka-kãrã-t an
eu ouvir 2-DECL-pensar-NFUT você
"Você pensou que eu ouvi."

(Storto 1999: 123)

Agramaticalidade em ordem do verbo não-final em subordinadas

- (220) *[(y)-opiso yn] a-taka-kãrã-t an
(2)-ouvir eu 2-DECL-pensar-NFUT você
"Sem tradução"

(Storto 1999: 123)

Projeção aspectual nucleada à direita, tomando um VP como complemento

- (221) [[yn i-soko'ĩ] ki]-t a-(ta)-otam-ø
Eu ele-amarrear ASP.PERF.ANTER-ADVZR 2-(DECL)-chegar-NFUT
"Quando eu o amarrei, você chegou."

(Storto 1999: 125)

Ordem OV dentro de sintagmas verbais nominalizados

- (222) 'aam ø-na-aka-t [gijo tak]-<a>pa-t
pilão 3-DECL-COP-NFUT milho pilar/moer-NMZR-ADVZR
"O pilão é um pilador/moedor de milho."

(Storto 2014a)

Ordem possuidor-possuído em sintagmas nominais

- (223) taso ambi
homem casa
"A casa do homem."

(Storto 2014a)

Diacronicamente, Storto mostra que a hipótese verbo-final para Karitiana encaixa-

se no padrão encontrado em línguas Tupi relacionadas geneticamente. Assim, grande parte das línguas Tupi são estritamente OV, sendo SOV a ordem hipotetizada para o Proto-Tupi (Moore 1991; Rodrigues e Cabral 2012). Para Storto (1999), o padrão de concordância verbal absolutiva acompanha a distribuição complementar na ordem de palavras, havendo, assim, concordância apenas nas orações principais. Para a autora, esses fatos podem ser explicados naturalmente, uma vez que o verbo se move obrigatoriamente nas orações matrizes para uma segunda posição estrutural, como C, passando por uma posição intermediária associada à concordância, como o núcleo flexional I, como mostra o diagrama sintático (224).

(224) Movimento do verbo de V para C em orações matrizes

(Storto 1999)

A estrutura em (224) mostra que em Karitiana o verbo em sentenças matrizes é gerado em V e se move para o núcleo I para adquirir concordância, tempo e outros traços relacionados à finitude. Do núcleo I, o verbo é alçado para C, formando um núcleo complexo com a morfologia flexional adquirida no núcleo intermediário I (Storto 1999), o que faz com que o verbo (da oração principal) apareça na segunda posição frequentemente.

(225) Estrutura de um sintagma aspectual (AspP) em subordinadas

(Storto 2012b)

Comparando a estrutura (224) à estrutura (225), é possível observar tal diferença, pois a primeira envolve movimento do verbo para núcleos flexionais para adquirir tempo, concordância e modo enquanto a segunda envolve movimento do verbo para Asp, formando uma unidade com o núcleo aspectual que o toma como seu complemento à esquerda. O exemplo (225) serve para ilustrar como um verbo é projetado em um ambiente encaixado, e o fato de que um núcleo aspectual pode pegar um VP como complemento.

O presente capítulo apresenta um conjunto de evidências morfossintáticas que nos levam a analisar as orações encaixadas do Karitiana como sendo subordinadas ao invés de nominalizações de orações, via nominalização zero: a saber, ordem de constituintes, estrutura argumental, núcleos funcionais de aspecto, modificadores adverbiais, negação e evidenciais ocorrendo em ambientes subordinados.

5.2 Aumento e diminuição de valência em subordinadas

Na seção (4.2), apresentamos testes morfossintáticos que revelam o padrão argumental dos verbos em Karitiana em orações matrizes. Na presente seção,

vamos argumentar que o padrão se mantém em ambientes subordinados, corroborando nossa análise de que as orações encaixadas não-finitas em Karitiana apresentam status de orações subordinadas plenas, uma vez que elas estão disponíveis para processos de alternâncias sintáticas como aumento e diminuição de valência do mesmo modo que as orações matrizes estão.

Assim como nas orações matrizes, verbos intransitivos em ambientes encaixados transitivizam-se por meio do morfema causativo {m-} e adicionando o argumento externo ao verbo, como pode ser visto na subseção (4.2.2); verbos transitivos intransitivizam-se por meio do morfema de passiva {a-}, removendo o argumento externo, como na subseção (4.2.3).

5.2.1 Aumento de valência em subordinadas

A seguir apresentamos um teste que mostra o processo de alternância sintática em orações subordinadas. Conforme apresentamos na seção (4.3.1), os verbos intransitivos em Karitiana são inacusativos alternantes que apresentam uma contraparte intransitiva e outra transitiva.

Oração subordinada funcionando como sujeito da cópula

(226) Causativização do verbo inacusativo *hỹryj̃* 'cantar'

- a. [J̃onso hỹryj̃a] ø-na-aka-t i-se'a-t
mulher cantar 3-DECL-COP-NFUT PART-bonito-ADVZR
"A mulher que cantou é bonita."
- b. [J̃onso taso ti-m-hỹryj̃a] ø-na-aka-t
mulher taso CFO-CAUS-cantar 3-DECL-COP-NFUT
i-se'a-t
PART-bonito-ADVZR
"A mulher que o homem fez cantar é bonita."

Oração subordinada funcionando como sujeito em declarativas

(227) Causativização do verbo intransitivo *tat* 'ir'

- a. [õwã tat] ø-naka-hit-ø ese-ty Orlando
criança sair 3-DECL-dar-NFUT água-OBL Orlando
"A criança que saiu deu água para o Orlando."
- b. [õwã Elivar ti-m-tat] ø-naka-hit-ø ese-ty
criança Elivar CFO-CAUS-sair 3-DECL-dar-NFUT água-OBL
Orlando
Orlando
"A criança que o Elivar fez sair deu água para o Orlando."

Oração subordinada funcionando como objeto em declarativas

(228) Causativização do verbo intransitivo *pykyn* 'correr'

- a. yn ø-na-oky-t [pikom pykyna]
eu 3-DECL-matar-NFUT macaco correr
"Eu matei o macaco que correu."
- b. yn ø-na-oky-t [pikom õwã ti-m-pykyna]
eu 3-DECL-matar-NFUT macaco criança CFO-CAUS-correr
"Eu matei o macaco que a criança fez correr."

Os exemplos acima mostram verbos intransitivos ((226-a), (227-a) e (228-a)) sendo causativizados pelo morfema {m-} em ((226-b), (227-b) e (228-b)). O uso do morfema de foco do objeto {ti-} assegura que se trata de orações subordinadas relativas de objeto (que de acordo com Storto (1999) e Vivanco (2014), essas relativas apresentam o núcleo interno à estrutura).

Oração subordinada funcionando como objeto em declarativas

(229) Causativização do verbo transitivo 'y 'comer'

- a. yn ø-na-otet-ø ['ip taso ti-'y]
eu 3-DECL-cozinhar-NFUT peixe homem CFO-comer
"Eu cozinhei o peixe que o homem comeu."

- b. *yn ø-na-otet-ø [’ip taso ti-m-’y]
 eu 3-DECL-cozinhar-NFUT peixe homem CFO-CAUS-comer

Um verbo transitivo como em (229-a) não aceita a causativização como o morfema {m–} como mostra a agramaticalidade do exemplo ((229-b)), seguindo o padrão verbal da língua.

(230) Oração subordinada adverbial causativizada

- a. [[j̃onso otam] tyka]-t ø-na-oky-t him taso
 mulher chegar MOT-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a mulher estava chengando em casa, o homem matou a caça."
- b. [[j̃onso yn mb-otam] tyka]-t
 mulher eu CAUS-chegar IMPERF.MOT-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a mulher estava me fazendo chegar em casa, o homem matou a caça."

O par de exemplos em (230) mostra a causativização de um verbo intransitivo em uma oração subordinada adverbial.

5.2.2 Diminuição de valência em subordinadas

Conforme as propriedades morfossintáticas e o padrão argumental dos verbos em orações matrizes (cf. seção (4.2)), a passivização via {a–}, como uma estratégia de intransitivização, ocorre também em ambientes de verbos subordinados. Seguindo o padrão mencionado, apenas os verbos transitivos podem ser intransitivizados pelo morfema de passiva {a–}; os verbos intransitivos ao receberem diretamente o morfema de passiva falham em termos de gramaticalidade. No entanto, uma vez que um verbo intransitivo foi causativizado por {m–}, ele pode, então, ser passivizado pelo {a–}, de modo que o argumento externo que

fora adicionado seja demovido. Neste caso, a marca causativa {m–} é mantida como evidência de que houve primeiro a causativização.

Oração subordinada (passivizada) em posição de objeto da matriz

- (231) yn ø-na-otet-ø ['ip a-'y]
 eu 3-DECL-cozinhar-NFUT peixe PASV-comer
 "Eu cozinhei o peixe que foi comido."
- (232) yn ø-naka-'y-t ['ip a-otet byyk]
 eu 3-DECL-comer-NFUT peixe PASV-cozinhar PERF.SUB
 "Eu comi o peixe depois que foi cozido."

Verbos intransitivos com o morfema de passiva {a–} são agramaticais

- (233) *[ĩonso a-hỹryĩa] ø-na-aka-t i-se'a-t
 mulher PASV-cantar 3-DECL-COP-NFUT PART-bonito-ADVZR
- (234) *[õwã a-tat] ø-naka-hit-ø ese-ty Orlando
 criança PASV-sair 3-DECL-dar-NFUT água-OBL Orlando
- (235) *yn ø-na-oky-t [pikom a-pykyna]
 eu 3-DECL-matar-NFUT macaco PASV-correr

Os exemplos ((231) e (232)) podem ser contrastados com os exemplos ((233) – (235)), onde observamos que verbos transitivos como 'y 'comer' e *otet* 'cozinhar' aceitam a passivização com o morfema {a–} enquanto verbos intransitivos como *hỹryĩa* 'cantar', *tat* 'sair' e *pykyn* 'correr' não permitem o uso da passivização com {a–}.

Verbos intransitivos podem ser causativizados com o morfema {m–} e depois passivizados com o morfema de passiva {a–}

- (236) [ĩonso a-m-hỹryĩa] ø-na-aka-t i-se'a-t
 mulher PASV-CAUS-cantar 3-DECL-COP-NFUT PART-bonito-ADVZR
 "A mulher que fizeram cantar é bonita."

- (237) [õwã a-m-tat] ø-naka-hit-ø ese-ty Orlando
 criança PASV-CAUS-sair 3-DECL-dar-NFUT água-OBL Orlando
 "A criança que fizeram sair deu água para o Orlando."
- (238) yn ø-na-oky-t [pikom a-m-pykyna]
 eu 3-DECL-matar-NFUT macaco PASV-CAUS-correr
 "Eu matei o macaco que fizeram correr."

Por outro lado, se os verbos intransitivos como *hỹryjã* 'cantar', *tat* 'sair' e *pykyn* forem antes causativizados via {m-}, então eles podem ser passivizados por {a-} ((236)–(238)).

5.3 Núcleos funcionais de aspecto em orações subordinadas

O núcleo funcional de aspecto seleciona um sintagma verbal (VP) como seu complemento à esquerda, consoante o padrão sintático da língua Karitiana (Storto 1999, 2012b).

Nos exemplos abaixo, serão apresentados os núcleos funcionais de aspecto estudados até o momento. Há três subseções nas quais exemplificamos esses núcleos aspectuais, organizadas de acordo com a semântica de cada um deles. Em (239), apresentamos os núcleos aspectuais imperfectivos (cf. seção (5.3.1)); em (240), os perfectivos (cf. seção (5.3.2)); e em (241), o núcleo aspectual aditivo *oko* (rotulado de iterativo por Storto (2002)) que opera sobre o evento para repeti-lo pelo menos mais uma vez (cf. seção (5.3.3)).

Núcleos funcionais de aspectos (cf. Storto, 2012):

- (239) Imperfectivo
- a. *ty-ki-'oo* progressivo (neutro para número)

- b. *agi-'oo* progressivo (plural)
- c. *ty-ka* movimento do corpo
- d. *pasagng* posterioridade (com significado de "futuro")
- e. *ty-syp* supino/deitado (posição do corpo)/ plural
- f. *ty-so* 'posição do corpo: em pé'
- g. *ty-ǰa* 'posição do corpo: sentado'

(240) Perfectivo

- a. *ty-ki-ri* perfectivo (descreve um evento completo, terminado)
- b. *ki* 'perfectivo de anterioridade'
- c. *byyk* 'perfectivo subsequente'

(241) Repetição de eventos

- a. *oko* operador aditivo

Investigamos se há algum tipo de restrição sintática entre esses núcleos aspectuais e a informação de valência verbal, levando em conta o tipo de su-

bordinada. Desse modo, aplicamos um teste para checar se ocorre tal restrição ou não, utilizando a seguinte distribuição para cada um dos núcleos aspectuais em (239) e (240): primeiramente, selecionamos uma subordinada adverbial contendo um verbo transitivo na matriz e um verbo transitivo na subordinada ($SV_{tr}O$ $[[SOV_{tr} Asp]-t]$). Em seguida, alteramos paradigmaticamente o verbo da subordinada para bitransitivo ($[[O_{obl}SOV_{bitr} Asp]-t]$), depois, intransitivo com objeto oblíquo ($[[O_{obl}SV_{intrObl} Asp]-t]$), intransitivo inacusativo ($[[SV_{inac} Asp]-t]$), intransitivo candidato a ser ‘inergativo’ ($[[SV_{inerg} Asp]-t]$), e assim sucessivamente.²⁴ Em seguida, modificamos o tipo de verbo da matriz. O teste mencionado pode ser resumido na tabela (5.1):

²⁴Rocha (2011); Storto e Rocha (2015) têm mostrado que em Karitiana não existem verbos inergativos, mas, ainda assim, usamos o termo inergativo no teste apenas para certificar o leitor de que todos os tipos de verbos descritos na literatura foram testados. A idéia é usar verbos que em outras línguas são inergativos como em português, inglês, etc. apenas para efeito metodológico.

Tabela 5.1: Núcleos funcionais de aspecto versus tipos de predicados verbais quanto à valência

Tipo de predicado verbal	tyki'oo	agi'oo	tyka	tysyp	tyso	tyĵa	tykiri	ki	byyk	pasagn
V-trans[[V-trans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-trans[[V-inac]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-trans[[V-"inerg"]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-trans[[V-intrans obj oblíquo]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-trans[[V-bitrans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-inac[[V-trans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-inac[[V-inac]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-inac[[V-"inerg"]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-inac[[V-intrans objeto oblíquo]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-inac[[V-bitrans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-"inerg"[[V-trans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-"inerg"[[V-inac]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-"inerg"[[V-"inerg"]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-"inerg"[[V-intrans objeto oblíquo]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-"inerg"[[V-bitrans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-intrans objeto oblíquo[[V-trans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-intrans objeto oblíquo[[V-inac]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-intrans objeto oblíquo[[V-"inerg"]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-intrans objeto oblíquo[[V-intrans objeto oblíquo]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-intrans objeto oblíquo[[V-bitrans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-bitrans[[V-trans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-bitrans[[V-inac]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-bitrans[[V-"inerg"]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-bitrans[[V-intrans objeto oblíquo]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓
V-bitrans[[V-bitrans]Asp]	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓	✓

A soma dessas combinações gera 250 exemplos, e, a partir do resultado, foi

possível verificar que não há o tipo de restrição investigada.

5.3.1 Aspecto imperfectivo

Nesta seção, descrevemos os núcleos aspectuais imperfectivos. Este trabalho parte da descrição feita no artigo de Storto (2012b). Nosso objetivo aqui não é oferecer uma análise dos auxiliares aspectuais, posto que muito ainda há a se investigar no que diz respeito ao aspecto em Karitiana, tanto do ponto de vista sintático quanto semântico. Portanto, devido à falta de um trabalho com maior profundidade no assunto, vamos fazer basicamente uma breve descrição.

Deste modo, objetiva-se mostrar que, em Karitiana, esses núcleos funcionais de aspecto operam em um ambiente oracional, uma vez que esses núcleos selecionam sempre um sintagma verbal, seja ele finito (na matriz) ou não (na subordinada).

Ressaltamos ainda que as traduções das sentenças são baseadas nas traduções oferecidas pelos nossos colaboradores, e, portanto, elas não são precisas com o português.

Storto (2012b) sugere que os núcleos funcionais de aspecto sejam polimorfêmicos, ou seja, são formados por mais de um morfema. *Tyki'oot* em (242), *agi'oot* em (243), *tyka* em (244), *tyso* em (248), *tysyp* em (247) e *tyja* em (249) podem ser decompostos em *ty+ki+'oot*, *agi+'oot*, *ty+ka*, *ty+so*, *ty+syp* e *ty+jã*, respectivamente. O morfema {*ty-*} poderia ser descrito como tendo a marca de imperfectividade se este morfema também não aparecesse em *tykiri*, que é uma marca aspectual descrita como perfectiva por Storto (2012b, 2013b)²⁵. Os morfemas *ka* (movimento), *so* (em pé), *syp* (levantar-se/deitar-se) e *ja* (sentado)

²⁵Embora os auxiliares aspectuais possam ser segmentados em mais de um morfema, para a finalidade nesse, vamos glosá-los como uma única palavra, uma vez que queremos apenas mostrar que eles como um núcleo aspectual selecionam um VP como complemento.

têm relação com a posição e o movimento do corpo. *Agi* e *ki* podem ser usados na língua como verbos copulares e auxiliares aspectuais, já *'oot*, Storto (2012b) o descreve como clítico aspectual e tem uma semântica de inceptivo. Este clítico aspectual é usado no auxiliar aspectual *tyki'oot* em (242), cuja versão plural é *agi'oot* em (243).

Paradigma usando os núcleos funcionais de aspecto em subordinadas adverbiais

O par de exemplos abaixo mostra o uso do imperfectivo progressivo em uma oração subordinada adverbial. Esses exemplos mostram o contraste entre o auxiliar aspectual imperfectivo progressivo neutro para número em (242) e o auxiliar especificado para número plural em (243).

- (242) [[pikom-ty ãwã so'oot] tyki'oot]-ø
 macaco-OBL criança ver IMPERF.PROG-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a criança estava vendo o macaco, o homem matou a caça."
- (243) [[pikom-ty ãwã so'oot<o>] agi'oot]-ø
 macaco-OBL criança ver IMPERF.PROG.PL-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto as crianças estavam vendo o macaco, o homem matou a caça."

O leitor deve notar que *tyki'oot* em (242) e *agi'oot* em (243) estão selecionando o VP (*pikom-ty ãwã so'oot*) como complemento à esquerda.

- (244) [[pikom-ty ãwã so'oot] tyka]-t
 macaco-OBL criança ver IMPERF.MOT-ADVZR

ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a criança estava vendo o macaco, o homem matou a caça."

Em (244), nota-se o uso do auxiliar aspectual imperfectivo *tyka*. Storto (2002) mostrou que ele apresenta usos progressivos, não-progressivos e estativos. De um lado, Everett (2006) e Landin (1984) analisam *tyka* como sufixo preso ao verbo. Por outro lado, Storto (2012b) defende que *tyka*, bem como outros auxiliares aspectuais, não são sufixos de verbos, mas formas livres, uma vez que em orações matrizes (i) constituem palavras fonológicas com acentos independentes, (ii) e na fala lenta, são pronunciados separadamente, (iii) eles são sufixados por tempo e (iv) eles formam uma unidade sintática com o verbo.

O núcleo aspectual *tyka* foi tema de uma dissertação de mestrado defendida por Marques (2010), dentro da semântica formal. A autora ofereceu uma análise detalhada de *tyka*. Segundo a autora (p. 26), esse auxiliar pode marcar a imperfectividade tanto episódica quando usado com eventos singulares quanto habitual ou iterativa com eventos plurais. Marques mostra que *tyka* é incompatível com sentenças no passado quando ocorre com o sufixo de não-futuro. Contudo, ressaltamos que a autora o analisa apenas em contextos sintáticos de orações matrizes. Sendo assim, não sabemos, portanto, se essa restrição mantém-se em contextos sintáticos de subordinadas. Nesse trabalho, não aplicamos tal teste em subordinadas, visto que nosso interesse aqui é argumentar a favor de uma análise que defende que Karitiana apresenta subordinadas plenas ao invés de nominalização clausal.

O auxiliar imperfectivo *pasang* é analisado por Storto (2012b) como tendo o significado de posterioridade em relação ao tempo do evento descrito pelo verbo da oração matriz. O núcleo aspectual *pasang* pode ainda se combinar

com outro auxiliar aspectual significando posterioridade com verbos estativos. A coocorrência de *pasagng* com outro aspectual, por exemplo *tyka*, pode ser vista no exemplo (246). Neste caso, ambos os núcleos aspectuais estão formando uma unidade sintática com verbo. Note que a marca de tempo que é normalmente sufixada ao verbo, em (246), essa marca, no caso {-dn}, está sendo posta como sufixo do ultimo núcleo aspectual, *tyka* (cf. Storto 2012b).

- (245) [[pikom-ty ãwã so'oot] pasagng]-<a>t
 macaco-OBL criança ver IMPERF.POST-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a(s) criança(s) vai(irão) ver o macaco, o homem mata a caça."

- (246) ø-pyr-osedn pasagng tyka-dn Pedro
 3-ASSERT-estar.feliz POST IMPERF.MOT-NFUT Pedro
 "Pedro está se tornando feliz."

(Storto 2012b: ex. 32)

- (247) [[pikom-ty ãwã so'oot] tysyp]-ø
 macaco-OBL criança ver IMPERF.SUP.PL-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto as crianças (levantando-se) estavam vendo o macaco, o homem matou a caça."

Os três exemplos acima mostram o uso do progressivo imperfectivo. Storto (2002, 2012b) mostra que esses auxiliares aspectuais podem descrever, além do uso progressivo, a posição ou movimento do corpo e/ou significado de plural. O auxiliar *tyka* descreve o movimento do corpo ((244)), *tysyp* descreve a posição do corpo "em pé" ((247)), já *tyso* descreve a posição do corpo em supino ou deitado (apresentando também a semântica de plural), em (249).

- (248) [[pikom-ty ãwã so'oot] tyso]-t
 macaco-OBL criança ver IMPERF.STAND-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Quando as crianças (em pé) estavam vendo o macaco, o homem matou a caça."
- (249) [[pikom-ty ãwã so'oot] tyã]-t
 macaco-OBL criança ver IMPERF.SITT-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Quando a criança (sentada) estava vendo o macaco, o homem matou a caça."

Paradigma usando orações relativas de sujeito e/ou completivas

A seguir apresentamos dados que evidenciam o uso dos auxiliares aspectuais, os quais foram mencionados acima, com orações subordinadas completivas ou relativas de sujeito (cf. seção (6.3)).

- (250) Y-py-sondyp-yn yn [Inácio 'ep opĩ]-ty
 1-ASSERT-saber-NFUT I Inácio árvore cortar-OBL
 "Eu sei que Inácio cortou a árvore."

(Storto 2012b: ex. 40)

- (251) Yn ø-na-aka-t i-sondyp-ø [Inácio 'ep
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-saber-ADVZR Inácio árvore
 opĩ]-ty
 cortar-OBL
 "Eu sei que Inácio cortou a árvore."

(Storto 2012b: ex. 41)

Os dados ((250) e (251)) são exemplos de orações subordinadas relativas de sujeito ou completivas. O VP ...[Inacio 'ep opĩ] está funcionando como com-

plemento do verbo da oração matriz *sondyp* 'saber' (cf. seção (4.3.2)). Verbos do tipo *sondyp* e *so'oot* 'ver' em (253) apresentam seus complementos com a marca de oblíquo {-*ty*}.

- (252) Y-py-sondyp-yn yn [[Inácio 'ep opĩ] pasagng]-<ã>ty
1-ASSERT-saber-NFUT eu Inácio árvore cortar posterior-OBL
"Eu sei que Inácio irá cortar a árvore."

(Storto 2012b: ex. 42)

Compare o exemplo (250) com o exemplo (252), considerando a ocorrência do núcleo aspectual *pasagng* operando sobre o VP da oração subordinada relativa. Note que o uso do imperfectivo posterior confere uma leitura de tempo futuro ao predicado da oração subordinada em (252).

- (253) Y-py-so'oot-yn yn [Inácio 'ep opĩ]-ty
1-ASSERT-ver-NFUT eu Inácio árvore cortar-obl
"Eu vi que Inácio cortou a árvore."

(Storto 2012b: ex. 43)

- (254) Y-py-so'oot-yn yn [[Inácio 'ep opĩ] tyka]-ty
1-ASSERT-ver-NFUT eu Inácio árvore cortar IMPERF.MOT.-OBL
"Eu vi que Inácio estava cortando a árvore"

(Storto 2012b: ex. 44)

O exemplo (254) mostra o auxiliar *tyka* tomando um VP como complemento em uma oração subordinada completiva e/ou relativa.

Paradigma usando orações subordinadas relativas de objeto

A seguir apresentamos alguns exemplos que revelam o uso de auxiliares aspectuais imperfectivos em estruturas relativas de objeto:

- (255) [[taso Elivar ti-mb-otam] pasagng<ã>] ø-na-oky-t
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.POST 3-DECL-matar-NFUT
 myndo
 cotia
 "O homem que o Elivar vai fazer chegar matou a cotia."

- (256) *[[taso Elivar ti-mb-otam] pasagng<ã>]-t
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.POST-ADVZR
 ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia

O par de exemplos ((255) e (256)) evidencia o uso do auxiliar aspectual imperfectivo posterior tomando uma relativa de objeto como complemento. O uso da construção de foco do objeto {ti-} em (255) é para eliminar a possibilidade de ambiguidade típica das relativas de núcleo interno, mostrando que se trata realmente de uma relativa de objeto. Com a finalidade de reforçar que a oração é uma relativa de objeto, adicionamos o morfema adverbializador, cuja operação é permitida apenas em orações subordinadas adverbiais e obtivemos como resultado a agramaticalidade em (256).

O mesmo tipo de resultado pode ser visto nos exemplos com outros núcleos aspectuais que serão expostos a seguir:

- (257) [[taso Elivar ti-mb-otam] tyka] ø-na-oky-t
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.MOT 3-DECL-matar-NFUT
 myndo
 cotia
 "O homem, que Elivar está fazendo chegar, matou a cotia."

- (258) *[[taso Elivar ti-mb-otam] tyka]-t
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.MOT-ADVZR
 ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia

- (259) [[taso Elivar ti-mb-otam] pasagng<ã> tyka]
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.POST IMPERF.MOT

ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia
 "O homem, que Elivar vai estar fazendo chegar, matou a cotia."

(260) *[[taso Elivar ti-mb-otam] pasagng<ã>
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.POST
 tyka]-t ø-na-oky-t myndo
 IMPERF.MOT-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT cotia

(261) [[taso Elivar ti-mb-otam] tyso]
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.STAND
 ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia
 "Os homens, que Elivar está fazendo chegar, mataram a cotia."

(262) *[[taso Elivar ti-mb-otam] tyso]-t
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.STAND-ADVZR
 ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia

Os exemplos acima ((257)–(262)) foram utilizados para mostrar o uso de núcleos aspectuais tomando um VP, cuja estrutura é uma relativa de objeto, como complemento.

5.3.2 Aspecto perfectivo

Dos três auxiliares aspectuais apresentados em Storto (2012b), dois deles são descritos como monomorfêmicos (*ki* e *byyk*) e o terceiro *tykiri* apresenta mais de um morfema em sua formação. O morfema {-t} em *tykiri* (ty-ki-t-i) ((263)) parece ser o sufixo que vamos descrever na seção (5.4) como adverbializador. O morfema adverbializador aparece nos demais auxiliares aspectuais mostrados como um {-t} ou zero {-∅} em ambientes de orações subordinadas adverbiais (cf. seção (5.4)). É coerente analisar esse {-t} e seu alomorfe como sendo o adverbializador, visto que o morfema aparece sufixado em todos os outros

núcleos aspectuais ou verbos de orações adverbiais.

- (263) [[pikom-ty ãwã so'oot] tykiri] ø-na-oky-t him
 macaco-OBL criança ver PERF 3-DECL-matar-NFUT caça
 taso
 homem
 "Quando a criança viu o macaco, o homem matou a caça."

Storto (2012b, 2013b) descreve *tykiri* como um marcador de aspecto perfectivo que se refere a um evento completo ou acabado ((263)). Por outro lado, a autora analisa *ki* como perfectivo que marca a anterioridade de um evento em relação a outro evento ((264)), já o núcleo aspectual perfectivo *byyk* é descrito por ela como marca de subsequência/posterioridade de um evento em relação a outro evento ((265)).

- (264) [[pikom-ty ãwã so'oot] ki]-t
 macaco-OBL criança ver PERF.ANTER-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Antes de a criança ver o macaco, o homem matou a caça."

- (265) [[pikom-ty ãwã so'oot] byyk]-ø ø-na-oky-t
 macaco-OBL criança ver PERF.SUB-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT
 him taso
 caça homem
 "Depois de a criança ver o macaco, o homem matou a caça."

Nos exemplos acima, demonstramos a ocorrência dos núcleos aspectuais perfectivos de anterioridade (264) e subsequente (265) selecionando como complemento a oração *pikomty ãwã so'oot*. Nota-se também que toda a oração, incluindo o núcleo aspectual, é selecionada pelo adverbializador {-t ou -ø}.

5.3.3 O auxiliar aspectual *oko* como um operador aditivo (repetindo eventos)

Na presente seção, vamos discutir o auxiliar aspectual *oko*, frequentemente traduzido como "novamente" e "de novo". Este núcleo aspectual foi analisado por Storto (2002) como um auxiliar aspectual iterativo. Nós o reanalisamos como sendo um marcador aditivo que opera sobre eventos para repetí-los. De um ponto de vista tipológico, *oko* compartilha traços semânticos com os operadores descritos por Tovená e Donazzan (2008), a saber, *again* do inglês, *zai* do chinês mandarim, *encore* do francês e *ancora* do italiano. As autoras dizem que esses operadores apresentam dois componentes: (i) adverbial e outro (ii) aspectual.

Quanto a *oko*, a relevância para o presente trabalho é que esse operador toma um predicado verbal como complemento do mesmo modo que os demais núcleos aspectuais o fazem, vejam os exemplos a seguir, onde se vê que ela não pode ocorrer em locais que advérbios normalmente poderiam.

(266) [[[boroja taso oky] oko] tykiri] ø-naka-hyryp-ø ãwã
 cobra homem matar OP.OKO PERF 3-DECL-chorar-NFUT criança
 "Quando o homem matou a cobra novamente, a criança chorou."

(267) [[[boroja taso oky] tykiri] ø-naka-hyryp-ø oko-t
 cobra homem matar PERF 3-DECL-chorar-NFUT OP.OKO-NFUT
 ãwã
 criança
 "Quando o homem matou a cobra, a criança chorou novamente."

Os exemplos acima mostram o marcador *oko* ocupando a posição pós-verbal tanto em uma oração subordinada (266) quanto em uma matriz (267). Nesta última, o marcador aspectual aditivo recebe marcação de tempo.

Sabemos que não se trata de um advérbio, mas sim de um núcleo aspectual. A posição sintática requerida por esse operador fica visível nos exemplos

agramaticais a seguir:

(268) *[[boroja taso oky] tykiri] ø-naka-hyryp-ø ãwã oko(-t)
cobra homem matar PERF 3-DECL-chorar-NFUT criança OP.OKO

(269) *[[boroja taso oky] tykiri] oko(-t) ø-naka-hyryp-ø ãwã
cobra homem matar PERF OP.OKO 3-DECL-chorar-NFUT criança

O exemplo (268) evidencia a impossibilidade de *oko* ocorrer depois do sujeito em um predicado verbal na matriz, ou seja, ter o argumento do verbo entre o núcleo aspectual e o verbo como no exemplo (269).

A seguir, exploramos a variação no ordenamento de *oko* em relação aos argumentos do verbo na oração encaixada:

(270) *[[boroja taso oko oky] tykiri] ø-naka-hyryp-ø ãwã
cobra homem OP.OKO matar PERF 3-DECL-chorar-NFUT criança

(271) *[[boroja oko taso oky] tykiri] ø-naka-hyryp-ø ãwã
cobra OP.OKO homem matar PERF 3-DECL-chorar-NFUT criança

(272) *[[oko boroja taso oky] tykiri] ø-naka-hyryp-ø ãwã
OP.OKO cobra homem matar PERF 3-DECL-chorar-NFUT criança

Assim como em uma oração matriz, *oko* pode apenas ocorrer após o verbo ((266–267)) em orações encaixadas e sua ocorrência em qualquer outra posição, que não seja uma posição sintática, formando uma unidade com o verbo, desencadeia a agramaticalidade, como são os casos vistos em (270) em que ele está localizado antes do verbo; em (271) em que ele ocorre entre o objeto e o sujeito; e em (272) em que ele inicia a oração.

Concluindo a seção, os testes revelaram que esse operador ocupa apenas uma posição sintática pós-verbal, formando uma unidade sintática com o verbo. Isso mostra que, pelo menos sintaticamente, *oko* se comporta como um núcleo aspectual, selecionando como complemento um VP (cf. Storto 1999, 2012b, 2013b).

5.4 O morfema adverbializador

Nesta seção, vamos discutir o morfema $\{-t/-\emptyset\}$ que frequentemente tem aparecido em nossos dados referentes às orações subordinadas adverbiais e às orações de cópula. Devido a seu comportamento semântico e morfossintático, argumentamos que a análise mais adequada é a de que se trata de um morfema adverbializador.

Ao compararmos os exemplos (273) e (274), observar-se que o primeiro tem um morfema $\{-t\}$ enquanto o segundo não, de modo que (273) é uma sentença gramatical enquanto (274) não o é, o que nos levou à hipótese de que se trataria de um morfema obrigatório, posto que, ao testarmos com todos os núcleos aspectuais descritos até o momento, o mesmo padrão se confirmou: com raízes terminadas em vogais, o morfema $\{-t\}$ é exigido e realizado foneticamente, como, por exemplo, os aspectuais *tyka*, *pasangã*, *tyso* e *tyja* ou verbais *oky* 'matar', *aka* 'ser', ou *amang<ã>* 'plantar' etc.. O exemplo (273) é uma estrutura na qual temos um verbo transitivo *oky* 'matar' na oração matriz saturado pelos seus dois argumentos (o sujeito *taso* e o objeto *him*) e entre colchetes, à esquerda da oração principal, encontra-se uma oração subordinada adverbial adjungida ao VP da matriz. A oração subordinada adverbial está funcionando como um modificador da oração principal.

- (273) [gok ãjonso amangã tyka]-t
 macaxeira mulher plantar IMPERF.MOT-ADVZR
 Ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a mulher estava plantando macaxeira, o homem matou a
 caça."

- (274) *gok ãjonso amangã tyka] Ø-na-oky-t him
 mandioca mulher plantar IMPERF.MOT 3-DECL-matar-NFUT caça
 taso
 homem

Diferente do exemplo (273) e sua contraparte ((274)), o exemplo (275) tem claramente a estrutura de uma oração relativa de objeto. Na oração matriz, há um verbo transitivo com seu sujeito e o complemento que é uma oração encaixada, em que o núcleo relativizado é *kinda'o*. O referido exemplo mostra a seguinte ordem de constituintes: SV [[OSti-V] Asp]. Para eliminar qualquer dúvida de que trate de uma oração subordinada relativa (cf. Storto 1999; Vivanco 2014), controlamos, sintaticamente, usando o prefixo {ti-} que ocorre apenas em subordinadas relativas de objeto e não em adverbiais (cf. Storto 2012b). A fim de comparar os pares (273-274) e (275-276), adicionamos o morfema {-t} a uma estrutura relativa como em (275), obtendo-se como resultado uma sentença agramatical. Esta constatação nos levou a concluir que esse morfema {-t} é um morfema obrigatório em adverbiais, mas não permitido em relativas, constituindo, assim, um dos testes sintáticos capazes de diferenciar esses dois tipos de orações.

- (275) *yn Ø-naka'y-t [[kinda'o taso ti-amangã]
 Eu 3-DECL-comer-NFUT fruta homem CFO-plantar
 tyja]-t
 IMPERF.MOT-ADVZR

- (276) yn ø-naka'y-t [[kinda'o taso ti-amangã]
 Eu 3-DECL-comer-NFUT fruta homem CFO-plantar
 tyja]
 IMPERF.MOT
 "Eu comi a fruta que o homem está plantando."

Considere agora o exemplo (277) em que uma oração adverbial não mostra o morfema adverbializador sendo realizado foneticamente.

- (277) [[ambi sok ãonso otam] byyk]-ø ø-na-oky-t
 casa em mulher chegar PERF.SUB-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT
 him taso
 caça homem
 Depois que a mulher chegou em casa, o homem matou a caça."

Considerando o fato de que, em uma adverbial, o morfema adverbializador é obrigatório, estamos propondo um alomorfe zero {-Ø} para este morfema, presente nas orações adverbiais, em que as raízes do núcleo aspectual ou verbal terminem com uma consoante como é o caso do exemplo (277), por exemplo, *byyk* e *tysyp*.

Um problema a enfrentar no tipo de análise proposto é que Karitiana apresenta um auxiliar aspectual *tykiri*, terminando em *i* e não em *t*, levantando um mistério no que diz respeito a esse *t* presente em *tykiri*.

Uma possível solução seria analisar esse {-t} como sendo o morfema adverbializador, em que ele estaria inserido em *tykiri* = *ty-ki-t-i*. Essa segmentação poli-morfêmica seria válida por três razões:

- (i) o morfema adverbializador é obrigatório em orações subordinadas adverbiais, sendo foneticamente realizado após raízes terminadas por vogais;
- (ii) em nossos testes de orações relativas, *tykiri* não pôde ocorrer nesse tipo de oração ((278)), de modo que, uma vez que tendo um morfema

adverbializador inserido no auxiliar aspectual *tykiri*, faria sentido a impossibilidade de ele ocorrer em relativas. E, como foi demonstrado, o morfema adverbializador, foneticamente realizado ou não, não pode ser marcado em relativas;

- (iii) a língua apresenta um processo de lenição em fronteira de morfema, tal como foi descrito por (Storto 1999) na tabela (5.2).

Relativa de objeto com o núcleo aspectual perfectivo *tykiri*

- (278) *yn ø-naka'y-t [[kinda'o taso ti-amangã] tykiri]
 Eu 3-DECL-comer-NFUT fruta homem CFO-plantar PERF

Tabela 5.2: Regra de lenição em Karitiana (Storto 1999)

[-contínua, +consonantal]	→	[+contínua, +vozeada] /V__[V
/t/		[ɾ] /V__[V
a+tat+a 2+ir+imperativo 'va!"		a.ta.ra

Por outro lado, supondo que esse 't' não seja o adverbializador, então deveria aparecer um morfema {-t} logo após o 'i' nas orações encaixadas adverbiais. Ainda assim, permanece um mistério o fato desse 'i' estar ocorrendo nesse ambiente. Segundo Storto (1999), existe na língua um morfema {-i} que ela chama de *irrealis*; esse morfema também é mostrado na negação *padni*, e após alguns marcadores de aspecto como *daki* e *andyki*, segundo Storto (comunicação pessoal).²⁶

Outro fato que nos remete à análise de um adverbializado para {-t/-ø} em orações adverbiais são os resultados de pesquisa de Sanchez-Mendes (2014a),

²⁶STORTO, L. Comunicação pessoal. 21/05/2014.

que tem demonstrado que o morfema {-t} é usado na formação de advérbios como *kandat* (kanda+t) em (279) e *pitat* (pita+t) em (280).

- (279) Ñonso ø-naka-ot-ø kanda-t ese
 mulher 3-DECL-pegar-NFUT muito-ADVZR água
 "Mulheres pegaram água muitas vezes."

(Sanchez-Mendes 2014a: p. 61, 63)

- (280) Maria ø-naka-kydn-ø pita-t
 Maria 3-DECL-esperar-NFUT muito-ADVZR
 "A Maria esperou muito."

(Sanchez-Mendes 2014a: p. 176)

O sufixo {-t} pode ser encontrado na formação de outros advérbios na língua como *koo-t* 'ontem', *soaso-t* 'rápido' e *kabma-t* 'agora' (Sanchez-Mendes 2014a: p. 177).

Segundo a autora, *pita* pode, também, modificar um adjetivo em (281) ou um nome em (282). Nesses casos, *pita* não mostra o morfema {-t}.

- (281) òwã se'a pita i-otam-ø
 criança bom muito PART-chegar-ADVZR
 "O menino muito bom chegou."

(Sanchez-Mendes 2014a: p. 182)

- (282) taso pita i-otam-ø
 homem muito PART-chegar-ADVZR
 "O homem verdadeiro chegou."

(Sanchez-Mendes 2014a: p. 230)

Sanchez-Mendes mostra ainda que advérbios como *pita*+adverbializador está restrito exclusivamente a uma posição pós-verbal, como atestado pela agramati-

calidade dos exemplos a seguir:

- (283) **pita-t João napimbik gooj.* Advérbio SVO
 (284) **João napimbik gooj pita-t.* SVO Advérbio
 (285) **João pita-t napimbik gooj.* S Advérbio VO

(dados (tabela 44) de Sanchez-Mendes, 2014, p. 198)

Nota-se que o advérbio *mynda* ‘vagarosamente’, de modo diferente de *pita-t*, pode iniciar a sentença em (286), ocorrer em uma posição pós-verbal entre o verbo e o objeto em (287) ou após o objeto em (288), mas nunca entre o sujeito e o verbo ((289)).

- (286) *mynda taso ø-na-m-potpora-j ese*
 vagarosamente homem 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água
 "O homem vai ferver a água vagarosamente."
 (287) *taso ø-na-m-potpora-j mynda ese*
 homem 3-DECL-CAUS-ferver-FUT vagarosamente água
 "O homem ferveu a água vagarosamente."
 (288) *taso ø-na-m-potra-j ese mynda*
 homem 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água vagarosamente
 "O homem ferveu a água vagarosamente."
 (289) **taso mynda ø-na-m-potpora-j ese*
 homem vagarosamente 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água

(Sanchez-Mendes 2014a: p. 196-197)

De acordo com os dados apresentados por Sanchez-Mendes (2014a) e os nossos dados apresentados na presente seção, podemos assumir uma análise para o morfema {-t} e seu alomorfe {-ø} como adverbializador. Conforme Sanchez-Mendes (2014a), o advérbio *pitat* modifica apenas um VP enquanto *mynda*

modifica toda a oração, uma vez que o primeiro pode ocorrer apenas após o verbo e o segundo nas posições demonstradas nos exemplos ((286) a (289)).

5.5 Advérbios modificando orações subordinadas

Na presente seção, vamos mostrar que Karitiana apresenta adjunção adverbial em ambientes de orações subordinadas. Estamos tomando isso como mais uma propriedade que evidencia a existência de orações subordinadas plenas e não nominalizadas (Alexiadou 1994; Jackendoff 1972; Travis 1988).

5.5.1 Propriedades dos advérbios

Acerca das propriedades gramaticais dos advérbios, vamos usar o trabalho de Alexiadou (1994: p. 6). A autora aponta que, geralmente, advérbios são considerados como elementos que não são selecionados por um predicado e não aparecem obrigatoriamente em uma sentença, uma vez que eles funcionam como adjuntos. Contudo, a autora faz uma ressalva de que isso nem sempre é verdade, já que existem alguns verbos que selecionam lexicalmente um advérbio, a saber, verbos de movimento, situacional e de comportamento. Estes obrigatoriamente subcategorizam uma expressão adverbial, e eles são reciprocamente dependentes entre si (Alexiadou 1994: p. 6), como no exemplo (290).

(290) Advérbios de predicado

- a. he behaved *(awfully)
 ele comportou-(se) *(terrivelmente)
- b. John goes *(to London)
 John vai *(para Londres)
- c. John resides *(in Berlin)
 John reside *(em Berlim)

De acordo com Alexiadou (1994) e Jackendoff (1972), advérbios funcionam como modificadores de sentenças, os chamados S-advérbios, ou de sintagmas verbais (VPs), que são chamados de VP-advérbios:

"Advérbios são tradicionalmente considerados como tendo funções de modificadores sobre Sentenças (S) em ((291-a)) ou Sintagmas Verbais (VPs) em ((291-b)), isto é, eles são considerados como sendo S-modificadores ou VP-modificadores. Assim, advérbios são dependentes dos elementos, que eles modificam, mas os elementos que eles modificam não são dependentes do advérbio (...) (Alexiadou 1994: 6 – tradução nossa)."²⁷

(291) Advérbios em grego

- a. Pithanon tha erthi o Janis
Provavelmente FUT vir.3SG o João.NOM
"Provavelmente o João virá."
- b. Dulevun grigora
trabalha.3PL rápido
"Eles trabalham rápido."

Dados retirados de Alexiadou (1994: 7)

Segundo Alexiadou (1994), advérbios são usados como modificadores de adjetivos, de outros advérbios ou ainda podem modificar sintagmas nominais e sintagmas adposicionais. Nesse trabalho, vamos considerar apenas os dois primeiros tipos supramencionados, que são aqueles modificadores de orações ou de sintagmas verbais.

²⁷"Adverbs are traditionally considered as having a modifying function over sentences (S) or Verb Phrases (VPs), i.e. they are considered as being S-modifiers or VP-modifiers. In this respect, adverbs are dependent on the element they modify, but the modifying element itself is not dependent on the adverb (...) (Alexiadou 1994: 6)".

5.5.2 Ordem dos advérbios em Karitiana: em orações matrizes

Storto (1999) mostrou que em orações matrizes a adjunção adverbial (tipo-*mynda*) pode ocorrer na posição inicial (Adv SVO), na posição pós-verbal (SV Adv O) ou (SV Adv); e na posição final, após o objeto, como (SVO Adv); a única posição em que o advérbio não pode estar localizado é entre o sujeito e o verbo como (*S Adv VO). A explicação dada pela autora é que S e V estão em uma configuração especificador-núcleo (cf. Storto 1999: 138–146).

Adjunção adverbial Adv SVO

- (292) mynda taso ø-na-m-potpora-j ese
 vagorosamente homem 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água
 "O homem ferveu a água vagorosamente."

(exemplo 58 de Storto 1999: 138)

Adjunção adverbial SV Adv O

- (293) taso ø-na-m-potpora-j mynda ese
 homem 3-DECL-CAUS-ferver-FUT vagorosamente água
 "O homem ferveu a água vagorosamente."

(exemplo 60 de Storto 1999: 139)

Adjunção adverbial SVO Adv

- (294) taso ø-na-m-potpora-j ese mynda
 homem 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água vagorosamente
 "O homem ferveu a água vagorosamente."

(exemplo 61 de Storto 1999: 139)

Adjunção adverbial S Adv VO

- (295) *taso mynda ø-na-m-potpora-j ese
 homem vagorosamente 3-DECL-CAUS-ferver-FUT água

(exemplo 59 de Storto 1999: 139)

Conforme Sanchez-Mendes (2014a: 196–207), o advérbio modificador de grau em Karitiana *pita-t* ocorre apenas na posição pós-verbal:

- (296) João $\emptyset$ -na-pimbik- $\emptyset$ pita-dn goo
João 3-DECL-empurrar-NFUT muito-ADVZR carro
"O João empurrou muito carro."

(exemplo 247a de Sanchez-Mendes 2014a: 207)

- (297) *Pita-t João $\emptyset$ -na-pimbik- $\emptyset$ goo
muito-ADVZR João 3-DECL-empurrar-NFUT carro
Tradução pretendida: "O João empurrou muito carro."

(Sanchez-Mendes 2014a: 198)

- (298) *João pita-t $\emptyset$ -na-pimbik- $\emptyset$ goo
João muito-ADVZR 3-DECL-empurrar-NFUT carro
Tradução pretendida: "O João empurrou muito carro."

(Sanchez-Mendes 2014a: 198)

- (299) *João $\emptyset$ -na-pimbik- $\emptyset$ goo pita-t
João 3-DECL-empurrar-NFUT carro muito-ADVZR
Tradução pretendida: "O João empurrou muito carro."

(Sanchez-Mendes 2014a: 198)

- (300) *Pita-t $\emptyset$ -na-pimbik- $\emptyset$ João goo
muito-ADVZR 3-DECL-empurrar-NFUT João carro
Tradução pretendida: "O João empurrou muito carro."

(Sanchez-Mendes 2014a: 198)

O exemplo (296) mostra o advérbio *pita-t* ocorrendo após o verbo enquanto os exemplos ((297)–(300)) mostram que o modificador não pode ocorrer em nenhuma posição diferente daquela descrita pelo exemplo (296).

Baseando-se na descrição de Sanchez-Mendes (2014a) sobre *pitat*, advérbios do tipo-*pitat* apresentam a mesma distribuição dos núcleos aspectuais (cf. seção (5.3)).

5.5.3 Modificação adverbial em Karitiana: em subordinadas

Storto (1999: 128) demonstra que advérbios devem ocorrer no início de uma oração encaixada como é mostrado nos dados a seguir:

Cláusulas encaixadas **Adv SOV**:

- (301) [mynda y-sypy'et him okeĩ]
lentamente meu-tio carne cortar
"...que meu tio cortou a carne lentamente."

Cláusulas encaixadas ***S Adv OV**

- (302) *[ysypy'et mynda him okeĩ]
meu-tio lentamente carne cortar

Cláusulas encaixadas ***SO Adv V**

- (303) *[y-sypy'et him mynda okeĩ]
meu-tio carne lentamente cortar

Cláusulas encaixadas ***SOV Adv**

- (304) *[y-sypy'et him okeĩ mynda]
meu-tio carne cortar lentamente

Note que o exemplo (301), que apresenta o advérbio no início da frase, é uma sentença gramatical enquanto os exemplos ((302–304)) são agramaticais. Os exemplos agramaticais apresentam o advérbio em uma posição não inicial, como em (301).

Orações relativas

Storto (1999: 130) demonstrou ainda que as relativas de núcleos internos diferem das outras subordinadas, uma vez que essas relativas permitem a adjunção de advérbios em duas posições: O Adv SV ou Adv OSV. A autora explica que o núcleo interno da relativa move-se sobre o VP, para Spec de AspP. Como o argumento se move, segundo a autora, duas posições são criadas para adjunções adverbiais: AspP e VP.

A seguir apresentaremos dados que ilustram as informações supramencionadas, retiradas de Storto (1999). Ressaltamos ainda que esses dados foram retestados por nós com dois colaboradores Karitiana em novembro de 2015:

[O Adv SV]: adjunção do advérbio ao VP

- (305) y-py-so'oot-<o>n yn [sosy mynda ajxa ti-oky]-ty
 1-ASSERT-ver-NFUT eu tatu lentamente vocês CFO-matar-OBL
 "Eu vi o tatu que vocês mataram lentamente."

(306) Adv [OSV]: adjunção do advérbio a AspP ou à oração matriz

- a. y-py-so'oot-<o>n yn [mynda sosy ajxa ti-oky]-ty
 1-ASSERT-ver-NFUT eu lentamente tatu vocês CFO-matar-OBL
 "Eu vi o tatu que vocês mataram lentamente."
 b. y-py-so'oot-<o>n yn mynda [sosy ajxa ti-oky]-ty
 1-ASSERT-ver-NFUT eu lentamente tatu vocês CFO-matar-OBL
 "Eu gradualmente vi o tatu que vocês mataram."

Na análise de Storto (1999), em (305), o núcleo da relativa *sosy* é alçado para o especificador de AspP, e então o advérbio é associado ao VP da oração encaixada. Nesse caso, não há interpretação ambígua para o advérbio, visto que este tem escopo apenas sobre AspP da oração encaixada. Por outro lado, no exemplo (306), a posição do advérbio gera ambiguidade na interpretação da sentença devido ao fato de que esse advérbio faz parte da subordinada em ((306-a)) ou

faz parte do VP da matriz em ((306-b)).

Nesse tipo de relativa, se um advérbio do tipo *mynda* aparecer após o verbo da oração encaixada como em (307), a única interpretação possível seria aquela em que o advérbio modifica o VP da oração matriz:

- (307) y-py-so'oot-<o>n yn [sosy ajxa ti-oky]-ty mynda
 1-ASSERT-ver-NFUT eu tatu vocês CFO-matar-OBL lentamente
 "Eu gradualmente vi o tatu que vocês mataram."

O exemplo (307) mostra que o advérbio no final da oração encaixada modifica o VP contendo o verbo *so'oot* 'ver', situado na matriz, e não *oky* 'matar, na oração encaixada.

Orações subordinadas adverbiais

Nesta parte, mostramos como a modificação adverbial se dá em orações subordinadas adverbiais. Conforme foi mostrado acima (cf. Storto 1999), com exceção das orações relativas, a modificação adverbial em orações encaixadas ocorrem no início da oração (Adv SOV/ Adv OSV). Observem os exemplos a seguir:

- (308) João ø-na-oky-t ombaky [[Milena 'ip byhip]
 João 3-DECL-matar-NFUT onça Milena peixe assar
 tyki'oo]-t
 IMPERF.PROG-ADVZR
 "O João matou a onça enquanto a Milena estava cozinhando o peixe."
- (309) a. João ø-na-oky-t ombaky [[mynda Milena 'ip
 João 3-DECL-matar-NFUT onça lentamente Milena peixe
 byhip] tyki'oo]-t
 assar IMPERF.PROG-ADVZR
 "O João matou a onça enquanto a Milena estava cozinhando o
 peixe lentamente."

- b. João $\emptyset$ -na-oky-t ombaky mynda [[Milena 'ip
João 3-DECL-matar-NFUT onça lentamente Milena peixe
byhip] tyki'oo]-t
assar IMPERF.PROG-ADVZR
"O João matou a onça lentamente enquanto a Milena estava cozi-
nhando o peixe."

(Storto 1999)

Consideremos agora o exemplo (308) que mostra uma oração encaixada adverbial. Os exemplos ((309-a)) e ((309-b)) mostram a oração adverbial em (308) sendo modificada pelo advérbio *mynda* 'lentamente', que está ocorrendo na posição inicial da orações, em que a ordem apresentada é ([Adv SOV]). Na posição em que *mynda* está disposta, pode-se ter duas interpretações: (i) o advérbio modifica a oração encaixadas ((309-a)) e (ii) o advérbio modifica a oração matriz((309-b)).

A ambiguidade mencionada acima pode ser eliminada se a oração encaixada vier no início da sentença, como mostramos a seguir:

- (310) [[Milena 'ip byhip] tyki'oo]-t $\emptyset$ -na-oky-t
Milena peixe assar IMPERF.PROG-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT
ombaky João
onça João
"Enquanto a Milena estava cozinhando o peixe, o João matou a onça."

Ao exemplo (310), adicionamos o advérbio *mynda* como pode ser visto nos exemplos abaixo:

- (311) a. [[mynda Milena 'ip byhip] tyki'oo]-t
lentamente Milena peixe assar IMPERF.PROG-ADVZR
 $\emptyset$ -na-oky-t ombaky João
3-DECL-matar-NFUT onça João
"Enquanto a Milena estava cozinhando o peixe lentamente, o João
matou a onça."

- b. #mynda [[Milena 'ip byhip] tyki'oo]-t
 lentamente Milena peixe assar IMPERF.PROG-ADVZR
 ø-na-oky-t ombaky João
 3-DECL-matar-NFUT onça João
 "#Enquanto a Milena estava cozinhando o peixe, o João matou a
 onça lentamente²⁸."

O advérbio *mynda*, modificando a oração adverbial no início da sentença, cujo ordenamento é [Adv SOV]-Advzr VOS em ((311-a)), só pode ser interpretado como modificador da oração encaixada, de modo como foi atestado no exemplo agramatical (nesse contexto) ((311-b)). Este exemplo serve para contrastar com os exemplos ((309-a)–(309-b)), nos quais o modificador adverbial pode modificar em um contexto a oração encaixada e em outro contexto a oração matriz.

5.6 Negação modificando orações subordinadas

Outro aspecto que evidencia a existência de orações subordinadas em Kariti-ana é a negação. Deste modo, vamos mostrar que existem duas estratégias de negação na língua: a negação com *padni* em orações matrizes (Everett 2006; Landin 1984; Storto 1999, 2002, 2014a) e a negação com *ki*²⁹ em orações subordinadas (Storto 1999, 2016).

- (312) Yn i-popi padni him ondyt yn
 eu 3-matar.PL NEG caça grande eu
 "Como eu mesmo, eu não matei a grande caça."

(Storto 2014a)

²⁸O símbolo # indica que a sentença não é interpretada neste contexto, ou seja, o advérbio modificando a oração matriz que está na segunda parte da sentença.

²⁹Existem três formas *ki* na língua: (i) a forma supletiva plural *kii*, com vogal longa, da cópula *aka*, (ii) o auxiliar aspectual *ki* 'perfectivo de anterioridade' e a negação *ki* descrita aqui.

- (313) Y-otam padni yn
1-chegar NEG eu
"Eu não cheguei."

(Storto 2016)

- (314) yn a-ta-ahee-t an
eu 2-DECL-abanei-NFUT você
"Eu abanei você."

(Storto 2016)

Storto (2016) descreve que sentenças com negação como em (312–313) não apresentam flexão de modo ou tempo, como as declarativas afirmativas em (314). Contudo, declarativas negativas mostram marca de concordância absoluta.

O exemplo (312) mostra uma sentença transitiva em que a marca de concordância no verbo {i-} se dá com o objeto *him ondyt*. Por outro lado, o exemplo (313) apresenta um verbo intransitivo concordando com o sujeito *yn* através do prefixo de concordância {y-}.

Landin (1984: 11) erroneamente analisou as sentenças de negação em Karitiana como sendo estruturas excêntricas (ver também Everett (2006: 328–332)):

"(...) Eu tenho observado [que a negação é muito] incomum e talvez as orações negativas em Karitiana sejam um fenômeno único, ou seja, elas são formadas não pela adição de um morfema de negação, mas pelo apagamento da marca de afirmativo³⁰ da sentença afirmativa (...) ((Landin 1984: 11), tradução nossa)."³¹

Storto (1999, 2014a) tem apontado uma análise diferente daquela dada por

³⁰A marca de afirmativo em Landin (1984) é analisada por Storto (1999, 2002) como modo declarativo.

³¹"(...) I have observed a very unusual, and perhaps unique phenomenon in Karitiana negative statement. That is, negative statements are formed not by the addition of a negative morpheme, but by deletion of the affirmative from the corresponding affirmative sentence (...) (Landin 1984: 11)".

Landin (e também por Caleb Everett) para a negação com *padni*. Assim, a autora demonstra que o morfema de negação *padni* ocorre nas sentenças matrizes negadas, mas que sempre é possível o seu apagamento. Interessantemente, em verbos terminados em oclusivas surdas ocorre epêntese vocálica entre o verbo e a negação *padni*, e quando a negação é apagada, a epêntese é sempre mantida, o que indica que não se trata da ausência da negação, mas de seu apagamento opcional.

A segunda estratégia de negação em Karitiana apresentada por Storto (1999, 2016) é a negação com o sufixo {-ki} que é usado para negar orações subordinadas, adjetivos deverbais e ocorre com nomes apenas quando estes forem adjetivizados antes via sufixo *-na*. A autora analisa esse segundo caso de negação como sendo negação privativa. Observem os exemplos a seguir:

Oração subordinada adverbial com a negação privativa {-ki}

- (315) [Projeto Açaí pip a=tat-<a>ki]-t y-ta-so'oot-ø yn
 Projeto Açaí em você=ir-NEG-ADVZR 1-DECL-ver-NFUT eu
 an-ty
 você-OBL
 "Você não tinha vindo ainda para o Projeto Açaí, eu [já] conhecia
 você."

(Storto 2016)

Oração subordinada relativa com a negação privativa {-ki}

- (316) [Jonso ti'y 'y-ki] i-engy padni
 mulher comida comer-NEG 3-vomitare NEG
 "A mulher que não comeu a comida não vomitou."

(Storto 2016)

O exemplo (315) mostra a negação *-ki* modificando uma oração subordinada

adverbial enquanto em (316) a negação é um modificador de uma oração relativa. Neste último caso, a matriz da oração relativa encontra-se também negada com *padni*.

Adjetivos deverbais com a negação privativa {-ki}

- (317) him hip-<i>ki
carne cozinhar-NEG
"carne crua"literalmente: "carne sem cozinhar."

(Storto 2016)

O sufixo *-ki* pode negar ainda um adjetivo deverbal como foi mostrado no exemplo (317).

Segundo Storto (2016), a negação privativa não ocorre com nominais. No entanto, um nome pode ser adjetivizado através do adjetivizador {-na} e então ficar disponível para ser negado por {-ki}:

- (318) kyry-dna-ki
fígado-ADJZR-NEG
"sem fígado"

(Storto 2016)

- (319) [ka opok ako aka] ø-na-aka-t [i-[sy-pi-dna]]-t
dêitico galinha COP 3-DECL-COP-NFUT PART-ovo-ADJZR-ADVZR
"A galinha que está aqui está com ovos."

(Storto 2016)

O exemplo (318) mostra a negação selecionando um adjetivo denominal através de {-na}, ou seja, o nome *kyry* 'fígado' tornou-se adjetivo "com fígado" para depois estar disponível para ser sufixado pela negação {-ki}. O exemplo (319) serve para mostrar o nome *sy-pi* 'ovo' sendo adjetivizado por {-na}. É interes-

sante notar que se o núcleo do complemento (adverbializado) da cópula não fosse um nome adjetivizado, o nominalizador {i-} não deveria aparecer nesse ambiente³².

Storto (2016) sugere que pode ser concluído que o sufixo de negação privativa {-ki} selecione apenas verbos e adjetivos.

Landin (1984: 12) analisa {-ki} como negação de raiz verbal. Segundo o autor, o morfema de negação {-ki} se liga à uma raiz verbal minimamente expandida, formando uma sentença complexa. Para Storto (1999), a negação privativa é usada em orações não-finitas (sem tempo, modo ou concordância) como as orações subordinadas e interrogativas.

É válido mencionar que os três autores, a saber, Landin (1984), Everett (2006) e Storto (1999) assumem que a negação *padni* ou {-ki} está relacionada a um verbo (ou adjetivos no caso de {-ki}, demonstrado por Storto) e não a um nome.

5.7 Evidenciais em orações subordinadas

Evidenciais em Karitiana constituem mais uma propriedade gramatical que nos leva a analisar os encaixamentos sintáticos como orações subordinadas. Os evidenciais em Karitiana têm a propriedade de selecionar um sintagma verbal (VP) ou um sintagma aspectual (AspP), formando um núcleo complexo com eles. Nesse trabalho, adotamos os trabalhos de Storto (2002), Vivanco (2009b, 2010) e Chaves-Alexandre (2016) para demonstrar que os evidenciais selecionam um VP ou um AspP e que podem ocorrer em orações subordinadas.

³²Segundo Storto (2010), o complemento da cópula deve ser nucleado por um adjetivo ou um verbo sintaticamente intransitivo, ambos nominalizados por {i-}; o nominalizador {i-} nunca coocorre com um núcleo nominal.

5.7.1 Evidenciais modificando orações matrizes

Karitiana apresenta dois tipos de evidenciais: o evidencial indireto *saryt* e o direto *ta'ã*. O evidencial indireto é usado para codificar gramaticalmente que a informação foi reportada (320–322); já com o evidencial direto, a cena descrita foi presenciada pelo falante (cf. Chaves-Alexandre 2016; Storto 2002; Vivanco 2009b).

Evidencial indireto *saryt*:

- (320) $\emptyset$ -pyry-'a saryt-<y>n keerep Gokyp
 3-ASSERT-fazer EVID.INDIR-NFUT antigamente sol
 "O sol era assim (evidencial indireto) antigamente."

(dado retirado da narrativa do sol (Gokyp) (Storto 2002))

- (321) I-sondyp <y>saryt [i-hadna ti-m-'a opoko]-ty
 3-saber EVID.IND 3-dizer CFO-CAUS-fazer inimigo-OBL
 "Ele não sabe o que foi dito pelo inimigo (evid. ind)."

(Storto 2002)

A sentença em (321) é uma negação com *padni*. Conforme Storto (1999) demonstrou, o morfema *padni* pode ser apagado, e sabe-se que se trata de uma negação pela ausência da marca de modo e tempo.

- (322) Ñonso $\emptyset$ -na-mbyyt saryt- $\emptyset$ õwã
 mulher 3-DECL-dar.a.luz EVID.IND-NFUT criança
 "A mulher deu a luz à criança (diz que)."

(Vivanco 2009b)

Evidencial direto *ta'ã*

- (323) $\emptyset$ -pyry-'a ta'ã-t y-'it keerep
 3-ASSERT-fazer EVID.DIR-NFUT meu-pai antigamente

"Assim fez meu pai (evidencial direto) antigamente."

(dados retirados da narrativa de iniciação masculina (Ossip) (Storto 2002))

- (324) $\emptyset$ -pyry-m-'a ta'ã-t keerep
 3-ASSERT-CAUS-fazer EVID.DIR-NFUT antigamente
 "Era assim (evidencial direto) antigamente."

(dados retirados da narrativa de iniciação masculina (Ossip) (Storto 2002))

- (325) ãonso $\emptyset$ -na-mbyyt ta'ã-t- $\emptyset$ ta-'et
 mulher 3-DECL-dar.a.luz EVID.DIR-NFUT 3ANAF-filho
 "A mulher deu a luz à criança (eu vi que)."

(Vivanco 2009b)

Nota-se que os evidenciais direto e indireto são auxiliares pós verbais ou aspectuais, uma vez que eles recebem a marca de tempo (Storto 1999, 2002). Ressalta-se ainda que o tempo pode ser sufixado apenas ao evidencial (320 – 325) ou opcionalmente marcado também no verbo, como no exemplo (326) abaixo:

- (326) taso $\emptyset$ -na-oky-j saryr-i boroja
 homem 3-DECL-matar-FUT EVID.IND-FUT cobra
 "(Diz que) o homem vai matar a cobra."

Observem que os exemplos abaixo mostram o VP+evidencial *saryt* sendo modificado pela negação *padni* em (327) e formando um núcleo complexo com o aspecto e o verbo em (328):

- (327) i-a-oky saryt<y> padni ombaky
 3-PASV-matar EVID.IND NEG onça
 "(diz que) A onça não foi morta."

- (328) João ø-naka-'y tyja saryt-ø asyryty
 João 3-DECL-comer IMPERF.SITT EVID.IND-NFUT banana
 "(Diz que)O João está comendo uma banana."

(Storto 1999; Vivanco 2009b)

- (329) *tasø ø-na-oky boroja saryt-ø
 homem 3-DECL-matar cobra EVID.IND-NFUT
 "(Diz que) o homem vai matar a cobra."

(Storto 1999; Vivanco 2009b)

O exemplo (329) serve para mostrar que o evidencial forma um núcleo complexo com o verbo e outros núcleos funcionais como aspecto e tempo, mostrando ainda que não pode ser separado do verbo.

5.7.2 Evidenciais em orações subordinadas

Chaves-Alexandre (2016); Vivanco (2009a, 2009b, 2010) apresentaram estruturas sintáticas encaixadas com evidenciais. Essas descobertas estão sendo utilizadas aqui para corroborar nossa análise de que essas orações encaixadas podem ser, sim, analisadas como subordinadas, ainda que não apresentem os traços relacionados tradicionalmente à finitude como tempo, concordância e modo.

Os exemplos (330–333) são referentes às orações subordinadas completivas, sendo que as orações em (330–332) estão sendo marcadas com o evidencial indireto *saryt* enquanto em (333) com o evidencial direto *ta'ã*.

- (330) ø-pyry-hadn-<a>n José [carro-ty Pedro amy
 3-ASSERT-dizer-NFUT José carro-OBL Pedro comprar
 saryt]-<y>ty
 EVID.IND-OBL
 "José disse que (diz que) o Pedro comprou um carro."

(331) ø-pyry-hadn saryt-<y>n José [Porto Velho pip Maria tat
3-ASSERT-dizer EVID.IND-NFUT José Porto velho em Maria ir
saryt]-<y>ty
EVID.IND-OBL
"(Diz que) O João disse que (diz que) a Maria vai para Porto Velho."

(Vivanco 2009a)

No exemplo (330) o evidencial indireto está formando um núcleo complexo com o verbo encaixado *amy* 'comprar'. Toda a oração *carroty Pedro amy saryty* está sendo marcada pelo obíquo {-ty}, que é exigido pelo verbo da matriz *hadn* 'dizer'. Ainda no exemplo (330), o argumento *carro* do verbo *amy* está marcado pelo oblíquo {-ty} que, por sua vez, é requerido pelo verbo encaixado; o teste de Vivanco (2009a) mostra no exemplo (331) o evidencial indireto coocorrendo em dois ambientes, o primeiro deles está sendo interpretado no verbo matriz enquanto o segundo no verbo encaixado.

(332) ø-py-sondyp-<y>n João [Inácio 'ep opĩ saryt]-<y>ty
3-ASSERT-saber-NFUT João Inácio árvore cortar EVID.IND-OBL
"João sabe que (diz que) Inácio corta a árvore."

(Chaves-Alexandre 2016)

(333) ø-py-sondyp-<y>n João [Inácio 'ep opĩ ta'ã]-ty
3-ASSERT-saber-NFUT João Inácio árvore cortar EVID.DIR-OBL
"João sabe que (viu que) Inácio corta a árvore.

(Chaves-Alexandre 2016)

Os exemplos ((332) e (333)) mostram os evidenciais indireto e direto, respectivamente, ocorrendo dentro da subordinada completiva.

A seguir, apresentamos orações subordinadas adverbiais contendo evidências em suas estruturas:

- (334) [ti'y Marcelo 'y saryt tykiri]
 comida Marcelo comer EVID.IND PERF
 ø-na-pa'ira-t João
 3-DECL-ficar.nervoso-NFUT João
 "(Diz que) Quando o Marcelo comeu a comida, o João ficou nervoso."

(Chaves-Alexandre 2016)

- (335) [ti'y Marcelo 'y ta'ã tykiri]
 comida Marcelo comer EVID.IND PERF
 ø-na-pa'ira-t João
 3-DECL-ficar.nervoso-NFUT João
 "(Vi que) Quando o Marcelo comeu a comida, o João ficou nervoso."

(Chaves-Alexandre 2016)

Os exemplos ((334) e (335)) mostram os evidenciais indireto e direto ocorrendo, respectivamente, dentro de uma subordinada adverbial.

- (336) ø-pyry-hadn-<a>n José [[carro-ty Pedro amy]-ty [dinheiro
 3-ASSERT-dizer-NFUT José carro-OBL Pedro comprar-OBL dinheiro
 typ saryt tykiri]]
 achar EVID.IND PERF
 "José disse que Pedro comprou um carro quando (diz que) ele achou
 dinheiro."

(Vivanco 2009a)

O exemplo (333) mostra uma estrutura com múltiplo encaixamento (cf. Storto, Vivanco, e Rocha 2015), ou seja, a subordinada adverbial *dinheiro typ saryty tykiry* está encaixada na completiva *carroty Pedro amy* que, por sua vez, está encaixada na oração matriz. Além da interpretação dada pelo falante nativo de Karitiana, sabe-se que *carroty Pedro amy* é complemento factivo de *pyryhadn Jodé* pela marca de oblíquo {-ty} na oração encaixada terminada por *amy*, que é exigida por *hadn*. Neste caso, a oração subordinada adverbial *dinheiro tyo saryt*

tykiri com o evidencial *saryt* está modificando adverbialmente a oração complemento (interpretação: "Pedro comprou um carro quando ele achou dinheiro.").

Ao compararmos os dados expostos sobre evidenciais em orações matrizes (cf. subseção (5.7.1)) e aqueles sobre evidenciais em subordinadas (cf. subseção (5.7.2)), verificamos que os evidenciais na matriz aparecem depois do núcleo aspectual (cf. exemplo (328)) enquanto nas orações subordinadas os evidenciais estão dispostos antes dos núcleos aspectuais (cf. exemplos (334) a (336)). Ressaltamos que a literatura consultada (cf. Chaves-Alexandre 2016; Vivanco 2009a, 2009b, 2010), para tanto, não apresentou testes que mostrem o ordenamento de palavras entre auxiliares aspectuais e evidenciais como um padrão ou se eles podem ser permutáveis entre si.

5.7.3 Evidenciais com cópulas

De acordo com o teste de Vivanco (2009a), apresentado abaixo, os evidenciais podem ocorrer em construções de cópulas em duas posições sintáticas. Como a autora demonstrou em seus testes sintáticos, o evidencial pode ocupar a posição logo após o verbo copular *aka* ou ocupar a posição verbal após o verbo mais baixo, formando um núcleo complexo com o verbo da mini-orção.

(337) ðwã ø-na-aka saryt-ø i-kat-ø
 criança 3-DECL-COP EVID.IND-NFUT PART-dormir-ADVZR
 "(Diz que) a criança dormiu."

(338) ðwã ø-na-aka-t i-kat saryt-ø
 criança 3-DECL-COP-NFUT PART-dormir EVID.IND-ADVZR
 "(Diz que) a criança dormiu."

(339) ðwã ø-na-aka-j saryr-i i-kat-ø
 criança 3-DECL-COP-FUT EVID.IND-FUT PART-dormir-ADVZR
 "(Diz que) a criança vai dormir."

- (340) ãwã ø-na-aka-j i-kat saryt-ø
 criança 3-DECL-COP-FUT PART-dormir EVID.IND-ADVZR
 "(Diz que) a criança vai dormir."
- (341) ãwã ø-na-aka ta'ã-t i-esyma-t
 criança 3-DECL-COP EVID.DIR-NFUT PART-espirrar-ADVZR
 "(Eu vi) a criança espirrou."
- (342) ãwã ø-na-aka-t i-esym ta'ã-t
 criança 3-DECL-COP-NFUT PART-espirrar EVID.DIR-ADVZR
 "(Eu vi) a criança espirrou."

(os dados de (337) a (342) são retirados de Vivanco (2009a))

Os exemplos ((337), (339) e (341)) mostram o evidencial formando um núcleo complexo com o verbo cópula *aka* enquanto os exemplos ((338), (340) e (342)) exibem os evidenciais formando uma unidade com o verbo da mini-orção. Os dados acima também apontam que quando os evidenciais ocorrem com o verbo *aka* recebem a marcação de tempo; o sufixo de tempo pode ser ainda duplamente marcado como em (340) em que o morfema de tempo futuro está presente no evidencial e na cópula. Quando o evidencial está dentro da mini-orção, este é marcado com o morfema adverbializador {-t/-ø} (que coincidentemente é homófono à marca de tempo não-futuro) como em ((338), (340) e (342)).

O comportamento sintático dos evidenciais em construções de cópulas não são, na verdade, surpreendentes, pois é exatamente o modo como eles se comportam em orações matrizes e em subordinadas (cf. exemplo (334)). Ressaltamos que a análise de Storto (2010) para as construções de cópulas é de que elas são bi-oracionais, ou seja, há na cópula uma oração matriz com marcas de finitude e uma oração encaixada não-finita, que é a mini-orção, de modo que o evidencial pode se relacionar sintaticamente com uma e/ou com a outra.

5.8 Considerações finais do capítulo

Concluindo o capítulo, mostramos diferentes aspectos morfológicos, sintáticos e semânticos como ordem de constituintes, estrutura argumental bem definida como nas orações finitas, morfemas funcionais de aspecto, modificadores adverbiais de orações e de VP (os chamados S-advérbios e VP-advérbios (cf. Alexiadou 1994; Jackendoff 1972; Travis 1988)), negação e evidencialidade, que estão relacionados a verbos, ocorrendo com verbos ou orações encaixadas. Além de os itens apresentados como evidências para tal análise, tipologicamente, serem relacionados a verbos, a distribuição desses itens, internamente à língua, mostrou que eles se relacionam sintaticamente apenas a verbos.

Capítulo 6

Orações subordinadas em Karitiana: funções e tipos

6.1 Introdução ao capítulo

O presente capítulo descreve as orações não-finitas em Karitiana. Estas orações na língua funcionam como orações subordinadas de diferentes tipos, tais como orações relativas, "complemento", adverbiais e infinitivas. Veremos que as orações relativas são de dois tipos: relativas de sujeito, aquelas nas quais o núcleo é o sujeito da oração encaixada; ou relativas de objeto, aquelas cujo núcleo relativizado tem a função de objeto da subordinada. Além disso, relativas podem ocupar a posição de sujeito ou complemento do verbo matriz. As orações relativas de sujeito apresentam ambiguidade entre argumentos e eventos. As orações adverbiais são modificadores que se adjungem às orações matrizes.

6.2 Orações relativas

Nesta seção, descreveremos as orações relativas em Karitiana, mostrando que também encontramos núcleos aspectuais nessas estruturas, além de evidenciar que, ao contrário das orações adverbiais, o morfema adverbializador {-t/-Ø} (cf.

seção 5.4) não pode ocorrer. As orações relativas foram estudadas por Storto (1999, 2012b, 2013b), Everett (2006) e Vivanco (2014). Storto tem argumentado que as orações relativas têm núcleos internos à estrutura encaixada. Vivanco em sua dissertação de mestrado corrobora a análise de Storto, mostrando que o núcleo é gerado interno à estrutura. Ele pode ficar *in situ* ou pode se alçar para a periferia esquerda. Nos testes de Vivanco, podemos ver dados que mostram uma variação da ordem de constituintes para as relativas: SOV-OSV. Vivanco aponta que para o grupo de falantes com os quais ela fez a elicitación de dados, a ordem *default* das relativas de sujeito é SOV, que é exemplificada em (343).

Ordem SOV em relativas de sujeito

- (343) Yn Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø [taso õwã mĩ]-ty
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR homem criança bater-OBL
 "Eu vi o homem que machucou a criança."

(Storto 1999: p. 133)

O morfema {*ti-*} é desencadeado pelo alçamento do núcleo da relativa em (344) ou da extração de QU- de objeto em (345) ou ainda pela extração do objeto para uma posição de sujeito da cópula em construções clivadas em (346). Ele é analisado por Storto (1999, 2010) como uma marca de construção de foco do objeto (doravante CFO).

Ordem OSV em relativas de objeto

- (344) Yn Ø-na-aka-t i-so'oot-Ø [õwã taso
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR criança homem
 ti-mĩ]-ty
 CFO-bater-OBL
 "Eu vi a criança que o homem machucou."

(Storto 1999: p. 132)

Extração do objeto em perguntas QU-

- (345) morã-mon taso ti-i-oky-t?
QU-COP homem CFO-PART-matar-ADVZR
"O que é que o homem matou?"

(Storto 2010: ex. 24)

- (346) pikom (Ø-na-aka-t) taso ti-i-oky-t
macaco 3-DECL-COP-NFUT homem CFO-PART-matar-ADVZR
"Foi macaco que o homem matou."

(Storto 2010: ex. 21)

Vivanco (2014) demonstra em seus experimentos que existem orações relativas com o morfema de foco do objeto com o NP (o núcleo) omitido, como em (347).

Relativa de objeto com o núcleo omitido (contexto: "pilar milho")

- (347) Yn Ø-na-aka-t i-pyting-Ø [Ø Luciana
Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-querer-ADVZR pro Luciana
ti-tak]-<a>ty
CFO-pilar-OBL
"Eu escolhi o (milho) que a Luciana pilou."

(Vivanco 2014: ex. 73)

O morfema {*ti*-} marca em todos os casos, vistos acima, o movimento do objeto da transitiva de uma estrutura relativa. Vivanco (2014) mostra alguns dados nos quais há uma marcação de CFO com apenas um argumento. Vivanco mostra que pela tradução e pelo contexto trata-se de um objeto nulo em (347), e não de um sujeito focado. A análise de Vivanco faz sentido, pois Storto (1999, 2010, 2012b) tem mostrado que CFO está relacionada ao movimento do objeto em

outros ambientes para a periferia esquerda da oração ((343–347)) em relativas, bem como à extração de objeto em perguntas QU e movimento do objeto em clivadas para ocupar a posição do sujeito do verbo copular (Storto 2010).

Para reforçar o argumento de Vivanco acima mencionado nos exemplos (348–350), apresentamos outros dados mostrando que {*ti-*} não pode ocorrer com um verbo que tenha apenas um argumento. Observe o exemplo (348), onde o objeto '*ip*' foi movido para a posição inicial da relativa, deixando a marca de CFO {*ti-*}. Em (349), forçamos a passivização com o morfema {*a-*} a partir da estrutura (348), demovendo o sujeito *taso*, de modo a obtermos como resultado uma construção agramatical com {*ti-*}, uma vez que o verbo neste caso foi sintaticamente intransitivizado. Em (350), a construção é gramatical, posto que não envolve o morfema {*ti-*}, mas apenas a passivização. Neste caso, '*ip*' 'peixe' é o sujeito do verbo intransitivizado.

(348) yn Ø-na-otet-Ø ['ip *taso* *ti-'y*]
 eu 3-DECL-cozinhar-NFUT peixe homem CFO-comer
 "Eu cozinhei o peixe que o homem comeu."

(349) *yn Ø-na-otet-Ø ['ip *ti-a-'y*]
 eu 3-DECL-cozinha-NFUT peixe CFO-PASV-comer

(350) yn Ø-na-otet-Ø ['ip *a-'y*]
 eu 3-DECL-cozinhar-NFUT peixe PASV-comer
 "Eu cozinhei o peixe que foi comido."

Em nossa elicitación de dados, controlamos os testes de construções relativas usando o morfema {*ti-*}, a fim de assegurar que as construções obtidas sejam realmente relativas. Os dados a seguir apresentam dois objetivos; (i) mostrar a ocorrência de núcleos aspectuais em relativas e (ii) mostrar que há uma restrição ao morfema adverbializador {-*t*/Ø}.

Observe os dados de relativas a partir de (351) até (357), nos quais os núcleos aspectuais terminados por uma vogal não permitem o sufixo {-t/-Ø}, contrastando com as orações subordinadas adverbiais que exigem a ocorrência desse sufixo.

- (351) Yn Ø-na-otet-Ø [’ip õwã ti-’y pasagngã
eu 3-DECL-cozinhar-NFUT [peixe criança CFO-comer IMPERF.POST
tyka]
IMPERF.MOT
"Eu cozinhei o peixe que a criança irá comer."

Em (348), apresentamos uma construção relativa formada de um verbo transitivo, que tem como NP relativizado o objeto ‘*ip* ‘peixe’ evidenciando movimento do objeto pela presença de {ti-}. Em (351), adicionamos à sentença (348) os núcleos funcionais de aspecto *pasagng* e *tyka*, resultando em uma sentença gramatical na língua, o que mostra que núcleos funcionais de aspecto podem ocorrer em relativas. A construção de foco do objeto assegura que se trata de uma estrutura relativa de objeto.

- (352) *Yn Ø-na-otet-Ø [’ip õwã ti-’y
eu 3-DECL-cozinhar-NFUT [peixe criança CFO-comer
pasagngã tyka]-t
IMPERF.POST IMPERF.MOT-ADV

- (353) [taso Elivar ti-mb-otam byyk] ø-na-oky-t
homem Elivar CFO-CAUS-chegar PERF.SUB 3-DECL-matar-NFUT
myndo
cotia
"O homem que o Elivar já fez chegar matou a cotia."

Já no exemplo (352), adicionamos o sufixo adverbializador, obtendo como resultado uma construção agramatical.

- (354) [taso Elivar ti-mb-otam pasagngã] ø-na-oky-t
homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.POST 3-DECL-matar-NFUT

myndo

cotia

"O homem que Elivar vai fazer chegar matou a cotia."

- (355) *[taso Elivar ti-mb-otam pasagngã-t]
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.POST-ADV
 ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia
- (356) [taso Elivar ti-mb-otam tyka] ø-na-oky-t
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.MOT 3-DECL-matar-NFUT
 myndo
 cotia
 "O homem que Elivar está fazendo chegar matou a cotia."
- (357) *[taso Elivar ti-mb-otam tyka-t]
 homem Elivar CFO-CAUS-chegar IMPERF.MOT-ADV
 ø-na-oky-t myndo
 3-DECL-matar-NFUT cotia

O sufixo {-t} aqui tem o efeito contrário do que ocorre em subordinadas adverbiais, ou seja, sua ocorrência em relativas resulta em sentenças agramaticais. Nota-se que os exemplos (355) e (357) são agramaticais devido à sufixação do adverbializador no núcleo aspectual (ver as seções (6.4.1), (6.4.2) e (5.4)).

6.2.1 Tipos de relativas

A seguir descreveremos as estruturas relativas que foram identificadas até o momento. Apresentamos, abaixo, estruturas relativas restritivas de objeto direto, de objeto indireto e de sujeito (cf. Storto 1999, 2012b; Storto et al. 2015; Vivanco 2014).

6.2.2 Relativas de objeto direto

As relativas de objeto direto são estruturas que apresentam o núcleo interno à estrutura (Storto 1999, 2012b; Vivanco 2014), ou seja, ele é gerado internamente e se mantém dentro da oração encaixada. As relativas de objeto em Karitiana envolvem a marcação de foco do objeto {ti-} prefixado ao verbo subordinado (Storto 1999, 2012b), como nos exemplos ((358)–(361)). Storto (1999, 2012b) tem mostrado que o padrão de ordenamento em relativas de objeto é aquele em que o núcleo se move para a periferia esquerda da oração gerando a ordem canônica *OSTiV*. No entanto, a ordem *SOTiV* é possível nesse tipo de relativa como Vivanco (2014: pp. 25–55) mostrou em seus experimentos.

Ordem de constituintes em relativa *OSTiV*

- (358) Yn ø-na-amang-ø [erery Maria ti-mong]
 Eu 3-DECL-plantar-NFUT algodão Maria CFO-colher
 "Eu plantei o algodão que a Maria colheu." (dado de Storto)

Ordem de constituintes em relativa *SO{ti-}V*

- (359) Yn ø-na-amang-ø [Maria erery ti-mong]
 Eu 3-DECL-plantar-NFUT Maria algodão CFO-colher
 "Eu plantei o algodão que a Maria colheu." (dado de Storto)

Ordem de constituintes em relativa *PP OS{ti-}V*

- (360) Yn ø-na-amang-ø [se pip erery João ti-atik]
 Eu 3-DECL-plantar-NFUT rio em algodão João CFO-jogar
 "Eu plantei o algodão que João jogou no rio."

As orações relativas dos exemplos ((358)–(360)) funcionam como objetos do verbo transitivo direto *amang* 'plantar' na matriz.

Ordem de constituintes em relativa *OS{ti-}V*

- (361) Y-py-so'oot-<y>n yn [kinda'o Maria ti-amangã]-ty
 1-ASSERT-ver-NFUT eu fruta Maria CFO-plantar-OBL
 "Eu vi a fruta que a Maria plantou."

Já a oração relativa em (361) funciona como objeto do verbo *so'oot* 'ver' que é um tipo de verbo que exige um complemento oblíquo, de modo que se pode ver o oblíquo {-ty} marcando toda a oração encaixada.

6.2.3 Relativas de objeto oblíquo

Vamos mostrar a estrutura de uma relativa de argumento oblíquo. A oração encaixada [*erery-ty Maria ta-'ete hit*] em (362) mostra o verbo bitransitivo *hit* projetando dois argumentos internos: *erery* 'algodão', que é o núcleo da relativa, apresentando a marca de oblíquo {-ty} exigida pelo verbo encaixado; e *ta'ete* 'filha dela' que é outro argumento interno ao verbo *hit*; *Maria* é o sujeito da oração encaixada. Verbos bitransitivos em Karitiana exigem a marca de oblíquo no argumento com papel semântico TEMA enquanto o ALVO funciona como objeto direto.

- (362) Y-py-so'oot-<y>n [erery-ty Maria ta-'ete hit]-<i>ty
 1-ASSERT-ver-NFUT algodão-OBL Maria 3ANAF-filha dar-OBL
 "Eu vi o algodão que a Maria deu para a filha dela."

O oblíquo {-ty} marcando toda a oração encaixada é exigido pelo verbo *so'oot* 'ver' na oração matriz.

6.2.4 Relativas de sujeito de verbo intransitivo

Os exemplos abaixo mostram sujeitos de verbos intransitivos sendo relativizados. Os verbos das orações encaixadas nos exemplos ((363) e (364)) são intransitivos em que seus sujeitos *erery* 'algodão', nos dois exemplos, são os

núcleos da relativa.

- (363) Y-py-so'oot-<y>n [Francisco ga-p erery hoop]-<o>ty
 1-ASSERT-ver-NFUT Francisco roça-LOC algodão brotar-OBL
 "Eu vi o algodão que nasceu na roça do Francisco."
- (364) Yn ø-na-amang-ø [erery se pip 'ot]
 Eu 3-DECL-plantar-NFUT algodão rio em cair
 "Eu plantei o algodão que caiu no rio."

6.3 Orações subordinadas completivas

As orações subordinadas completivas em Karitiana apresentam ambiguidade entre uma interpretação de evento (complemento factivo) e uma interpretação de argumento (orações relativas) (Storto 1999). Desse modo, falar da estrutura de orações completivas implica falar das orações relativas.

- (365) a. yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [taso õwã
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR homem criança
 mĩ]-ty
 machucar-OBL
 "Eu vi o homem que machucou a criança." (argumento)
- b. yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [taso õwã
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR homem criança
 mĩ]-ty
 machucar-OBL
 "Eu vi o homem machucar a criança." (evento)
- (Storto 1999: p. 133)

O exemplo (365) mostra uma estrutura com duas leituras. A primeira delas é de uma relativa ((365-a)), uma vez que a leitura captada é de "ver o homem". Já na segunda leitura, a estrutura é interpretada como "ver o homem machucar a criança", ou seja, "ver o evento de machucar criança" em (((365-b))).

6.3.1 Relativas versus completivas: diferenças e semelhanças

Abaixo disponibilizamos um teste que mostra as similaridades entre uma relativa de sujeito e uma oração completiva. Os exemplos (366 e 367) são estruturalmente ambíguos, uma vez que as leituras de relativas e completivas estão disponíveis. Nós testamos essas estruturas com 3 falantes nativos em nosso trabalho de campo realizado em agosto de 2014 e com mais 2 falantes em novembro de 2015, de modo que nossos resultados corroboraram a análise de Storto (1999).

- (366) a. yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [taso him
Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR homem caça
oky]-ty
matar-OBL
"Eu vi o homem que matou a caça." (argumento)
- b. yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [taso him
Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR homem caça
oky]-ty
matar-OBL
"Eu vi o homem matar/matando a caça." (evento)
- (367) a. yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [õwã taso
Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR criança homem
mĩ]-ty
machucar-OBL
"Eu vi a criança que machucou o homem." (argumento)
- b. yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [õwã taso
Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR criança homem
mĩ]-ty
machucar-OBL
"Eu vi a criança machucar/machucando o homem" (evento)

Nossos dados, como nos exemplos (368-371), mostram que a interpretação de complemento não é permitida quando o morfema de foco do objeto {ti-} está

presente no verbo da oração encaixada, como nos exemplos abaixo.

- (368) yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [õwã taso
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR criança homem
 ti-mĩ]-ty
 CFO-machucar-OBL
 "Eu vi a criança que o homem bateu."(argumento)
 *(Leitura de evento)

- (369) yn ø-na-aka-t i-so'oot-ø [taso him
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR homem caça
 ti-oky]-ty
 CFO-matar-OBL
 "Eu vi a caça que o homem matou."(argumento)
 *(Leitura de evento)

O par de exemplos (368 e 369), envolvendo estruturas relativas de objeto com o morfema {ti-}, mostra que, independente da ordem de constituintes, essas construções não permitem a leitura de complemento factivo. No exemplo (368), o argumento relativizado é *õwã* 'criança', objeto da relativa que foi deslocado para a periferia esquerda da oração, como visto pela ordem OSV, bloqueando a leitura ambígua (Storto 1999, 2012b; Vivanco 2014). Do mesmo modo, o exemplo (369), cujo elemento relativizado é *him* 'caça', mostra que orações relativas de objeto em que a ordem é SOV também não apresentam ambiguidades. Testes de ambiguidade envolvendo a variação da ordem de constituintes foram necessários, uma vez que Vivanco (2014) mostrou a ocorrência de tal variação em relativas de objeto como essas apresentadas de (368) a (371).

- (370) yn ø-na-aka-t i-pyting-ø [jõnso gok
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-querer-ADVZR mulher mandioca
 ti-amang]-ity
 CFO-plantar-OBL

"Eu quero a mandioca que a mulher plantou." (argumento)

*(Leitura de evento)

- (371) yn ø-na-aka-t i-pyting-ø [gok ã̃jonso
 Eu 3-DECL-COP-NFUT PART-querer-ADVZR mandioca mulher
 ti-amang]-ity
 CFO-plantar-OBL
 "Eu quero a mandioca que a mulher plantou." (argumento)

*(Leitura de evento)

O par de exemplos (370 e 371) serve para reforçar os exemplos anteriores, pois o padrão apresentado acima se mantém, ou seja, ainda que a ordem seja variada, o morfema {ti-} elimina a possibilidade de ambiguidade.

6.4 Orações subordinadas adverbiais

Para um melhor entendimento das orações adverbiais em Karitiana é preciso levar em conta a seção (5.3), na qual discutimos e analisamos os núcleos aspectuais presentes em orações subordinadas bem como a seção (5.4) onde mostramos que um morfema que aparece em orações desse tipo na forma {-t} quando a raiz do núcleo aspectual ou do verbo ao qual o morfema se afixa for terminado por uma vogal ou {-Ø} quando a raiz finaliza-se em uma consoante.

Os tipos de orações adverbiais descritas aqui são aquelas que apresentam (i) núcleos aspectuais (6.4.1), (ii) aquelas que não têm núcleos aspectuais (6.4.2), (iii) Orações nominalizadas adverbiais que funcionam como "complemento" da cópula e (iv) as orações demonstrativas e quantificadoras que Storto (2013a) analisa como sendo adverbiais.

6.4.1 Orações subordinadas adverbiais

As orações encaixadas adverbiais são modificadores que se adjungem à oração matriz. Segundo Storto (1999, 2012b, 2013b), as orações adverbiais podem ser OSV em (372) ou SOV em (373) e não apresentam morfologia de concordância, modo ou tempo no verbo. Conforme a autora tem mostrado em seus trabalhos, a ordem dos constituintes nas orações subordinadas é sempre verbo-final, uma vez que após o verbo da oração encaixada só pode ocorrer um núcleo com semântica aspectual (verbo-aspecto) ou evidenciais. Além disso, nota-se que existe obrigatoriamente um morfema adverbializador sufixado ao núcleo aspectual, de modo que podemos verificar o seguinte *template*: **verbo-Aspecto-adverbializador**.

(372) [Boroja taso oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
 cobra homem matar PERF.ADVZR 3-DECL-chorar-NFUT criança
 "Quando o homem matou a cobra, a criança chorou (coloquial)."

(373) [Taso boroja oky tykiri] Ø-naka-hyryp-Ø òwã
 homem cobra matar PERF.ADVZR 3-DECL-chorar-NFUT criança
 "Quando o homem matou a cobra, a criança chorou (archaic)"

(Dados de Storto (2012b))

Nos exemplos seguintes, mostramos dois tipos de orações subordinadas adverbiais. Os primeiros tipos ocorrem com os núcleos aspectuais *tyki'oo* (imperfectivo progressivo singular) em (374-375), *agi'oo* (imperfectivo progressivo plural) em (376-377) e *tykiri* (perfectivo) em (378). As sentenças agramaticais em (375) e (377) são evidências de que o morfema {-t} é obrigatório nesse ambiente (na seção (5.4), discutir-se-á com maiores detalhes sobre o adverbializador).

(374) [[gok ãjonso amangã] tyki'oo]-t
 macaxeira mulher plantar IMPERF.PROG-ADVZR

ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto a mulher estava plantando macaxeira, o homem matou a
 caça."

- (375) *[[gok ãjonso amangã] tyki'oo] ø-na-oky-t him
 macaxeira mulher plantar IMPERF.PROG 3-DECL-matar-NFUT caça
 taso
 homem
 Tradução pretendida: "Enquanto a mulher estava plantando macaxeira,
 o homem matou a caça."

- (376) [[gok ãjonso amangã] agi'oo]-t
 macaxeira mulher plantar IMPERF.PROG.PL-ADVZR
 ø-na-oky-t him taso
 3-DECL-matar-NFUT caça homem
 "Enquanto as mulheres estavam plantando macaxeira, o homem matou
 a caça."

- (377) *[[gok ãjonso amangã] agi'oo] ø-na-oky-t
 macaxeira mulher plantar IMPERF.PROG.PL 3-DECL-matar-NFUT
 him taso
 caça homem
 Tradução pretendida: "Enquanto as mulheres estavam plantando maca-
 xeira, o homem matou a caça."

- (378) [gok ãjonso amangã] tykiri] ø-na-oky-t him
 macaxeira mulher plantar PERF.ADVZR 3-DECL-matar-NFUT him
 taso
 taso
 "Quando a mulher plantou a macaxeira, o homem matou a caça."

Nos exemplos acima mencionados, verificou-se que as orações subordinadas adverbiais são formadas na língua usando um núcleo aspectual e o alomorfe {-t} ou {-ø}. Assim, o morfema adverbializador, neste caso, se afixa ao núcleo

aspectual. Este, por conseguinte, pega um sintagma verbal como complemento à sua esquerda, como nos exemplos (372 – 374, 376 e 378) (cf. Storto 1999, 2012b)

6.4.2 Orações subordinadas adverbiais sem núcleos aspectuais

O segundo tipo de oração subordinada adverbial é derivado apenas com o morfema adverbializador sufixado a uma raiz verbal, sem o núcleo aspectual, que frequentemente aparece nesse tipo de oração. Os dados expostos em (379-382) servem para exemplificar o tipo de oração mencionado. Assim, mostramos que as orações adverbiais podem ocorrer sem o aspecto, de modo a constatarmos uma diferença entre estas orações e aquelas dadas em (372-378). Ao compararmos os pares de exemplos ((379) e (380)) e ((380) e (382)), nota-se que a única diferença entre esses dados é a presença ou ausência do morfema adverbializador {-t}, de maneira que a não marcação do adverbializador causa a agramaticalidade em (379) e (382) do mesmo modo que aquelas que apresentam o marcador aspectual.

Oração subordinada adverbial de verbo transitivo

- (379) [gok ãjonso amangã]-t ø-na-oky-t him taso
macaxeira mulher plantar-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT caça homem
"A mulher plantando macaxeira, o homem matou a caça."
- (380) *[gok ãjonso amangã] ø-na-oky-t him taso
macaxeira mulher plantar 3-DECL-matar-NFUT caça homem
Tradução pretendida: "A mulher plantando macaxeira, o homem matou a caça."

Oração subordinada adverbial de verbo intransitivo

- (381) [ta_i-pyt'y]-t ø-na-pytim'adna-t taso_i
 3ANAF-comer-ADVZR 3-DECL-trabalhar-NFUT homem
 "Comendo, o homem trabalhou."

- (382) *[ta_i-pyt'y] ø-na-pytim'adna-t taso_i
 3ANAF-comer 3-DECL-trabalhar-NFUT homem

Oração subordinada adverbial de verbo intransitivo com objeto oblíquo

- (383) [[pikom-ty õwã so'oot]-<o>p]-<o>t ø-na-oky-t him
 macaco-OBL criança ver-INF-ADVZR 3-DECL-matar-NFUT caça
 taso
 homem
 Quando a criança viu o macaco, o homem matou a caça."

O pronome anafórico de terceira pessoa {ta-} está cliticizado ao verbo da oração encaixada adverbial em (381). No caso deste exemplo, {ta-} é correfente do sujeito da oração matriz, *taso*. Este pronome é realizado como argumento de um verbo subordinado (sujeito ou objeto) e é correfencial ao sujeito da oração matriz. Este pronome é neutro para número (cf. Storto 2007).

6.4.3 Uma reanálise do "complemento" da cópula como uma oração adverbial

Nesta seção, propomos uma reanálise da construção de cópula ((384)) em Karitiana. Assim, vamos argumentar a favor de uma análise em que a mini-orção "complemento" da cópula seja postulada como uma oração adverbializada via morfema adverbializador {-t/-ø} (cf. seção (5.4)). Devido a este fato, listamos aqui a mini-orção em construções de cópula como sendo uma oração encaixada adverbial.

- (384) taso ø-na-aka-j [i-kat]-ø
 homem 3-DECL-COP-FUT PART-dormir-ADVZR
 "O homem vai dormir."

(Storto 2010)

Acerca da análise de mini-orações em construções de cópula, tipologicamente, a maneira mais tradicional apresentada na literatura é a cópula tomando uma mini-orção como complemento. E assim, analisar, em Karitiana, a mini-orção como uma orção adverbializada que se adjunge ao verbo copular poderia parecer um tanto exótico se não apresentássemos outras línguas com tais características tipológicas, como é o caso de línguas da família Karib (reportado por Meira (2014))³³.

A seguir apresentamos fatos que mostram a mini-orção em sentenças copulares sendo adverbializada em Tiriyó (língua da família Karib) estudada por Meira (1999).

Sentença de cópula em Tiriyó selecionando uma mini-orção adverbializada

- (385) apëi=n-ai t-[ee-pahka-e]
 3.assento=3S_A-COP ADVZR.PART-S_A.INTRZR-quebrar-PART
 "Seu assento está quebrado."

(Meira 1999: 334)

Sentenças de cópula em Karitiana selecionando uma mini-orção adverbializada

- (386) him ø-na-aka-t [i-a-oky]-t
 caça 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-matar-ADVZR
 "A caça foi morta."
- (387) bypan ø-na-aka-t [i-a-okop]-ø
 caça 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-quebrar-ADVZR
 "A flecha foi quebrada."

Em (385), Meira (1999: 334) analisa a mini-orção como um particípio adverbial.

³³Meira, Sergio. Comunicação pessoal. Belém, PA, Amazônicas 5, UFPA, em 30/05/2014

Assim, o verbo *pahka* 'quebrar' está sendo intransitivizado via o morfema {ee-} e sufixado pelo morfema de particípio {-e}; E, por conseguinte, essa mini-oração é prefixada pelo adverbializador {t-}.

Pode-se, portanto, fazer equivalências nas duas línguas entre o morfema intransitivizador {ee-} ((385)) e o morfema de passiva {a-} ((386) e (387)), bem como equivaler os morfemas de particípios {-e} em Tiriyó e {i-} em Karitiana, a fim de traçar um paralelo entre as construções de cópula nas duas línguas.

Comparando o exemplo (385) e os exemplos ((386) e (387)), é possível observar que a construção de cópula em Tiriyó e em Karitiana apresentam semelhanças estruturais pelo fato de a cópula nas duas línguas selecionar uma expressão adverbial na forma de mini-oração. A questão que fica é saber se a mini-oração está sendo adjungida ao VP que contém a cópula ou se ela está sendo usada como um tipo especial de complemento.

A análise de Storto (2010) sobre as construções de cópula em Karitiana

Sentenças de cópula em Karitiana são bi-oracionais, ou seja, apresentam uma oração matriz contendo o verbo *aka* "cópula" com concordância de terceira pessoa, modo e tempo, de maneira que a cópula seleciona uma mini-oração nominalizada como "complemento" (Storto 2010). Como a autora demonstra, os verbos copulares selecionam mini-orações nucleadas por nomes ((388) e (389)), adjetivos ((390) e (391)) ou verbos sintaticamente intransitivos ((384) e (392)).

Sentença de cópula com predicador nominal (tempo não-futuro)

- (388) Byyty ø-na-aka-t [kinda'o]-t
mamão 3-DECL-COP-NFUT fruta-ADVZR
"Mamão é uma fruta."

(Storto 2010)

Sentença de cópula com predicador nominal (tempo futuro)

- (389) Kinda osiito ø-na-aka-j [kinda'o]-t
flor 3-DECL-COP-FUT fruta-ADVZR
"A flor vai ser uma fruta."

(Storto 2010)

Storto (2010) demonstra que verbos intransitivos ou adjetivos ocorrendo como núcleo da mini-orção devem ser nominalizados pelo morfema nominalizador {i-}, glosado como particípio (cf. Storto 1999).

Sentença de cópula com predicador adjetival (tempo não-futuro)

- (390) taso ø-na-aka-t [i-se'a]-t
homem 3-DECL-COP-NFUT PART-bom/bonito-ADVZR
"O homem é bom/bonito."

(Storto 2010)

Sentença de cópula com predicador adjetival (tempo futuro)

- (391) ãwã ø-na-aka-j [i-se'a]-t
menino 3-DECL-COP-FUT PART-bom/bonito-ADVZR
"O menino vai ser bonito."

(Storto 2010)

Sentença de cópula com verbo intransitivo como predicador (tempo não-futuro)

- (392) taso ø-na-aka-t [i-kat]-ø
homem 3-DECL-COP-NFUT PART-bom/bonito-ADVZR
"O homem está dormindo."

(Storto 2010)

Storto descreve a mini-orção "complemento" da cópula como um predicado com um único argumento, que, segundo a autora, é um fato que deve ser a razão de

verbos transitivos nucleando esse ambiente sintático serem agramaticais como em (393).

Agramaticalidade de sentenças de cópula com verbos transitivos

- (393) **tas*o *ø*-*na*-*aka*-*t* [*i*-*y*]-*t* (*ta*-*ti*'*y*)
homem 3-DECL-COP-NFUT PART-comer-ADVZR (3ANAF-comida)
"O homem comeu (sua comida)."

(Storto 2010)

Para Storto (2010), devido ao fato de o núcleo nominal, adjetival ou verbal ser o predador da mini-orção, ele deve selecionar um argumento na posição de especificador. Nessa análise, este argumento se move de dentro da mini-orção, ou seja, da orção encaixada, para uma posição pre-copular na orção matriz, funcionando como sujeito da cópula. O movimento do NP para a periferia esquerda da sentença de cópula desencadearia a concordância absoluta de cópula {-*t*/-*ø*} na mini-orção. Ressaltamos que, nessa análise, a marca de concordância – sempre de terceira pessoa – na cópula *aka* é explicada, uma vez que essa concordância é dada com a mini-orção que, na análise de Storto, está funcionando como complemento interno de *aka*, como ilustrado em (394).

- (394) S_i 3-DECL-COP-(N)FUT [_{PART} [_{MO} t_i X]-{-*t*/-*ø*}], onde X é um nome, um adjetivo ou um verbo sintaticamente intransitivo

A cópula como um verbo inacusativo

O verbo *aka* apresenta a mesma distribuição sintática de um verbo intransitivo inacusativo, como pode ser visto no paradigma em ((395) – (402)), de modo que é coerente dizer que a mini-orção que aparece como parte da estrutura de cópula seja um modificador adjungido ao verbo. Contudo, a mini-orção parece fazer parte da estrutura e não apenas um elemento adicional a ela e que poderia

ser excluído da estrutura.

Verbo *aka* em uma construção intransitiva com modo assertivo

- (395) y-pyr-aka-dn yn São Paulo pip
 1-ASSERT-COP-NFUT eu São Paulo em
 "eu estou em São Paulo"

Agramaticalidade com o morfema de passiva

- (396) *y-pyr-a-aka-dn yn São Paulo pip
 1-ASSERT-PASV-COP-NFUT eu São Paulo em

Transitivização com o morfema causativo {m-}

- (397) y-py-mb-aka-dn yn taso São Paulo pip
 1-ASSERT-CAUS-COP-NFUT eu homem São Paulo em
 "O homem me fez ficar em São Paulo."

Causativização e passivização com cópula

- (398) y-pyr-a-mb-aka-dn yn São Paulo pip
 1-ASSERT-PASV-CAUS-COP-NFUT eu São Paulo em
 "Fizeram-me ficar em São Paulo."

Em (395), a cópula *aka* está ocorrendo em uma sentença intransitiva no modo assertivo, em que a intransitividade é atestada pela concordância de primeira pessoa singular {y-} com o sujeito da oração *yn* 'eu', o único argumento da sentença³⁴. A impossibilidade da ocorrência do morfema de passiva ((396)) e a possibilidade de causativização ((397)) evidenciam o fato de *aka* ser um verbo intransitivo. O exemplo (398) mostra *aka* sendo causativizado; e depois de causativizado, ele está disponível para ser passivizado (cf. Rocha 2011; Storto e Rocha 2015).

Ocorrência de *aka* no núcleo da mini-orção

³⁴Karitiana é uma língua ergativa-absolutiva, onde a concordância se dá como o objeto em sentenças transitivas e com o sujeito em intransitivas (Storto 1999).

- (399) yn ø-na-aka-t i-aka-t São Paulo pip
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-COP-NFUT São Paulo em
 "eu estou em São Paulo."

Agramaticalidade com a passiva na mini-orção

- (400) *yn ø-na-aka-t i-a-aka-t São Paulo pip
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-COP-NFUT São Paulo em

Agramaticalidade de {mb}-aka na mini-orção

- (401) *yn ø-na-aka-t i-mb-aka-t São Paulo pip
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-COP-NFUT São Paulo em

{mb}-aka após ser intransitivizado por {a-} pode ocorrer como núcleo da cópula

- (402) yn ø-na-aka-t i-a-mb-aka-t São Paulo pip
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-PASV-CAUS-COP-NFUT São Paulo em
 "Fizeram-me ficar em São Paulo."

A intransitividade de *aka* pode ser também atestada através de sua ocorrência no núcleo da mini-orção ((399)), ambiente no qual pode aparecer apenas um verbo sintaticamente intransitivo ((399) e (402)) (Rocha 2011; Storto 2010; Storto e Rocha 2015).

Storto (2013a) demonstrou que quantificação universal e demonstrativos em Karitiana são expressos através de uma orção, onde a cópula *aka* está presente, atribuindo a essas expressões um status oracional. Os exemplos servem também para mostrar que a cópula está sendo usada como um verbo intransitivo pelo fato de exigir apenas um argumento.

Cópula *aka* em oração traduzida como quantificação universal

- (403) [taso aka-tyym] ø-na-sokõ'ĩ-t eremby
 homem COP-ASP 3-DECL-amarrar-NFUT rede
 "[Todos os homens] amarraram a rede³⁵."

(Storto 2013a)

Cópula *aka* em oração traduzida como demonstrativos

- (404) dibm ø-naka-tar-i [ony taso aka]
 amanhã 3-DECL-ir-FUT dêitico homem COP
 "Aquele homem irá amanhã³⁶."

(Storto 2013a)

Em (403), a oração usada como quantificação universal é formada por *aka*, o núcleo aspectual *tyym* e o sujeito da oração *taso*. Trata-se de uma oração não-finita, onde concordância, tempo ou modo estão ausentes. Embora Coutinho-Silva (2008) e Storto (2013a) assumam que a quantificação universal como uma oração, eles discordam no que diz respeito ao tipo de oração: Storto a analisa como um tipo de oração adverbial enquanto Coutinho-Silva diz que a quantificação universal é uma oração relativa.

Em (404), Storto (2013a) mostra que demonstrativos são formados pelo uso de uma cópula *aka*, um NP funcionando como sujeito (*taso*) e um dêitico. Assim, demonstrativos não são sintagmas nominais, mas orações.

Segundo Storto (2013a), orações com leitura universal ((403)) e demonstrativa ((404)) apresentam estruturas de subordinadas adverbiais (AspP) que podem se adjungir à direita ou à esquerda do CP. Além disso, essas estruturas mostram o uso de *aka* em ambientes sintáticos de verbos intransitivos.

³⁵Literalmente: "[Homens quando completos] amarram a rede".

³⁶Literalmente:[homem (que) está lá] irá amanhã."

Análise da mini-orção da cópula como uma orção adverbial

As razões pelas quais a mini-orção em construções de cópula pode ser analisada como uma orção adverbial são:

- i A cópula *aka* apresenta a distribuição de um verbo intransitivo inacusativo (cf. ver exemplos (395) a (404));
- ii A presença do morfema adverbializador {-t/-ø} sufixando a mini-orção;
- iii o adverbializador {-t/-ø} está presente em orações subordinadas adverbiais e em advérbios como *pitat* e *kandat* (cf. seção (5.4));
- iv Pode ser eliminada a possibilidade de o morfema {-t/-ø} ser algum tipo de concordância de tempo não-futuro³⁷ da cópula pelos seguintes fatos: (a) a cópula recebe a marcação de futuro {-j/-i} e a marca {-t/-ø} da mini-orção permanece inalterada (Everett 2006; Storto 1999); e (b) sendo a mini-orção, uma orção encaixada não-finita, conforme o padrão da língua, não há marca de tempo nesse ambiente (cf. comparam-se os exemplos (390) e (391));
- v Fato atestado em outras línguas, por exemplo, em línguas da família Karib, especialmente Tiriyó (cf. exemplo (385)).

Prós e contras para uma análise adverbial do sufixo {-t/-ø} da mini-orção em construções de cópula

Devido ao comportamento morfossintático do morfema {-t/-ø} sufixado na mini-orção de cópula, assumimos a análise de que se trata do adverbializador.

³⁷Storto (1999) propôs um análise de tempo não-futuro para o morfema {-t/-ø} que ocorre sufixado na mini-orção de construções de cópula. No entanto, ela reviu essa análise após Everett (2006) mostrar que este tipo de morfema poderia coocorrer com o tempo futuro.

Contudo, esse tipo de análise abre margens para alguns problemas que a proposta de Storto (2010) dá conta:

(i) A cópula exibe uma marca de concordância de terceira pessoa invariável { $\emptyset$ -}, como atestado nos exemplos a seguir:

- (405) *iiso* $\emptyset$ -*na-aka-t* *i-pop- $\emptyset$*
 fogo 3-DECL-COP-NFUT PART-morrer-ADVZR
 "o fogo (se) apagou."
- (406) *yn* $\emptyset$ -*na-aka-t* *i-ambot- $\emptyset$*
 eu 3-DECL-COP-NFUT PART-deitar(-se)-ADVZR
 "Eu (me) deitei."
- (407) **yn y-ta-aka-t* *i-ambot- $\emptyset$*
 eu 1-DECL-COP-NFUT PART-deitar(-se)-ADVZR
 "Eu (me) deitei."

O exemplo (405) mostra o sujeito da cópula *iiso* e a cópula com marca de concordância de terceira pessoa (zero). Considerando apenas esse exemplo, poderíamos deduzir que a marca de concordância de terceira pessoa na cópula se daria com o sujeito *iiso*, o que não se sustenta ao observarmos que uma estrutura ((406)) em que o sujeito é um pronome de primeira pessoa não ocorre a marcação de primeira pessoa {*y-*} e, conseqüentemente, a marcação de modo declarativo através do alomorfe {*ta-*} (quando se tem a concordância com primeiras e segundas pessoas singulares e plurais, respectivamente, como no par de exemplos (408)-(409)). A agramaticalidade do exemplo (407) atesta a impossibilidade de concordância da cópula *aka* com o sujeito da sentença³⁸.

Sentença intransitiva com sujeito de terceira pessoa

³⁸Karitiana é uma língua ergativa-absolutiva na qual a marcação de concordância se dá entre o objeto e o verbo transitivo ou entre o sujeito e o verbo intransitivo, conforme pode ser visto na tabale (1.1)

- (408) atykiri ø-na-pyt'y-t taso
então 3-DECL-comer-NFUT homem
"Então o homem comeu."

Sentença intransitiva com sujeito de primeira pessoa

- (409) atykiri y-ta-pyt'y-t yn
então 1-DECL-comer-NFUT eu
"Então eu comi."

Para explicar a concordância de terceira pessoa fixa em construções de cópula, Storto (2010) diz que o sujeito da cópula é gerado dentro da mini-orção e se move para uma posição mais alta na estrutura onde funciona como sujeito da cópula *aka*, de modo que a cópula concorde com seu complemento, a mini-orção que é sempre uma terceira pessoa e não com o sujeito, seguindo, deste modo, o padrão absolutivo da língua.

(ii) analisar a mini-orção como sendo adverbializada pode parecer estranho dentro do modelo gerativista pelo fato de o sujeito se mover de dentro de um adjunto para ocupar uma posição de sujeito da cópula do mesmo modo que pareceria estranho dizer que a cópula esteja concordando com um elemento que funcione como adjunto. Por um lado, analisar esse morfema como adverbializador é um fato que a análise prévia não cobre. Por outro lado, a nossa análise não cobre outros fatos como a concordância ser sempre de terceira pessoa na cópula e o movimento do sujeito para encabeçar a orção de cópula, o que gera, dessa forma, um quebra cabeça para as duas análises.

Possíveis soluções para tal quebra cabeça seriam:

- i assumir que, embora adverbializada, a mini-orção constitua um tipo especial de complemento da cópula;

- (412) Oho a-taka-m-'a-t Ora
batata CFOD-DECL-CAUS-fazer-NFUT Ora
Batatas, Ora (as) criou."

(Storto 1999: 210)

O exemplo (412) mostra que, em construção de foco do objeto em declarativas, o objeto move-se para a posição inicial da sentença, gerando uma estrutura de ordem (OVS) a partir de uma sentença ativa como o exemplo não atestado em (411) de ordenamento (SVO), fazendo com que a marca de concordância absoluta seja perdida (comparam-se os exemplos (410) e (412)).

Observem o exemplo a seguir:

- (413) ambi-ty a-ta-so'oot-ø
casa-OBL CFOD-DECL-ver-NFUT
"As casas. eles (as) viram."

(Storto 1999: 210)

Objetos oblíquos de verbos intransitivos do tipo-*so'oot* (ver seção (4.3.2)) podem ser focalizados em construções de foco do objeto em declarativas como em (413).

- (414) *yn a-ta-oky-t
eu CFOD-DECL-matar-NFUT
"Eu, eles (me) mataram."

(Storto 1999: 210)

- (415) *an a-ta-oky-t
você CFOD-DECL-matar-NFUT
"Você, eles (te) mataram."

(Storto 1999: 210)

Os exemplos agramaticais ((414) e (415)) são utilizados para mostrar que o objeto de construções de foco em declarativas deve ser uma terceira pessoa (Storto 1999: 210). Isso mostra que Karitiana apresenta uma estratégia não-padrão no sistema de concordância quando o objeto é focalizado em construções de foco em sentenças declarativas, o que nos faz pensar que, uma vez que em sentenças copulares o sujeito é alçado de dentro da mini-oração para ocupar a posição de sujeito da cópula, seja possível que nesse tipo de operação sintática a língua use uma estratégia diferente de marcação de concordância.

6.5 Orações subordinadas de finalidade ("purposivas")

As orações infinitivas em Karitiana são marcadas pelo sufixo {-p}. Existe também em Karitiana um sufixo {-p} glosado como locativo por Storto (1999) e alativo por Everett (2006) como no exemplo (416).

- (416) Yn ø-naka-m-tat-ø him pisyp ambi-p
 eu 3-DECL-CAUS-ir-NFUT carne caça casa-ALL
 "Eu envieie a carne de caça para casa."

(Everett 2006)

A seguir apresentamos um exemplo ((417)) retirado de uma narrativa Karitiana *Botỹj Pynhadna*, transcrita e traduzida por Luciana Storto:

- (417) y-haja sooj, iri-'a-j Ora, yjxa i-oky pom'ina
 1-cunhada, CIT-dizer-FUT Ora nós PART-matar nambuzinha
 y-haja sooj [syke pit'yy]-p iri-'a-j
 1-cunhada mingau comer-INF CIT-dizer-FUT
 "Minha cunhada, Ora disse, vamos matar uma nambuzinha, minha
 cunhada, para comer com mingau? Ele disse."(BP)

O exemplo acima (417) mostra o uso do infinitivo {-p}, que pode ser interpretado

como purposivo em *pit'yy-p* 'para comer' em um dado retirado de texto.

- (418) Inacio $\emptyset$ -na-aka-t i-tat- $\emptyset$ akan=pip [irip
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta
oky]-p
matar-INF
"Inacio foi para a aldeia para matar antas."

- (419) Inacio $\emptyset$ -na-aka-t i-tat- $\emptyset$ akan=pip [irip João
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta João
oky]-p
matar-INF
'Inacio foi para a aldeia para o João matar anta.'

Os exemplos (418) e (419) são construções infinitivas de finalidade, as chamadas orações "purposivas". Em (418), o sujeito do verbo *oky* 'matar' na oração encaixada é o mesmo da oração matriz 'Inacio'. Embora nesta estrutura o sujeito da matriz seja o mesmo da subordinada, não parece possível assumir uma análise em que o sujeito seja um *PRO*(zão) controlado pelo sujeito da oração matriz dentro das propostas de análise de controle (cf. Modesto to appear), uma vez que orações desse tipo em Karitiana permitem o uso de um sujeito lexical como *João* em (419).

- (420) *Inacio_i $\emptyset$ -na-aka-t i-tat- $\emptyset$ akan=pip [irip
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta
ta_i-oky]-p
3ANAF-matar-INF

- (421) Inacio_i $\emptyset$ -na-aka-t i-tat- $\emptyset$ akan=pip [irip
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta
ta_i-oky]-t
3ANAF-matar-ADVZR
"Inacio_i foi para a aldeia enquanto ele_i matava anta."

O exemplo (420) mostra que construções infinitivas como (418) não permitem o

uso do pronome anafórico de terceira pessoa ocupando a posição de sujeito. No entanto, o pronome anafórico {ta-} é permitido em uma subordinada adverbial como (421). Neste caso, o pronome anafórico {ta-} obrigatoriamente tem de se referir ao sujeito da sentença (Storto 2007).

- (422) Inacio_j ø-na-aka-t i-tat-ø akan=pip [irip
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta
i_i-oky]-p
3ANAF-matar-INF
"Inacio_j foi para a aldeia para ele_i matar anta.

Em (422), o pronome de terceira pessoa referencial {i-} em uma subordinada não pode estar ligado ao sujeito da matriz. Assim, o exemplo (422) apresenta a mesma estrutura vista em (419) com a diferença de que esta última apresenta o sujeito lexical *João* enquanto o exemplo (422) exhibe o clítico pronominal {i-} (cf. Storto 2007).

- (423) João ø-na-aka-t i-so'oot-<o>wak-ø [ombaky Karin
João 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-DES-ADVZR onça Karin
oky]-ty
matar-OBL
"O João quer ver a Karin matando a onça."

- (424) João ø-na-aka-t i-so'oot-<o>wak-ø [ombaky Karin
João 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-DES-ADVZR onça Karin
oky]-p
matar-INF
"O João quer ver a Karin matar a onça."

A fim de comparar os dois últimos exemplos, a oração subordinada em (423) é uma oração completiva marcada pelo sufixo de oblíquo {-ty}, exigido pelo verbo *so'oot* 'ver', enquanto a oração (424) é uma oração infinitiva.

Os exemplos (425) e (426) são usados para fazermos uma breve abordagem

sobre a interpretação de tempo em orações infinitivas. Para tanto, comparamos esses exemplos com o par de exemplos ((418) e (419)).

- (425) Inacio ø-na-aka-t i-tat-ø akan=pip [irip
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta
oky]-t
matar-ADVZR
"Inacio foi para a aldeia para matar anta/matando anta."

- (426) Inacio ø-na-aka-t i-tat-ø akan=pip [irip João
Inacio 3-DECL-COP-NFUT PART-ir-ADVZR aldeia=POSP anta João
oky]-t
matar-ADVZR
'Inacio foi para a aldeia "enquanto" o João matou a anta.'

Tempo em orações infinitivas ((418) e (419)) é interpretado como um "futuro" no qual o falante não pode afirmar se o evento descrito pelo verbo da oração encaixada é verdade ou não. Em nossos testes, verificamos que a sentença "Inácio foi para a aldeia para matar anta" tem a seguinte interpretação: a verdade do evento descrito em *Inácio foi para a aldeia* não garante a verdade do evento descrito em *Inácio matou anta*. Por outro lado, o par de exemplos ((425) e (426)), codificando orações subordinadas adverbiais como "Inácio foi para a aldeia para matar/matando anta" pode ser interpretado que é verdade que *Inácio foi para a aldeia* bem como é verdade que *Inácio matou anta*.

A interpretação mencionada acima foi feita usando o tempo não-futuro na matriz; não testamos isso com o tempo futuro nesse ambiente. Ressaltamos ainda que testamos os dois pares de sentenças discutidos aqui com seis (6) colaboradores, a fim de checar a interpretação dessas sentenças. Os resultados obtidos foram os mesmos para todos os seis colaboradores, ou seja, quando a oração subordinada é marcada por {-p} a verdade do evento descrito por *irip oky* é incerta enquanto o evento descrito em *irip oky*, marcado por {-t/-ø}, deve

ser necessariamente verdade (ver Storto 2013b).

6.6 Nominalização em Karitiana

Predicados verbais em Karitiana são nominalizados pelo morfema {-pa}, que se liga a um predicado para nominalizar o verbo e seu objeto em nominalização oracional ou para nominalizar apenas uma raiz verbal (ou talvez adjetival) para formar um novo item lexical (Rocha e Vivanco 2012; Storto 2014b). Storto (2014b), o nominalizador {-pa} confere um sentido instrumental ou locativo ao predicado a que se liga. Nota-se que nominalização com {-pa} é muito produtiva na língua, seja para nominalizar uma cláusula ou apenas uma raiz verbal para criar um novo item lexical.

Nominalização de cláusula

- (427) y-pyr-amynt-<y>n [[cama taso kat]-<a>pa]-ty
 1-ASSERT-comprar-NFUT cama homem dormir-NMZR-OBL
 "Eu comprei [aquela] a cama que o homem dormiu."

(Rocha e Vivanco 2012)

O exemplo (427) é analisado por Rocha e Vivanco (2012) como uma oração relativa locativa.

Rocha e Vivanco (2012) mostraram que o nominalizador {-pa} não coocorre com o partícipio {i-} em (428) ou com uma raiz nominal ((429)) em construções de cópula (cf. ver (6.4.3)).

- (428) *cama ø-na-aka-t i-kat-<a>pa-t
 cama 3-DECL-COP-NFUT PART-dormir-NMZR-ADVZR

- (429) *byyty ø-na-aka-t kinda'o-pa-t
 cama 3-DECL-COP-NFUT fruta-NMZR-ADVZR

Storto (2014a) assume que {-pa} nominaliza a frase verbal contendo o verbo e o seu argumento interno, ou seja, nominaliza o verbo e o objeto em orações transitivas ou o verbo e o sujeito em orações intransitivas, como nos exemplos a seguir:

- (430) Dibm ø-na-yryt-ø saryr-ø ee-tyy [Ora
manhã 3-DECL-vir-NFUT EVID.DIR-NFUT chuva-AUM Ora
boyt]-<y>pa
curar-NMZR
"Na manhã seguinte, caiu uma chuva grande para curar Ora." (Texto:
BP)
- (431) Morãnsong ø-naka-tat-ø saryt-ø
então 3-DECL-ir-NFUT EVID.DIR-NFUT
ta-pytim'adn-<i>pa-pip Botyĩ tadn iri-'a-j
3ANAF-trabalhar-NMZR-LOC Botyĩ ir CIT-dizer-FUT
"Então diz que Botyĩ foi para o lugar onde ele trabalha; foi, disse." (Texto:
BP)

Os exemplos ((430) (431)) foram retirados de uma narrativa Karitiana (*Botyĩ Pynhadna*); e eles mostram o uso do morfema {-pa} nominalizando o VP *boyt* 'curar' e o objeto *Ora* 'entidade mítica'. Em (431), a oração nominalizada está sendo sufixada pelo locativo *pip*, evidenciando que a oração foi realmente nominalizada.

- (432) João ø-na-aka-t i-so'oot-ø [Karin [ombaky
João 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR Karin onça
oky]-pa]-ty
matar-NMZR-OBL
"O João viu o lugar em que a Karin mata onças."

"O João viu o matador de onças da Karin."

- (433) João ø-na-aka-t i-so'oot-ø [Karin [ombaky
 João 3-DECL-COP-NFUT PART-ver-ADVZR Karin onça
 oky]-pa]-t
 matar-NMZR-ADVZR
 "O João ver a Karin (como) sendo matadora de onças.

Os exemplos acima são dois casos de nominalização de cláusulas com {-pa}. A oração encaixada em (432) pode ser analisada ou como uma oração relativa de sujeito ou como uma oração completiva. Qualquer que seja o caso, elas devem estar nominalizadas (cf. seção 6.3.1). O sufixo oblíquo {-ty} em (432) é exigido pelo verbo *so'oot*. No exemplo (433), a oração nominalizada por {-pa} está sendo adverbializada pelo morfema adverbializador {-t}.

Assim, sintagmas verbais podem ser sufixados pelo morfema {-pa} que nominaliza o verbo e seu objeto, formando uma unidade sintática que funciona como um nome.

6.6.1 Nominalização de raízes verbais com {-pa}

Novas palavras são produtivamente criadas a partir do uso de uma raiz verbal e o morfema {-pa} (Rocha e Vivanco 2012; Storto Manuscrito). A seguir apresentamos uma tabela contendo uma lista de "palavras derivadas" por {-pa}³⁹:

³⁹Uma vogal epentética é inserida entre a raiz terminada por uma consoante e o nominalizador {-pa}.

Tabela 6.1: Derivando novas palavras em Karitiana

Raiz	Significado	Vogal Epentética	Nominalizador	Nome derivado	Significado
bik	sentar	<i>	-pa	bikipa	banco
hõron	lavar		-pa	hõronpa	bacia de lavar
ambo	subir		-pa	ambopa	escada
soko'ĩ	amarrar		-pa	soko'ĩpa	corda
'edn	engravidar	<i>	-pa	'ednipa	grávida
ahy	beber		-pa	ahypa	bebedouro
andyj	sorrir		-pa	andyjpa	sorridente
eng	vomitare	<y>	-pa	engypa	vomitador
hej	ir embora	<e>	-pa	hejpa	abandonado
hibmin	cozinhar	<i>	-pa	hibminipa	lugar para cozinhar
hip	assar	<i>	-pa	hipipa	churrasqueira
kerep	crescer	<e>	-pa	kerepepa	remédio para crescer

A tabela (6.1) mostra a produtividade do morfema nominalizador {-pa} para derivar novas "palavras".

6.7 Considerações finais do capítulo

No presente capítulo, mostramos os tipos de orações subordinadas na língua Karitiana. As orações apresentadas aqui foram as orações subordinadas relativas (de objeto, de sujeito e objeto oblíquo, mostrando que Karitiana apresenta orações relativas de núcleo interno), orações completivas e orações adverbiais. Descrevemos a estratégia que permite diferenciar uma oração relativa de uma oração adverbial. Mostramos também que a ambiguidade apresentada entre relativas e completivas mantém-se apenas entre as completivas e as relativas de sujeito, pois o morfema de foco do objeto {ti-} em relativas de objeto elimina tal ambiguidade. Apresentamos uma reanálise para o morfema {-t/-ø} que aparece na mini-oração em construções de cópula, apontando os problemas existentes

tanto na presente análise quanto na análise prévia. Foram apresentadas aqui as orações infinitivas marcadas com o morfema infinitivo {-p} e as nominalizações de orações usando o morfema {-pa}.

Capítulo 7

Conclusão

Concluimos que, com base nas evidências morfossintáticas apresentadas ao longo desta tese, as orações não-finitas do Karitiana são analisadas como subordinadas plenas ao invés de nominalizações pelo fato de haver elementos gramaticais que são associados a orações, tal como mostramos nos capítulos 5 e 6:

- a variação na ordem dos constituintes (orações matrizes exibem as ordens SVO, VOS, VSO ou OVS enquanto as orações subordinadas são sempre verbo-final e os argumentos podem variar no seguinte ordenamento: SOV ou OSV) mostra que a oração está ativa, ou seja, o verbo da oração subordinada está atribuindo caso a seus argumentos do mesmo modo que o verbo em uma oração finita está;
- a presença do núcleo Voice em subordinadas (evidenciado pelo morfema causativo {m-} ou de passiva {a-}) mostra que o verbo na oração encaixada está ativado em termos de predicação e com sua estrutura argumental bem definida do mesmo modo que o verbo em uma oração matriz está;
- núcleos funcionais de aspecto que selecionam um sintagma verbal (VP) estão produtivamente operantes nas orações subordinadas;

- modificadores adverbiais, que tipicamente modificam uma oração, estão operantes em ambientes de orações não-finitas (Alexiadou 1994; Horie 2011; Jackendoff 1972; Travis 1988);
- a língua exibe negação em ambientes subordinados; negação deve operar sobre uma cláusula (Alexiadou 1994; Horie 2011; Jackendoff 1972; Travis 1988);
- os evidenciais direto e indireto em Karitiana estão operando sobre as orações não-finitas do mesmo modo em que eles operam sobre as orações matrizes;
- por fim, as orações em Karitiana quando são nominalizadas exibem um morfema nominalizador aberto, o morfema {-pa} que pega um verbo e seu objeto e devolve uma expressão nominalizada.

A seguir, apresentamos uma tabela que sumariza as propriedades das orações não-finitas em termos de núcleos funcionais e modificadores que ocorrem nesses ambientes ao mesmo tempo em que compara as orações encaixadas com as orações matrizes:

Tabela 7.1: Propriedades morfossintáticas e semânticas

Tipo de oração	Matriz	Relativa de objeto	Relativa de sujeito	Completiva	Adverbial
Tempo	+	-	-	-	-
Aspecto	+	+	+	+	+
Modo	+	-	-	-	-
Concordância	+	-	-	-	-
Evidencial	+	+	+	+	+
Advérbios	+	+	+	+	+
Negação	+	+	+	+	+
Adverbializador	-	-	-	-	+
Foco do objeto	+	+	-	-	-
Passiva	+	+	+	+	+
Causativa	+	+	+	+	+
Ordem de constituintes	SVO	OS _{CFO} V	SOV	SOV	SOV
	O _{CFO} D VS	SO _{CFO} V			OSV
	VOS				
	VSO				

A primeira linha da coluna mostra os tipos de orações enquanto a primeira coluna mostra o tipo de propriedades presentes em cada tipo de oração. O sinal mais (+) indica a existência da propriedade referida na primeira coluna da tabela enquanto o sinal menos (-) mostra que tal propriedade não ocorre no ambiente mencionado.

É fato que Karitiana não apresenta flexão de tempo, modo e concordância, que são elementos que frequentemente são considerados definidores de orações subordinadas dentro das propostas da tipologia linguística e pelo funcionalismo. Para estas teorias, a ausência dessas marcas é considerada uma evidência de que oração está nominalizada, ainda que a oração não exiba nenhum morfema nominalizador, o que seria um caso de nominalização zero ("*zero nominalization*"). Não assumimos esse tipo de proposta para as orações não-finitas em Karitiana,

uma vez que entendemos que há outros elementos semânticos e morfossintáticos nessas orações que nos permitem dizer que as orações não finitas em Karitiana são subordinadas plenas. Listamos abaixo as evidências para tal interpretação, bem como algumas descobertas desenvolvidas nesta tese.

Em orações relativas de objeto, quando o objeto é alçado para a posição inicial, o morfema de foco do objeto {ti-} é prefixado ao verbo gerando a ordem OSV. Ressaltamos que Vivanco (2014) encontrou relativas de objeto com a ordem SOV em seus testes experimentais, mas é possível que haja uma diferença de prosódia bem definida entre as orações relativas OSV e SOV com marcas de foco, o que está sendo investigado por Vivanco em sua pesquisa de doutorado (em andamento) (cf. Vivanco 2016).

Embora a marca de tempo esteja ausente em subordinadas, tempo nesse ambiente é interpretado semanticamente pelo uso de marcas aspectuais e por meio de advérbios.

Nessa pesquisa, mostramos que a ambiguidade entre as orações relativas e completivas é eliminada com o uso do morfema de foco do objeto {ti-}. Deste modo, verificamos que a ambiguidade existente era apenas entre as orações relativas de sujeito e as orações completivas, e não entre as relativas de objeto e completivas.

Na presente pesquisa, verificamos que os núcleos funcionais de aspecto podem ocorrer em orações relativas de núcleo interno, o que nos leva a analisá-las como orações subordinadas. Quanto às orações subordinadas adverbiais, verificamos a presença de um morfema {-t/-ø}. A análise proposta para esse morfema é de que é um morfema adverbializador.

Além disso, foi feita uma reanálise do morfema {-t/-ø} de cópula que aparece em construções de cópulas. Esse morfema está sendo analisado aqui

como um morfema adverbializador e a mini-orção que aparece em construções de cópulas como uma orção adverbial.

Quanto à estrutura argumental, apresentamos a análise de Rocha (2011), que, utilizando a Hale e Keyser (2002) identificou uma classe de verbos transitivos, uma classe de verbos bitransitivos e três subclasses de verbos intransitivos, descritos pelas estruturas monádica, diádica básica e diádica composta, respectivamente.

A nossa atual análise, com base na proposta teórica de núcleos aplicativos de Pylkkänen (2008), que simplifica o sistema verbal Karitiana pois reduz o sistema para apenas 2 classes verbais. Assim, argumentos adicionais são adicionados via núcleos aplicativos ou pelo núcleo Voice.

Numa análise em que argumentos são introduzidos via núcleos aplicativos, não há problema em continuarmos assumindo que a mini-orção em construções de cópula seja um complemento, já que este complemento pode ser introduzido via núcleo funcional.

Discutimos nesta tese a dicotomia nominalização versus subordinação presente na literatura sobre orções subordinadas não-finitas em línguas Ameríndias. Vimos que os autores que argumentam a favor da análise destas orções como nominalizações utilizam dois argumentos: (1) a falta de traços finitos e (2) o fato de algumas línguas apresentarem marcas de caso. O argumento de que a presença de marcas de caso em orções subordinadas as caracteriza como nominalizações nos parece inválido, uma vez que orções subordinadas finitas em várias línguas podem servir de complemento verbal e receber marcas de caso. Na nossa análise, também a falta de traços de finitude não significa necessariamente que estas orções sejam nominalizadas, uma vez que, na língua analisada - Karitiana - elas apresentam diversas características de orções ativas, tais como

núcleos funcionais de voz, aspecto, advérbios, etc. Nossa análise é compatível com a de Storto (1999) que considera subordinadas em Karitiana como sendo orações truncadas, que não projetam núcleos funcionais como tempo, modo e concordância

Referências Bibliográficas

- Aikhenvald, A. Y. (2007). Typological distinctions in word-formation. In T. Shopen (Ed.), Language typology and syntactic description (Vol. 3, pp. 1–65). Cambridge.
- Alexiadou, A. (1994). Issues in the syntax of adverbs (Unpublished doctoral dissertation). Universitat Potsdam.
- Alexiadou, A., Anagnostopoulou, E., e Schäfer, F. (2006). The properties of anticausatives crosslinguistically. Phases of interpretation, 91, 187–211.
- Anagnostopoulou, E., e Fox, D. (2007). Scrambling: course materials for 24.952 advanced syntax, spring 2007. MIT OpenCourseWare (<http://ocw.mit.edu/>), Massachusetts Institute of Technology, acessado em 22/07/2015.
- Baker, M. C. (1988). Incorporation: A theory of grammatical function changing. University of Chicago Press Chicago.
- Barss, A., e Lasnik, H. (1986). A note on anaphora and double objects. Linguistic inquiry, 347–354.
- Barwise, J., e Cooper, R. (1981). Generalized quantifiers and natural language. Linguistics and philosophy, 4(2), 159–219.
- Bresnan, J., e Moshi, L. (1990). Object asymmetries in comparative bantu syntax. Linguistic inquiry, 147–185.
- Burzio, L. (1986). Italian syntax: A government-binding approach (Vol. 1). Springer Science & Business Media.
- Campbell, L. (2012). Typological characteristics of south american indigenous languages. The indigenous languages of South America: A comprehensive guide, 2, 259–330.
- Chaves-Alexandre, T. (2016). A evidencialidade em karitiana (Unpublished master's thesis). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Coutinho-Silva, T. (2008). Aspectos dos sintagmas nominais em karitiana: a quantificação universal (Unpublished master's thesis). Masters Thesis. Universidade de São Paulo.

- Cristofaro, S. (2005). Subordination. Oxford University Press on Demand.
- Cu, L. V. (1983). No'ni yoru bun umekomi no koozoo to hyoogen no kinoo (the structure and function of sentence embedding with [no]). Tokyo: Kurosio.
- Derbyshire, D. (1986). Comparative survey of morphology and syntax in brazilian arawakan. In D. Derbyshire e G. Pullum (Eds.), Handbook of amazonian languages (Vol. 1). Walter de Gruyter.
- Everett, C. (2006). Gestual, perceptual and conceptual patterns in karitiana (Unpublished doctoral dissertation). Rice University.
- Fargetti, C. M. (2001). Estudo fonológico e morfossintático da língua juruna (Unpublished doctoral dissertation). Tese (Doutorado).
- Foley, W. A., e Van Valin Jr, R. D. (1984). Functional syntax and universal grammar. Cambridge Studies in Linguistics London(38).
- Galucio, A. V., e Nogueira, A. F. (2011). Comparative study of the tupari branch of the tupi family: contributions to understanding its historical development and internal classification. In Congresso de idiomas indígenas de latinoamérica (Vol. 5, pp. 1–28).
- Givón, T. (1990). A functional-typological introduction, ii. John Benjamins, Amsterdam.
- Grolla, E. (2009). Metodologias experimentais em aquisição da linguagem (experimental methods in language acquisition). Estudos da Língua (gem), 7(2), 9.
- Hale, K., e Keyser, S. J. (1993). On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. The view from Building, 20(53-109).
- Hale, K., e Keyser, S. J. (2002). Prolegomenon to a theory of argument structure (Vol. 39). MIT press.
- Haspelmath, M. (1995). The converb as a cross-linguistically valid category. Converbs in cross-linguistic perspective, 13, 1–55.
- Haspelmath, M. (2007). Cordination. In T. Shopen (Ed.), Language typology and syntactic description (Vol. 2, pp. 1–51). Cambridge.
- Haude, K. (2011a). Referring to states and events: subordination in movima. in van gijn, rik, katharina haude and pieter muysken. Subordination in Native South American Languages.
- Haude, K. (2011b). Tense marking on dependent nominals in movima. Tense across languages, 189–206.
- Hogg, R. M., Blake, N. F., Lass, R., Algeo, J., e Burchfield, R. W. (1992). The cambridge history of the english language (Vol. 1). Cambridge University Press.

- Hopper, P. J., e Traugott, E. C. (1993). Grammaticalization. cambridge textbooks in linguistics. Cambridge: CUP.
- Horie, K. (2011). Versatility of nominalizations: Where japanese and korean contrast. Nominalization in Asian languages: Diachronic and typological perspectives, 473–496.
- Huddleston, R. (1988). English grammar: An outline. Cambridge University Press.
- Jackendoff, R. (1972). Semantic interpretation in generative grammar. MIT press Cambridge, MA.
- Kalinina, E., e Sumbatova, N. (2007). Clause structure and verbal forms in nakh-daghestanian languages. In I. Nikolaeva (Ed.), Finiteness: theoretical and empirical foundations (pp. 183–249). Oxford University Press.
- Landin, D. (1984). An outline of the syntactic structure of karitiana sentences. Brasília: SIL Press.
- Lee, H. (2003). Prominence mismatch and markedness reduction in word order. Natural Language & Linguistic Theory, 21(3), 617–680.
- Lehmann, W. P. (1978). Syntactic typology: studies in the phenomenology of language (Vol. 10). Harvester Press.
- Li, Y.-h. A. (2001). Universal constructions? relativization in english and chinese. Concentric: Studies in Linguistics, 27(2), 81–102.
- Lima, S. O. d. (2008). A estrutura argumental dos verbos na língua juruna (yudja): da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas (Unpublished master's thesis). Universidade de São Paulo.
- Lin, Y.-A. (2010). The de-marked modification structure in mandarin chinese. In The 22nd north american conference on chinese linguistics and the 18th international conference non chinese linguistics (Vol. 2, p. 254-270).
- Marantz, A. (1993). Implications of asymmetries in double object constructions. Theoretical aspects of Bantu grammar, 1, 113–151.
- Marcus, G. F. (1993). Negative evidence in language acquisition. Cognition, 46(1), 53–85.
- Marques, A. (2010). O auxiliar aspectual tyka do karitiana (Unpublished master's thesis). Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Matthewson, L. (2004). On the methodology of semantic fieldwork 1. International journal of American linguistics, 70(4), 369–415.
- Meira, S. (1999). A grammar of tiriyo (Unpublished doctoral dissertation). UMI Ann Arbor.

- Modesto, M. (to appear). Inflected infinitives in brazilian portuguese and theory of control. In A. L. Santos e A. Gonçalves (Eds.), Complement clauses in portuguese: syntax and acquisition. John Benjamins.
- Moore, D. (1991). A few aspects of comparative tupi syntax. In 47th international congress of americanists (pp. 151–162).
- Müller, A., e Doron, E. (2012). Nomes nus e a distinção massivo-contável. Revista do GEL, 9(1), 80–106.
- Müller, A., e Negrão, E. V. (2012). On distributivity in karitiana. Verbal Plurality and Distributivity, 546, 159.
- Müller, A., e Sanchez-Mendes, L. (2008). Pluractionality in karitiana. In Proceedings of sub (Vol. 12, pp. 442–454).
- Müller, A., Storto, L., e Coutinho-Silva, T. (2006a). Number and the count-mass distinction in karitiana. In Ubcwpl 19: Proceedings of the eleventh workshop on structure and constituency in languages of the americas (pp. 122–135).
- Müller, A., Storto, L., e Coutinho-Silva, T. (2006b). Número e a distinção contável-massivo em karitiana. Revista da ABRALIN, 5, 185–213.
- Nedjalkov, V. P. (1995). Some typological parameters of converbs. Converbs in cross-linguistic perspective, 97–136.
- Nikolaeva, I. (2007). Finiteness: Theoretical and empirical foundations. Oxford University Press.
- Noonan, M. (1992). A grammar of lango (Vol. 7). Walter de Gruyter.
- Noonan, M. (1997). Versatile nominalizations. Essays on language function and language type, 373–394.
- Pylkkänen, L. (2008). Introducing arguments (Vol. 49). MIT press.
- Radford, A. (1988). Transformational grammar: A first course (Vol. 1). Cambridge University Press.
- Rizzi, L. (1997). The fine structure of the left periphery. In Elements of grammar (pp. 281–337). Springer.
- Roberts, J. R. (1988). Amele switch-reference and the theory of grammar. Linguistic Inquiry, 19(1), 45–63.
- Rocha, I. (2011). A estrutura argumental da língua karitiana: desafios descritivos e teóricos (Unpublished master's thesis). Universidade de São Paulo.

- Rocha, I. (2014). Causativization in karitiana. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, 9(1), 183–197.
- Rocha, I., e Vivanco, K. C. (2012). O nominalizador {-pa} em karitiana: o caso das sentenças de cópula. In Celsul (Vol. 10).
- Rodrigues, A. D. (1986). Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola.
- Rodrigues, A. D., e Cabral, A. S. A. (2012). Tupían. The Indigenous Languages of South America, 2, 495–574.
- Ross, J. R. (1967). Constraints on variables in syntax (Unpublished doctoral dissertation). Massachusetts Institute of Technology.
- Salanova, A. P. (2008). Uma análise unificada das construções ergativas do mebengogre. Ameríndia, 32, 109–134.
- Salanova, A. P. (2011). Relative clauses in mēbengokre. Subordination in South American languages, ed. Pieter Muysken, Rik van Gijn, and Katharina Haude, 45–78.
- Sanchez-Mendes, L. (2014a). A modificação de grau em karitiana (Unpublished doctoral dissertation). Universidade de São Paulo.
- Sanchez-Mendes, L. (2014b). Trabalho de campo para análise linguística em semântica formal. Revista Letras, 90(2).
- Soong, K.-H. (2009). Relative clauses in cantonese: an lfg approach (Unpublished doctoral dissertation). The University of Hong Kong (Pokfulam, Hong Kong).
- Storto, L. (1999). Aspects of a karitiana grammar (Unpublished doctoral dissertation). Massachusetts Institute of Technology.
- Storto, L. (2001). Duas classes de verbos intransitivos em karitiana (família arikém, tronco tupí). Des noms et des verbes en Tupi-Guarani: état de la question. Paris: Lincom-Europa, 163–180.
- Storto, L. (2002). Algumas categorias funcionais em karitiana. Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática e história, 1.
- Storto, L. (2005). Caso e concordância em línguas tupi. Estudos Linguísticos, 34, 59–72.
- Storto, L. (2007). Anafora ta em karitiana: um argumento de terceira pessoa não especificado para número. In (Vol. V).
- Storto, L. (2010). Copular constructions in karitiana: a case against case movement. University of Massachusetts Occasional Papers, 41, 205–226.

- Storto, L. (2012a). Duplicação em karitiana. Nominais Nus. Um olhar através das línguas. Campinas, Mercado de Letras, 213–234.
- Storto, L. (2012b). Subordination in karitiana. Subordination in Amazonian Languages, eds. Frantomé Pacheco, Francisco Queixalos, Leo Wetselz & Stella Telles. Brill's Studies in the Indigenous Languages of the Americas.
- Storto, L. (2013a). Paralelos estruturais entre a quantificação universal e as orações adverbiais em karitiana. Estudos Linguísticos, 42(1), 174–181.
- Storto, L. (2013b). Temporal and aspectual interpretations in non-finite clauses. Time and TAME in Language. Newcastle upon Tyne: Cambridge Scholar Publishing.
- Storto, L. (2014a). Constituent order and information structure in karitiana. Information Structure and Reference Tracking in Complex Sentences, 105, 163.
- Storto, L. (2014b). The syntactic structure of embedded clauses in karitiana. (Trabalho apresentado no First seminar on control and finiteness at USP)
- Storto, L. (2016). Negation strategies in karitiana (Vol. 6). (Letícia, Colômbia, 24 a 28 05 de 2016)
- Storto, L. (Manuscrito). O nominalizador pa em karitiana.
- Storto, L., e Baldi, P. (1994). The proto-arikem vowel shift. paper read at the. In Lsa annual meeting.
- Storto, L., e Demolin, D. (2005). Pitch accent in karitiana. KAJI, S, 329–356.
- Storto, L., e Rocha, I. (2015). Estrutura argumental língua karitiana. In L. Storto, B. Franchetto, e S. Lima (Eds.), Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do brasil (1st ed., pp. 17–42). Mercado de Letras.
- Storto, L., Vivanco, K. C., e Rocha, I. (2015). Multiple embedding of relative clauses in karitiana. Recursion and Embedding in Brazilian Languages and Beyond. submetido para publicação: Cambridge Univ. Press.
- Tovena, L. M., e Donazzan, M. (2008). On ways of repeating. Recherches linguistiques de Vincennes(37), 85–112.
- Travis, L. (1988). The syntax of adverbs. McGill Working Papers in Linguistics, 20, 280–310.
- Vivanco, K. C. (2009a). Evidencialidade em karitiana: aspectos morfológicos e sintáticos (Vol. 17).
- Vivanco, K. C. (2009b). Evidencialidade em karitiana: um estudo sintático (Vol. 57). <http://www.gel.org.br/?resumo=5485-09>. (online; acesso em 03.01.2016)

- Vivanco, K. C. (2010). Aspectos sintáticos da evidencialidade em karitiana (Vol. 58). <http://www.gel.org.br/?resumo=6750-10>. (online; acesso em 03.01.2016)
- Vivanco, K. C. (2014). Orações relativas em karitiana: um estudo experimental (Unpublished master's thesis). Universidade de São Paulo.
- Vivanco, K. C. (2016). Word order and prosody in karitiana relative clauses (Vol. 7). (Austi, trabalho apresentado em 20/10/2015)
- Yamaguchi, G. (1992). Kodaigo no zyntax koozoo. Kakugo Kokubum, 693, 1–16.
- Yap, F. H., e Wang, J. (2011). From light noun to nominalizer and more: The grammaticalization of zhe and suo in old and middle chinese. In F. H. Yap, K. Grunow-Härsta, e J. Wrona (Eds.), Nominalization in asian languages: diachronic and typological perspectives (pp. 61–107). John Benjamins Publishing.